

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

FÁBIO REIS BOTELHO

**REDES DE COOPERAÇÃO NAS ELEIÇÕES NO AMAZONAS:
UMA VISÃO ECOSSISTÊMICA COMUNICACIONAL**

MANAUS

2019

FÁBIO REIS BOTELHO

**REDES DE COOPERAÇÃO NAS ELEIÇÕES NO AMAZONAS:
UMA VISÃO ECOSSISTÊMICA COMUNICACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Amazonas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Renan Albuquerque

MANAUS

2019

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

B748r Botelho, Fábio Reis
Redes de Cooperação nas eleições no Amazonas : Uma visão
ecossistêmica comunicacional / Fábio Reis Botelho. 2019
125 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Renan Albuquerque Rodrigues
Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. redes de cooperação. 2. redes sociais. 3. ecossistemas
comunicacionais. 4. eleições. 5. representações sociais. I.
Rodrigues, Renan Albuquerque II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

FÁBIO REIS BOTELHO

**REDES DE COOPERAÇÃO NAS ELEIÇÕES NO AMAZONAS:
UMA VISÃO ECOSSISTÊMICA COMUNICACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Amazonas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, sob a orientação do Professor Doutor Renan Albuquerque Rodrigues

Aprovado em ____/____/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Renan Albuquerque – Presidente

Profa. Dra. Rosimeire de Carvalho Martins – Membro da Banca

Prof. Dr. Gustavo Soranz Gonçalves – Membro da Banca

Prof. Dr. Allan Soljenitsin Barreto Rodrigues – Membro Suplente

Profa. Dra. Maria Emilia de Oliveira Pereira Abbud – Membro Suplente

**MANAUS
2019**

À minha esposa e filhos, de quem horas de
convívio foram roubadas pela dedicação a
este trabalho

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder cada dia de minha existência e por ter me permitido chegar até aqui, com saúde, recursos e discernimento, desprovido de merecimento que sou de sua graça, derramada sobre esse sopro efêmero que é essa minha existência na Terra.

Ao meu orientador, professor Doutor Renan Albuquerque, pela disponibilidade em me conduzir pelos caminhos da ciência, com liberdade, mas sempre me ajudando a manter o foco, sempre pronto a esclarecer dúvidas e comprometido com o resultado dessa dissertação.

A minha esposa, Ana Régia, pelo companheirismo tantas vezes fundamental nos momentos mais difíceis, e aos meus filhos, Eduardo e Renata, por compreenderem os muitos momentos de ausência por conta de meus estudos e da produção desse trabalho.

Aos meus pais Roberval (sempre presente com seus ensinamentos) e Lourdes, pelas muitas privações que passaram para que eu fosse exposto a leituras e pudesse estudar nas melhores instituições que eles puderam me matricular.

Ao meu chefe e amigo, Gláucio Marques, sem cuja ajuda e compreensão e não poderia ter me dedicado a este percurso na academia, que foi concomitante com as eleições 2017 e 2018.

Ao meu colega de setor, Andretti Barbosa, que muitas vezes demonstrou sua amizade e compreensão nas situações nas quais tinha que resolver questões do mestrado.

Aos professores do PPGCCOM, que ampliaram meus conhecimentos e me apresentaram às leituras que me conduziram a horizontes que nunca imaginei alcançar.

Aos servidores do TRE-AM, mesários, técnicos, ex-servidores, que me concederam seus depoimentos e permitiram minha presença nos locais de trabalho, durante as eleições. Cada um foi de fundamental importância para que pudesse realizar a pesquisa de campo.

À professora Doutora Rosimeire de Carvalho Martins, que me apresentou à TRS e me deu conselhos valiosos em momentos difíceis que passei no decorrer do mestrado.

Ao Professor Doutor Gilson Vieira Monteiro, que me apresentou aos ecossistemas comunicacionais e ao pensamento complexo, mudando em muito meu modo de observar as coisas.

À professora Célia Regina Simonetti Barbalho, por me apresentar às redes de cooperação, constructo teórico que foi um dos arcabouços deste trabalho.

À fundação Mathias Machline, instituição na qual cursei o ensino médio, onde fiz bons amigos e onde me foram proporcionados três anos de ensino de qualidade, fundamentais para que pudesse chegar até aqui.

À Universidade Federal do Amazonas, onde concluí minha graduação e onde me foi proporcionado o Mestrado em Ciências da Comunicação. Nesta instituição, pude ter contato com o que hoje forma muito da minha visão de mundo.

Ao Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas, meu local de trabalho há 14 anos, onde desenvolvo minhas atividades na área de Comunicação, labor que mais que obrigação, vejo como motivo de satisfação pessoal.

"Em algum lugar, alguma coisa incrível
está esperando para ser descoberta."

Carl Sagan

RESUMO

A presente dissertação tem o intuito de apresentar pesquisa e resultados decorrentes acerca das redes de cooperação formadas para a realização das eleições, em especial as eleições gerais de 2018, realizadas no Estado do Amazonas, com foco nos ecossistemas comunicacionais e na Teoria das Representações Sociais através do pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, com levantamento de material bibliográfico e documental, bem como depoimentos e anotações coletados no âmbito do TRE-AM, instituição que planeja e conduz o processo eleitoral no Estado, para posterior análise a partir das teorias previamente estudadas. As análises não foram feitas a partir de cada teoria separadamente, mas buscou-se a interpenetração entre os constructos teóricos, de forma a construir uma descrição e realizar um estudo analítico do ecossistema comunicacional existente dentro dessa rede, a partir da dinâmica presente nas representações sociais percebidas a partir das falas e anotações. A dissertação começa com uma descrição do processo eleitoral, à luz das teorias das redes de cooperação e das redes sociais, necessária à compreensão do que foi posteriormente apresentado, a saber, a TRS e a Teoria dos Ecossistemas comunicacionais. Nos depoimentos, foram destacadas as representações das categoria trabalho, com suas classes recompensa, competição e cooperação, a partir do modelo proposto por Flament (1989). Em uma segunda análise, demonstrou-se que, para realizar uma interpretação, o sujeito recorre a diversas representações junto a seu capital simbólico. Essas representações, em conjunto com os meios e mensagens presentes nas interações comunicativas, constituem o ecossistema comunicacional presente na malha formada, que, através de elos constituídos por essas interações, experimenta um processo dinâmico e retroalimentativo, demonstrado nas análises das falas e anotações. Por fim, concluiu-se pela possibilidade de se demonstrar os processos existentes dentro do ecossistema comunicacional presente nas redes sociais formadas no grupo cooperativo, e sua ligação intrínseca e indissociável com a formação e funcionamento da rede.

Palavras-chave: redes de cooperação, redes sociais, eleições, Amazonas, ecossistemas comunicacionais, representações sociais.

ABSTRACT

This dissertation aims to present research and results related to the cooperation networks developed for the election process, specially the general elections of 2018, in the State of Amazonas, focusing on communicational ecosystems and Social Representation Theory, through bibliographical research and field research, including bibliographical and documentary material, as well as interviews and notes collected within the framework of TRE-AM, the institution that plans and drives the electoral process in the State, for analysis based on previously studied theories. The analysis were not made from each theory separately, but we intended the interpenetration between the theoretical constructs, in order to make a description and an analytical study of the communicational ecosystem existing within this network, based on the dynamics present in the social representations perceived from the interviews and notes. The dissertation begins with a description of the electoral process, based on theories of cooperation networks and social networks, necessary to understand what was presented later, namely the SRT and the Theory of Communicational Ecosystems. In the statements, the representations of the work category were highlighted, with their reward, competition and cooperation classes, based on the model proposed by Flament (1989). In a second analysis, it was demonstrated that, in order to perform an interpretation, the subject uses several representations of symbolic resources. These representations, with the medias and messages in the communicative interactions, constitute the communicational ecosystem present in the formed mesh, which through the links constituted by these interactions, experiences a dynamic and feedback process, demonstrated in the analyzes of the speeches and annotations. Finally, it was possible to demonstrate the existing processes within the communicational ecosystem present in the social networks formed in the cooperative group, and their intrinsic and inseparable connection with the formation and functioning of the network.

Keywords: cooperation networks, social networks, elections, Amazonas, communicational ecosystems, social representations.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Embarque das urnas.....	22
Figura 2: Índios da etnia Marubo levando as urnas para a aldeia onde foi montada a seção de votação.....	23
Figura 3: Embarque de urnas eletrônicas, técnicos responsáveis e equipamentos de transmissão que fizeram a eleição no Vale do Javari, Amazonas	24
Figura 4: Treinamento dos contadores e advogados responsáveis pelas prestações de contas das candidaturas. Fonte: TRE-AM.....	25
Figura 5: Treinamento dos contadores e advogados responsáveis pelas prestações de contas das candidaturas. Fonte: TRE-AM.....	26
Figura 6: Reunião do Gabinete de Gestão Integrada (entidades responsáveis pela segurança e infraestrutura.....	27
Figura 7: Servidor do TRE-AM, juntamente com prestador de serviço (“prático da embarcação) e policiais militares, levam urna eletrônica para comunidade rural do município de Manaquiri.....	32
Figura 8: rede de cooperação atuante na eleição (diagrama parcial)	45
Figura 9: membros da rede de cooperação atuante na eleição (diagrama parcial) ...	46
Figura 10: Treinamento dos Chefes de Cartório.....	47
Figura 11. Ilustração do Núcleo de Trabalho no contexto do diagrama de rede das eleições 2018, com destaque para o conjunto de atores da zona eleitoral.....	78
Figura 12: Treinamento ministrado aos partidos políticos, sobre contas eleitorais...	117
Figura 13: reunião da Administração do Tribunal com representantes do Facebook e do Whatsapp.....	117
Figura 14: Blitz da Comissão de Fiscalização da Propaganda Eleitoral.....	118
Figura 15: Efetivo da Polícia Militar que guarneceu o pleito em Lábrea.....	118
Figura 16: Servidores levando a urna eletrônica para local de votação, em Anori....	119
Figura 17: Carregamento de urnas em barco.....	119
Figura 18: Carregamento de urnas em caminhões, no depósito de urnas.....	120

Figura 19: Carregamento de urnas.....	120
Figura 20: Carga e lacre das urnas.....	121
Figura 21: Treinamento dos Técnicos de Transmissão de dados de votação.....	121
Figura 22: geração das mídias de dados.....	122
Figura 23: Reunião do Gabinete de Gestão Integrada.....	122
Figura 24: Centro de Divulgação das Eleições.....	123
Figura 25: Diplomação dos Eleitos.....	123
Figura 26: indígena da etnia marubo votando.....	124

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Processos, tarefas e instituições participantes das eleições.....	28
Tabela 2: Tarefas nas quais acontecem interações entre membros de organizações diferentes, nas eleições (amostra).....	41
Tabela 3: Cronograma do transporte de urnas de Manaus para os polos.....	115
Tabela 4: Cronograma do transporte de urnas de Manaus para os polos.....	115
Tabela 5: Cronograma de Geração de Mídia, carga e lacre das urnas eletrônicas..	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	20
REDES DE COOPERAÇÃO NAS ELEIÇÕES NO AMAZONAS	20
1.1. As eleições eletrônicas	21
1.2 Redes de cooperação	30
1.3. Redes sociais	33
CAPÍTULO 2	49
REFERENCIAL TEÓRICO	49
2.1. A comunicação	50
2.1.1. Do mundo fragmentado à visão ecossistêmica	50
2.1.1.1. A fragmentação do conhecimento	50
2.1.1.2. Um cosmos indissociável	52
2.3. Representações sociais	59
2.4 Representações sociais, ecossistemas comunicacionais e redes	65
CAPÍTULO 3	67
METODOLOGIA	67
PERCURSO DO TRABALHO DE PESQUISA	67
3.1. Local	67
3.2. Abordagem	67
3.3. Universo	68
3.4. Amostra	68
3.5. Instrumentos e Técnicas	69
3.6. Procedimentos de coleta	69
3.7. Procedimentos de análise	71
3.8. Análise crítica dos riscos e benefícios:	71
3.8.1. Riscos	71
3.8.2. Benefícios	72
CAPÍTULO 4	73
RESULTADOS E DISCUSSÃO	73

4.4. TRS, ecossistemas comunicacionais e redes nas eleições: uma conversa entre teorias à luz dos resultados	91
CONCLUSÕES.....	101
REFERÊNCIAS	106
APÊNDICES	109
ANEXOS.....	114

INTRODUÇÃO

As parcerias entre organizações, com a finalidade de colocar em prática projetos de interesse comum ou, no caso da Administração Pública, de interesses da sociedade, são realizadas de várias maneiras. Organizações são fruto de relacionamentos entre pessoas, a partir de acordos sociais escritos ou tácitos. Mesmo as convenções formais são originadas e constituem processos comunicacionais¹ inter-relacionais.

Nessa realidade, pode-se inferir que a interação humana ocorre a partir de processos comunicacionais inseridos em um ecossistema. Para que se possa determinar como ocorrem esses processos, há que se ter uma percepção sistêmica, que vá além do fazer, das tarefas de modo isolado, levando em conta que as organizações e as pessoas que as compõem agem a partir de um modo de perceber e lidar com o entorno construído ao longo de suas existências. Há que se considerar a interação com o meio, apurar e discutir as variáveis que acabam por interferir nesses processos.

As afirmações acima são percepções cuja análise e comprovação demandam um trabalho de pesquisa, que tem como caminho o enveredamento em vários compartimentos do conhecimento humano. Não há como analisar qualquer processo comunicacional sem levar em conta as variáveis psicológicas, sociais, biológicas, bem como os componentes da ciência da administração, visto que se trata, nesse caso, de ambientes corporativos.

¹ Processos comunicacionais, no contexto deste trabalho, são todas as interações comunicativas, entre elas as realizadas por meio da escrita, da fala, de gestos, sinais gráficos, entre outros, sejam elas formais, como normativos e portarias, ou informais, como conversas, ou ainda realizadas através dos diversos tipos de mídias disponíveis. A palavra processo é usada pelo fato de que a interação não se resume à interação em sua forma visível, mas às diversas interpretações feitas ao longo da interação.

Esse trabalho fez uma análise o processo eleitoral brasileiro, em especial o que acontece no Amazonas, pela rede de organizações que o realiza, sob a ótica dos ecossistemas comunicacionais, verificando a existência e funcionamento dos ecossistemas comunicacionais através do estudo dos processos comunicacionais existentes em um ecossistema formado durante o processo eleitoral, demonstrando, a partir da análise do material coletado, à luz do referencial teórico consultado, que:

- a. Cada organização possui, em seu bojo, uma ou mais redes sociais funcionando.
- b. Cada rede social dessas está imersa em um ecossistema comunicacional, que interage com o meio, que são os demais ecossistemas que seus membros estão envolvidos, já que desempenham vários papéis nas várias redes das quais participam.
- c. A rede de cooperação formada para as eleições constitui, entre os membros que dela participam, uma rede social, com seu ecossistema comunicacional próprio.
- d. No ecossistema formado, ocorrem processos autopoieticos, típicos de ecossistema, nos quais os atores da rede de cooperação interpretam a realidade apresentada na rede de cooperação a partir do capital simbólico trazido de seu grupo de origem, a saber, das representações sociais mantidas por esse grupo.
- e. As interações entre dois desses ecossistemas comunicacionais, ao se tangenciarem dentro de um terceiro, provocam mudanças neles, que podem ser percebidas nas mudanças de percepção de seus membros que participaram desse encontro.

Ao descrever o processo eleitoral, procuramos exemplificar com a realização deste no Estado do Amazonas. Descrevemos como diferentes organizações se envolvem no processo eleitoral, formando uma rede com características próprias, que reflete as culturas internas das organizações que a compõem.

A formação e atuação dessas redes é demonstrada a partir do cabedal teórico a respeito do tema, abordando, primeiramente, o que são redes de cooperação, oferecendo uma análise destas, mostrando que organizações são redes sociais, que constituem ecossistemas, e que a formação destas redes se dá a partir dos processos comunicacionais existentes entre seus membros, demonstrando, portanto, como os nós que formam essa rede são, prioritariamente, definidos pelas vias de comunicação que vão surgindo ao longo do processo.

Definidas as características dessas redes, aborda-se duas teorias que, em conjunto, trazem à luz conclusões a respeito de seu funcionamento, a saber, a teoria dos ecossistemas comunicacionais e a TRS (teoria das representações sociais).

O segundo capítulo é dedicado às teorias que formam o arcabouço que foi utilizado como base para o exame do objeto. A teoria dos ecossistemas comunicacionais mostra como a comunicação é realizada dentro de um ecossistema que, embora formado para o cumprimento de uma tarefa específica, é uma intercessão entre os ecossistemas já existentes em cada organização. Essas estruturas são influenciadas também pelo meio em que elas estão imersas, de forma que não há como criar um sistema artificial, onde novas normas norteiem as relações dentro da rede formada.

Há, na verdade, uma interpenetração de sistemas, onde cada ecossistema que compõe influencia e é influenciado pelos demais, à medida que interagem. A Teoria das Representações Sociais servirá como base para a demonstração de que, sendo uma organização um grupo social, ele não só recebe as representações sociais dos meios em que está imersa, adotando-os, visto que os indivíduos, ao cumprir seus diversos papéis não se inserem em um só meio. Essas organizações também engendram, em seu interior, representações sociais que, em um contato de curto prazo com outros grupos, podem ou não refletir na modificação das representações já existentes ou criar novas representações.

O terceiro capítulo é a descrição da metodologia utilizada para a confecção deste trabalho, desde os critérios adotados para a revisão bibliográfica, até os métodos utilizados para a realização das entrevistas e das anotações. As entrevistas em profundidade foram realizadas com pessoas cujo universo são as organizações participantes do processo eleitoral, a saber:

- a. Membros das organizações participantes do processo eleitoral.
- b. servidores do TRE que, durante as eleições, tiveram contato com membros de outras organizações participantes das eleições.

Nessas entrevistas, procurou-se obter descrições das participações dos indivíduos dos grupos captando conceitos de membros de cada organização acerca de elementos que constam no processo eleitoral, mormente no que diz respeito às percepções sobre trabalho, competição, cooperação e recompensa.

Aliado a isso, como servidor do TRE-AM, já tendo uma experiência de cerca de 14 anos em eleições, fiz anotações em um diário de campo, de observações que fiz dos atores das redes formadas, a forma como exprimem suas percepções, bem como estabeleci relações dessas percepções com os grupos dos quais são originários, buscando estabelecer o quanto se carrega das representações típicas do grupo de onde elas vêm, especificamente nas categorias acima citadas. Por outro lado, busquei também indícios de alterações em suas representações por conta do contato com membros de outros grupos, pertencentes, como elas, às redes de cooperação naquele momento formadas.

No quarto capítulo, apresentamos os resultados e discussões a partir das análises obtidas nas entrevistas, bem como do conteúdo captado no campo e anotado no diário de campo, a partir da delimitação epistemológica dada pelos escopos teóricos apresentados nos três primeiros capítulos, partindo da análise tanto do conteúdo manifesto nas entrevistas, quanto do latente, a partir do contexto social de cada um, realizando uma imersão fenomenológica nos dados obtidos.

Essa análise visa demonstrar que os significados que cada grupo atribui para entes conceituais específicos, ao travar contato com os objetos que o trabalho dentro dessa rede de cooperação apresenta, podem ter uma mudança ao longo dos contatos desse grupo, de forma que importantes componentes de um ecossistema comunicacional são modificados no contato com o meio, no caso, com outro ecossistema. Por outro lado, embora haja essa mudança, o que se pôde observar foi a autopoiese² atuando sobre essa interpretação, por meio das representações sociais adquiridas nos seus grupos sociais de origem. Essa baixa permeabilidade, associada ao comportamento autopoietico, são características típicas de ecossistemas.

O capítulo final apresenta as conclusões, demonstrando que, através das entrevistas e anotações, concluiu-se pela possibilidade de analisar o ecossistema

² Autopoiese significa que um sistema complexo reproduz os seus elementos e suas estruturas dentro de um processo operacionalmente fechado com ajudados seus próprios elementos. Enquanto Maturana /Varela restringem o conceito da autopoiese a sistemas vivos, Luhmann o amplia para todos os sistemas em que se pode observar um modo de operação específico e exclusivo, que são, na sua opinião, os sistemas sociais e os sistemas psíquicos. Fora dos sistemas sociais, não há comunicação e fora dos sistemas psíquicos não há pensamento. Ambos os sistemas operam fechados, no sentido que as operações que produzem os novos elementos do sistema, dependem das operações anteriores do mesmo sistema e são, ao mesmo tempo, as condições para futuras operações. Esse fechamento é a base da autonomia do sistema. Válido ressaltar que o conceito da autopoiese em nenhum momento vem negar a importância do meio para o sistema, pois, lembrando, sem meio não há sistema. (MATHIS, 1998, p. 3-4)

comunicacional através das representações sociais, que, através do sistema de categorias que a teoria oferece, permite uma delimitação epistemológica e um estabelecimento de método que fazem com que a pesquisa possa ter um liame bem definido, com resultados demonstráveis, embora as interpretações verificadas não se limitem às categorias analisadas, o que demandou uma descrição posterior, elencando parte da grande quantidade de representações acessadas em qualquer ato comunicativo.

Mostra-se, ainda, que esse trabalho oferece contribuições para vários campos do conhecimento que podem advir desse estudo e da posterior aplicação dele no desenvolvimento de outras pesquisas. As mais evidentes são as contribuições para as próprias teorias aqui apresentadas.

Tanto para campo teórico acerca das redes de cooperação, como para a TRS e a Teoria dos ecossistemas comunicacionais, contribui-se, através deste trabalho, com a observação, *in loco*, dos fenômenos descritos e analisados por estas teorias, que cria, a nosso ver, a possibilidade de novas interações entre esses constructos.

CAPÍTULO 1

REDES DE COOPERAÇÃO NAS ELEIÇÕES NO AMAZONAS

Neste capítulo, é descrito o processo eleitoral brasileiro, em especial o realizado no Amazonas, com a finalidade de demonstrar como diversas organizações formam redes de cooperação transitórias, que atuam nas eleições. Para tanto, de forma que seja compreendida a formação e operação dessas redes, a descrição será acompanhada de revisão literária que trará luz sobre o tema, de forma a fornecer ao leitor um o recorte do objeto de estudo, cuja análise que será realizada nos capítulos seguintes, sob o prisma dos referenciais teóricos abordados nos capítulos 2 e 3, que guiarão a discussão do fenômeno descrito.

O escopo é definir redes de cooperação, mostrar que cada organização formadora destas redes possui, em seu bojo, uma rede social e que há a formação de redes sociais no processo de interação entre elas, quando estabelecem estas parcerias.

O capítulo, portanto, embora tenha como base a descrição do processo eleitoral e seus atores, constitui também uma revisão de literatura, necessária ao entendimento de como o fenômeno apresentado se enquadra na qualidade de rede de cooperação, e de como essa rede constitui uma rede social. Dessa forma, realiza o recorte epistemológico necessário ao exame posterior, já que delimita o fenômeno a ser estudado e o enquadra em uma categoria dentro do conhecimento, descrevendo-o a partir de um conhecimento teórico estratégica e arbitrariamente, assim também compulsoriamente (debita-se essa última à exiguidade do tempo) definido e limitado.

1.1. As eleições eletrônicas

Com a chegada da urna eletrônica, o processo de votação sofreu um salto no que diz respeito a segurança e celeridade na coleta e totalização dos votos. Há um aparato tecnológico que permite o registro dos dados de cada eleitor, constituído, na ponta pela urna eletrônica, que é um terminal de computador preparado para, através da digitação em um teclado numérico, coletar a escolha dos candidatos que compõem um rol previamente formado, feita por cada cidadão inscrito no Cadastro Eleitoral que comparecer à votação, bem como o envio dos dados ao TSE, onde é realizada a totalização dos votos. Há ainda processos prévios e posteriores a esses supramencionados. Contudo, nos limitaremos à descrição e exame desses, pois são, no que diz respeito às redes de cooperação, os que mais fornecem subsídios ao trabalho científico ora tratado.

O processo eleitoral depende grandemente de uma infraestrutura e de uma logística que permitam o armazenamento, transporte e segurança das urnas, bem como a montagem do ambiente de votação, como a necessária manutenção do aparato durante o tempo de coleta dos votos bem como a transmissão dos dados através de grandes distâncias. Isso faz com que se necessite de grandes equipes, detentoras de diferentes expertises, fato que cria a necessidade da parceria entre a Justiça Eleitoral com muitos outros entes governamentais e privados, que detém as muitas competências necessárias à realização do amplo número de tarefas que a eleição envolve.

A fase preparatória inicia com a realização de contratos com os entes privados e convênios com entes públicos, onde começa a interação entre organizações com diferentes culturas internas, modos de operação, hierarquias e meios de comunicação. Firmados os contratos e convênios, há a fase de planejamento, onde a necessidade de expertises tanto do TRE como de cada instituição cooperadora faz com que sejam necessárias reuniões de planejamento, que, embora tenham como norte informações a respeito das eleições anteriores, devem fornecer respostas a novas necessidades e melhorias nos processos.



Figura 1: Embarque das urnas. Fonte: TRE-AM

Nesses encontros, há o desenvolvimento de um *modus operandi* já definido pelos membros dessas comissões interorganizacionais, já que a formação delas, embora norteadas por contratos ou portarias conjuntas, não possuem normativos que estabeleçam qualquer relação hierárquica entre os membros e na maior parte das vezes sequer definem competências para essas pessoas, de maneira que as redes formadas acabam por serem os ambientes nos quais os processos formais, tanto quanto os informais, acontecem.

As fases seguintes culminam no dia da eleição, quando cada local de votação deve estar montado. Para tanto, muitas tarefas são levadas a cabo. Dentre muitas, a distribuição das urnas para os pontos de votação, às vésperas das eleições, pode exemplificar essa demanda. Para levar as urnas eletrônicas de difícil acesso, a Justiça Eleitoral conta com o apoio das Forças Armadas e também contrata empresas especializadas em transporte, para que tanto as urnas quanto os kits de transmissão de dados via satélite cheguem da forma mais segura. Muitas são transportadas em

helicópteros, em aviões de diversos tipos, em barcos e até em canoas. Há trechos em que as condições são tão extremas que é preciso levar a urna a pé. (TSE, 2016, p.39)



Figura 2: Índios da etnia Marubo levando as urnas para a aldeia onde foi montada a seção de votação

A distribuição das urnas no Amazonas é feita em barcos até municípios utilizados como entrepostos logísticos. Como as informações para os *flashes* de votação (que são as mídias onde são armazenadas as informações de eleitores e candidatos) são distribuídas pelo TSE poucos dias antes da eleição, o processo de inserção destes nas urnas acontece a partir daí, quando então as urnas partem para outros municípios mais distantes, muitas vezes indo destes últimos para locais de votação ainda mais longínquos. Para chegar às seis aldeias indígenas do Vale do Javari onde são montados

locais de votação, por exemplo, percorre-se, no total, 11 mil quilômetros em helicópteros do exército brasileiro, em rotas organizadas não por aquela força armada, mas pelo setor do TRE-AM responsável por essa logística. (Botelho, 2012, p.10).



Figura 3 : Embarque de urnas eletrônicas, técnicos responsáveis e equipamentos de transmissão que fizeram a eleição no Vale do Javari, Amazonas

Nessa interação, há a necessidade dos responsáveis pela operação, na Justiça Eleitoral, entenderem de detalhes em nível operacional específicos da aviação. Esse conjunto de conhecimentos é adquirido em contatos com oficiais do exército responsáveis pelos planos de voo das missões militares, que conhecem as particularidades das aeronaves e das rotas que devem ser levadas em conta nestes planejamentos. Esses contatos levam para o cabedal dos servidores do TRE, e levam destes para os militares participantes desse processo, não só o conhecimento técnico, mas todo o conjunto de significados que o acompanha, transformando a percepção da realidade, de uma forma que será tratada no capítulo seguinte. Desse modo, se

estabelecem relações que alteram o ecossistema tanto do judiciário como do meio militar, trazendo ressignificações diversas, que são abordadas ao longo desse trabalho.



Figura 4: Treinamento dos contadores e advogados responsáveis pelas prestações de contas das candidaturas. Fonte: TRE-AM

Outro processo importante é o treinamento de pessoal. O treinamento de mesários, dos contadores e advogados responsáveis pelas contas dos partidos, entre outros que operam os softwares e equipamentos necessários à realização das eleições, além da organização do fluxo dos eleitores na hora da votação, são realizados por funcionários da própria Justiça Eleitoral, que passam as informações a pessoas recrutadas dentre os eleitores, no caso dos mesários, ou indicadas pelos partidos políticos, no caso dos responsáveis pelas contas das candidaturas.

Especificamente no caso dos mesários, a Justiça Eleitoral busca moradores do bairro ou funcionários da escola onde ficará instalada cada seção eleitoral, para atuarem nas mesas receptoras de votos. Com essa prática, aproveita-se o contato com o meio já previamente estabelecido pelo indivíduo, e as redes já formadas da qual faz parte

passam a ter elementos de intercessão com o ecossistema eleições. Essas intercessões muitas vezes são de grande utilidade para a solução de pequenos problemas que surgem ao longo do processo.

Para realizar tarefas que exigem conhecimento maior de Tecnologia da Informação, como a inserção das memórias nas urnas eletrônicas, a preparação delas nos locais de votação e resolução de problemas técnicos, há que se dar preferência a pessoas que já possuam um conhecimento prévio necessário ao aprendizado e desempenho da função. Dessa forma, embora a multiplicação do conhecimento seja feita pelo TRE-AM, o recrutamento e seleção é realizado pelo Instituto Federal do Amazonas, dentre seus alunos e egressos.



Figura 5: técnicos de urna preparando as Urnas Eletrônicas para a votação. Fonte : TRE-AM.

Com a finalidade de proporcionar à eleição condições para que ocorra em segurança, é necessária a parceria com várias entidades ligadas à segurança pública,

que vão desde as Forças Armadas, as polícias Federal, Civil e Militar. Realizam-se, portanto, convênios, com essas instituições, que não só interagem com o Tribunal, como entre si para que se facilitem as tarefas atribuídas a cada uma. Essa interação também, na maioria das vezes, não ocorre por meio de instrumentos oficiais, mas através de contatos entre seus membros, que estabelecem laços através de processos comunicativos mais ou menos frequentes, dependendo das tarefas a serem cumpridas.

Observa-se que as interconexões, no que diz respeito a processos, vão para além de um desenho centralizado, onde O TRE simplesmente atribuiria partes do processo a cada agente. Há interoperacionalidade em vários níveis, formando nodos diversos, onde muitas vezes vários desses agentes se encontram em diversas operações. Observa-se ainda, como visto acima, que as interações entre os membros independem destes acordos entre as organizações, surgindo das necessidades diárias impostas pelo trabalho e se formando a partir da ação voluntária dos atores deste processo.



Figura 6: Reunião do Gabinete de Gestão Integrada (entidades responsáveis pela segurança e infraestrutura. Fonte: TRE-AM)

Na tabela abaixo, podemos ver uma descrição das instituições envolvidas nas eleições, a partir das tarefas das quais participam. Note-se que essa lista se baseia em acordos de cooperação realizados entre as instituições, não constituindo, ainda, uma descrição da rede de cooperação formada, pelo menos enquanto redes sociais, visto que não se considera aqui as interações realizadas entre os indivíduos, de maneira que há um vislumbre ainda potencial dos processos comunicacionais presentes e dos laços formados a partir destes, que, neste trabalho, só posteriormente serão explicitados:

Processo	Tarefa	Entes envolvidos
Logística das urnas eletrônicas	Armazenamento	TRE CTIS Exército (segurança do material)
	Transporte	TRE Exército Empresas contratadas Aeronáutica
	Carga e Lacre	TRE IFAM CTIS
Segurança	Policiamento dos municípios e guarda dos locais de votação	Polícia Federal Polícia Civil Polícia Militar
	Transporte das forças de segurança	Exército Aeronáutica Marinha Empresas contratadas Polícia Federal (efetivo transportado) Polícia Civil (efetivo transportado) Polícia Militar (efetivo transportado) Exército (efetivo transportado) Aeronáutica (efetivo transportado) Marinha (efetivo transportado)

	Guarda das urnas eletrônicas e segurança dos locais de votação	Exército Aeronáutica Polícia Civil Polícia Militar
Fiscalização da Propaganda Eleitoral	Blitzes	TRE Polícia Federal Polícia Civil Polícia Militar Semmas Detran MPF
	Investigação	TRE Polícia Federal MPF
	Autuação e tramitação de processos	TRE MPF
Eleições nos locais de votação	Montagem das urnas	TRE IFAM Mesários
	Recepção dos votos	Mesários TRE Fiscais MPE

Tabela 1: Processos, tarefas e instituições participantes das eleições.

Desde a fase preparatória, até a realização do pleito, a cooperação entre várias organizações é necessária, formando o que, dentro do escopo teórico delimitado neste trabalho para o tratamento dispensado a este fenômeno, é denominado rede de cooperação, construção teórica cujas características e pressupostos veremos a partir deste ponto.

1.2 Redes de cooperação

Organizações podem aproveitar infraestruturas comuns sem que isso constitua necessariamente uma rede. Um exemplo disso são os polos industriais, onde empresas aproveitam estruturas logísticas, redes viárias entre outras estruturas de uso comum, sem que isso implique relacionamento ou interdependência em qualquer nível.

“Redes são um composto culturalmente constituído de processos de interações comunicativas, inseparáveis da cultura, da estrutura, da linguagem e dos laços relacionais criados dentro de um grupo” (VIZZOTO *et al.*, 2016, p.107). Para que o relacionamento entre diferentes organizações seja definido como uma rede de cooperação, são necessárias algumas características, que fazem com que determinadas tarefas sejam cumpridas em conjunto, ou por uma das organizações participantes da rede, em prol do grupo ou de outra delas, a partir de um acordo prévio explícito. De forma específica, os interesses comuns devem ser de alguma forma explicitados porque são eles que definirão as regras que determinarão, por sua vez, as ações que serão compartilhadas, de um lado, e de outro, os pressupostos do seu “caráter reciprocamente vinculador”, já que cada ator deve recorrer à regra para a atualização da ação, conforme definem, que recai sobre os objetivos partilhados (TÁLAMO, 2008, p. 59).

Diferentes organizações podem atuar em conjunto, a partir de um projeto específico, caso a rede seja formada para atuação nesse projeto específico, ou na realização de um processo que continuamente se repete, onde cada ente atua em uma parte específica, em tarefas complementares, sem as quais não se pode ter o processo completo. Participar de uma rede organizacional vai além de trocar informações a respeito dos trabalhos que um grupo de organizações realiza isoladamente. Estar em rede significa comprometer-se a realizar ações concretas em conjunto, compartilhando valores e atuando de forma flexível, transpondo, assim, fronteiras geográficas, hierárquicas, sociais ou políticas (FERNANDES, 2004, p. 2).

Buscam-se, portanto, os conhecimentos e habilidades que cada organização detém, para a realização de partes específicas de um determinado processo. Não seria viável o investimento em tempo e desenvolvimento pessoal para a realização de uma tarefa específica, que muitas vezes, embora necessária, não constitui atividade-fim da instituição, ou não vale a pena por causa do tempo em que aquele conhecimento e/ou habilidades serão exigidos. Redes de cooperação são, assim, a interligação de

organizações para a realização de um ou mais processos, alcançando objetivos comuns. As configurações que definem esse tipo de entrelaçamento são, essencialmente, estruturais e relacionais, facilitando a realização de ações conjuntas e a transação de recursos para alcançar objetivos organizacionais (BALESTRIN e VERSCHOORE, 2008, p. 462).

No caso das eleições, fala-se em redes, no plural, porque as várias etapas do processo eleitoral definem a operação de diferentes interações entre a Justiça Eleitoral e diversas organizações, situações nas quais se formam redes que duram por todo o processo ou, ainda, têm uma vida útil limitada enquanto tarefas específicas são realizadas. Na formação dessas redes, o fundamento é a capacidade de colaboração de cada organização envolvida. Colaboração, por definição, é um processo através do qual, diferentes partes, vendo diferentes aspectos de um problema podem, construtivamente, explorar suas diferenças e, procurar limitadas visões, e “ocorre quando um grupo de *stakeholders* com domínio de um problema ou parte dele, se envolvem em um processo interativo, usando divisão de papéis, normas e estruturas, para agir ou decidir questões relacionados ao problema”. (OLAVE e AMATO, 2001, p. 290)

Observa-se, ainda, a busca de uma expertise que a Justiça Eleitoral não só não possui, como, caso a buscasse para seus próprios quadros, faria a mesma tarefa com custos e riscos muito maiores, decorrentes da contratação e formação de pessoal. Não só a utilização do trabalho especializado é observada nessa relação, mas também uma troca de conhecimentos, pois, por exemplo, TRE e IFAM possuem diferentes competências no campo da tecnologia da informação e do treinamento, e a troca de conhecimentos surge naturalmente dessa interação. O Conhecimento gerado, não somente por canais formais, mas também de maneira tácita, empírica, transferido por meio das interações entre os indivíduos e as organizações, seja um aprendizado horizontal ou vertical, que se apresenta como uma segunda alternativa das redes e ocorre pelo desenvolvimento de habilidades por meio da sinergia de competências dos parceiros participantes de uma cadeia produtiva. (BALESTRIN e VERSCHOORE, 2008, p.462)



Figura 7: Servidor do TRE-AM, juntamente com prestador de serviço (“prático da embarcação”) e policiais militares, levam urna eletrônica para comunidade rural do município de Manaquiri. Fonte: TRE-AM.

As bases da existência das redes de cooperação, que constituem também a sua definição, são o interesse mútuo das entidades envolvidas, o aproveitamento de habilidades/conhecimentos, que cada participante possui, e que falta aos demais e a transferência desses conhecimentos. Entretanto, para o estudo em exposição, a mera classificação do fenômeno como uma rede de cooperação é ainda um recorte epistemológico insuficiente, visto que o cabedal teórico desenvolvido para esse compartimento do conhecimento não contempla os processos comunicacionais de forma satisfatória. O próximo passo desse afunilamento, então, é definir redes de cooperação como redes sociais, constructo que abarca uma série de pressupostos que atrela sua própria existência aos processos comunicacionais, dado ao exame a ser feito subsídios teóricos mais robustos.

1.3. Redes sociais

Embora o termo “redes sociais” esteja ligado às mídias utilizadas para a interação entre pessoas, através da rede mundial de computadores, sua utilização pelas ciências sociais é muito anterior ao evento da web, designando um conjunto de nós e elos relacionais existentes entre pessoas, cujas características e pressupostos teóricos podemos ver a partir deste ponto.

A vida em rede é característica encontrada em todos os ecossistemas presentes na natureza. Todos os seres vivos compõem ecossistemas dinâmicos, que integram uma paisagem, onde suas vidas entrelaçam-se numa teia de relações caracterizadas por cooperação, competição, predação, simbiose ou parasitismo. Esse sistema interligado e delicadamente equilibrado fornece alimento, abrigo, regulação de energia e reprodução. O Equilíbrio da rede depende de cada membro da comunidade, que tem um papel essencial. Não existem hierarquias, somente redes dentro de redes; não existem partes independentes, mas uma teia inseparável de relações. (FIALHO, 2015, p. 74).

Essa formação se reproduz dentro das relações entre os seres humanos, que, a exemplo do meio natural em que se encontram, e mantendo a forma do tecido no qual originalmente faz parte, cria grupos cuja afinidade é a relação com as atividades que desempenha. Assim, foram com os grupos para a coleta, a caça, as corporações de ofício, os monastérios, entre muitos outros. São redes existentes no seio da sociedade, formando, dentro de uma cultura, diversas outras, onde o indivíduo busca não só os benefícios do trabalho em grupo, mas suprir um senso de pertinência. Assim, as pessoas têm identidades diferentes porque esposam conjuntos diferentes de valores e crenças. Ao mesmo tempo, um só indivíduo pode pertencer a diversas culturas. O comportamento das pessoas é moldado e delimitado pela identidade cultural delas, a qual, por sua vez, reforça nelas a sensação de fazer parte de um grupo maior. A cultura se insere e permanece profundamente entranhada no modo de vida das pessoas e essa inserção tende a ser tão profunda que até escapa à nossa consciência durante a maior parte do tempo. A identidade cultural também reforça o fechamento da rede, na medida em que cria um limite feito de significados e exigências que não permite que quaisquer pessoas e informações entrem na rede. Assim, a rede social intercambia suas comunicações dentro de um determinado limite cultural, o qual é continuamente recriado e renegociado por seus membros (CAPRA, 2002, p. 91).

Com a revolução industrial, a formação das grandes urbes e uma nova organização social, houve uma complexificação da sociedade, com o engendramento de um número cada vez maior de grupamentos, nos quais o homem cada vez desempenhava mais papéis, formando agrupamentos constituídos por pessoas que se aproximam pela identificação comum a rituais e elementos da cultura que expressam valores e estilos de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo, ou ainda grupos dentro de organizações, que para além da mera divisão do trabalho, formam redes onde há um importante componente: o desempenho de papéis pelo indivíduo. Exemplificando: um pai que cuida de sua filha e pertence a um grupo de pais que compartilha informações sobre esses cuidados, pode frequentar um grupo de gestores que se reúnem para discutir assuntos relativos à administração e, à noite, vestir sua jaqueta preta e ir à reunião do grupo de motoqueiros a que pertence. Esse mesmo indivíduo está vinculado, de alguma forma, a um centro cuja finalidade é fabricar ou distribuir produtos ou serviços, onde cumpre um papel e com cujos demais membros estabelece um vínculo. Cada ser humano pode, então, participar de diversas redes, cujo processo de formação se dá a partir do conceito básico de horizontalidade, como uma malha, com fios ligados horizontalmente, sem ganchos de sustentação. “As redes sociais são organizadas em nós por algum liame: amizade, parentesco, interesses econômicos, interesses afetivos, interesses políticos etc. O que caracteriza uma rede são os nós e não o suporte” (SOUZA, 2012, p. 91). Assim, a formação dessas redes tem como seu pressuposto a existência de um conjunto de pessoas (organizações ou entidades) conectadas por relacionamentos sociais, motivadas pela amizade, relação de trabalho ou troca de informação — uma representação formal de atores e suas relações. O fenômeno da conectividade é que constitui a dinâmica das redes e existe apenas na medida em que as conexões forem estabelecidas.

A comunicação é elemento central das redes sociais. A rede social existe porque uma rede de comunicações a forma, e a comunicação entre os membros constrói e é construída pela cultura na qual a rede está imersa. É um movimento contínuo, que se dá em permanente retroalimentação, pois os indivíduos trazem, constantemente, elementos das outras redes às quais pertencem para cada uma delas. Há que se notar a existência de uma reprodução autopoietica, que não pode subsistir fora daquela rede, pois os elementos de comunicação são específicos dela, sendo produzidos e reproduzidos de

modo recorrente por uma rede de comunicações formada dentro das condições específicas impostas pelos atores e por peculiaridades da rede. Em outras palavras, essas redes de comunicação geram a si mesmas. Assim, a rede inteira se regenera, é autopoietica. A própria comunicação com o meio se dá a partir da construção do significado a partir do conteúdo corrente na rede. Como as comunicações se dão de modo recorrente em múltiplos anéis de realimentação, produzem um sistema comum de crenças, explicações e valores um contexto comum de significado - que é continuamente sustentado por novas comunicações. Através desse contexto comum de significado, cada indivíduo adquire a sua identidade como membro da rede social, e assim a rede gera o seu próprio limite externo. Não se trata de um limite físico, mas de um limite feito de pressupostos, de intimidade e de lealdade um limite continuamente conservado e renegociado pela rede de comunicações (CAPRA, 2002, p. 86).

Redes sociais são formadas pelas interações humanas anteriores mesmo aos grupos, sendo elas não meros receptáculos de comportamentos de seus membros, mas produtoras desses comportamentos, visto que o homem, desde os tempos mais remotos, sente necessidade de se agrupar, de trabalhar e viver em conjunto. As redes são maneiras de apresentar, visualizar e/ou investigar relações entre esses indivíduos. As redes sociais são modos de representação de estruturas sociais. Esse conceito só passa a ser inteligível se admitirmos que a estrutura é conhecida pelas configurações recorrentes das relações entre os indivíduos. Assim, a rede é anterior ao grupo, em termos ontológicos, portanto, o grupo é um fenômeno que ocorre na rede. Ao invés de dizer que redes são formas de representação de agrupamentos, seria adequado dizer que agrupamentos são configurações de rede. A ideia de que os atores sociais determinam o comportamento da sociedade quando se agrupam de uma determinada maneira decorre de uma incompreensão da rede, ou seja, de uma incompreensão de que o 'ator' é produzido pela tal estrutura social, isto é, pela rede. É importante referir que os indivíduos não são atores se não interagirem; e quando interagem já são rede. (FIALHO, 2015, p. 74). Esse pressuposto se faz útil para o recorte epistemológico do fenômeno em observação, dada a efemeridade do grupo formado para as eleições, que, longe de formar uma estrutura social no sentido mais estrito, forma, sim, uma rede, pois a implementação do projeto eleições exige o trabalho em conjunto em um curto período de tempo, mas que pressupõe interação entre os atores.

1.4. Redes de cooperação como redes sociais

1.4.1. Um exame da relação entre os constructos teóricos

As redes sociais surgem em espaços informais, nos quais são iniciadas a partir da tomada de consciência de que existem interesses e/ou de valores comuns entre seus participantes. Entre as motivações mais significativas para o desenvolvimento das redes estão os assuntos que relacionam os níveis de organização social-global, nacional, regional, estadual, local e comunitário. (MARTELETO, 2014, p.73). Há, portanto, uma relação pragmática, de busca de resultados que atendam aos interesses compartilhados entre os indivíduos. A participação em redes sociais envolve direitos, responsabilidades e vários níveis de tomada de decisões. Há, então, a uma diferença estrutural entre instituições e redes sociais. De forma diferente das instituições, as redes não supõem necessariamente um centro hierárquico e uma organização vertical, sendo definidas pela multiplicidade quantitativa e qualitativa dos elos entre os seus diferentes membros, orientada por uma lógica associativa. A mera união entre estes com a finalidade de atender a seus interesses comuns faz com que a formação destas se consolide. Essa característica faz com que pareça surgir um impasse entre o conceito de redes de cooperação com o de redes sociais.

Dado o fato de que redes de cooperação são redes formadas pela parceria entre diversas instituições, seria impossível conciliar, então, o conceito de redes de cooperação com o de redes sociais? Dizer que instituições são redes sociais coloca em choque os pressupostos fundamentadores das duas construções teóricas. Entretanto, cabe aqui um exame dos dois constructos, para que se chegue a uma conclusão acerca do proposto.

Verificando os elementos das redes de cooperação e comparando-os com os das redes sociais, notamos que toda organização é formada por pessoas, que, ao agir em prol das finalidades da organização e realizar um trabalho em grupo estabelecem um tecido social interno à entidade, que acaba por ganhar características e cultura própria, formando nós que tem muito mais relação os laços surgidos e os processos comunicacionais, do que com a estrutura oficial da organização. Esses laços que surgem, formando um tecido social interno, à luz da teoria supra exposta, são exatamente os pressupostos da existência das redes sociais, de modo que, embora as

organizações não sejam redes sociais, o processo comunicacional que se dá entre seus membros formam laços que fazem com que o trabalho nessas instituições seja realizado através dessas redes.

Sempre que organizações estabelecem parceria com vistas à cooperação mútua há, entre os membros que trabalham nas tarefas que surgem dessas parcerias, a formação de laços, a necessidade de processo comunicativos e relacionais, que definem também o surgimento de uma rede. A partir desse raciocínio, conclui-se que, embora instituições e redes sociais tenham pressupostos diversos, o modo como os membros das instituições interagem para que possam realizar seus trabalhos e atingir as finalidades das instituições fazem com que redes sociais sejam formadas por esses indivíduos, dentro das instituições das quais fazem parte. Ainda, as redes de cooperação, embora criadas, na maior parte das vezes, a partir de acordos formais, como são os presentes no caso ora estudado, são, do ponto de vista do conjunto de ações dos indivíduos, redes sociais, já que as ações surgem a partir de processos comunicativos e de laços formados entre as pessoas participantes.

As redes sociais, constituem, portanto, uma construção teórica válida para a análise das redes de cooperação. Mais ainda: embora nem toda rede social tenha um caráter cooperativo, toda rede de cooperação, pela sua constituição, é uma rede social. Contudo, embora os laços formados sejam entre indivíduos, a análise deles sempre deve levar em conta o contexto da rede onde se inserem. A análise de redes não constitui um fim em si mesma. Ela é o meio para realizar uma análise estrutural cujo objetivo é mostrar que a forma da rede é explicativa dos fenômenos analisados. O objetivo é demonstrar que a análise de uma díade (interação entre duas pessoas) só tem sentido em relação ao conjunto das outras díades da rede, porque a sua posição estrutural tem necessariamente um efeito sobre sua forma, seu conteúdo e sua função. Portanto, a função de uma relação depende da posição estrutural dos elos, e o mesmo ocorre com o status e o papel de um ator. Uma rede não se reduz a uma simples soma de relações, e a sua forma exerce uma influência sobre cada relação (MARTELETO, 2007, p.71). A descrição da rede é, portanto, uma ferramenta valiosa para descrever o papel dos atores e suas posições dentro de um contexto comunicacional, como ressignificadores do que vem de fora e do que circula dentro da rede, a partir dos significados que esse grupamento já carrega em seu bojo.

1.4.2 A descrição das redes sociais formadas no processo eleitoral

Para uma descrição da rede social formada, que seja útil ao estudo dos ecossistemas comunicacionais nas quais ela se encontra imersa, bem como das representações sociais. Necessita-se que se descreva as interações entre os membros dessas redes, pois é a partir dessa descrição, levando em conta os processos comunicacionais, que se pode delimitar os tipos de nodos formadores da rede a serem observados.

A classificação proposta por Tálamo (2008, p. 34) estabelece uma categorização dos tipos de rede, que para ele é fundamental para a compreensão do funcionamento de uma rede social:

Associativistas - ocorrem quando os atores participam de mesmos eventos tais como seminários, congressos, convenções, associações, etc.;

Biológicos, quando prevalecem graus de parentesco;

Formais são os estabelecidos no interior da hierarquia empresarial ou social;

Individuais, quando predominam a amizade entre os atores;

Interativos, caracterizados pela aproximação voluntária entre os atores em função de interesses ou necessidades comuns e convergentes;

Transacionais, quando ocorrem transferências de bens ou recursos materiais;

Transferenciais, quando ocorrem transferências de bens intangíveis na forma de serviços ou informações.

Na associação entre organizações para a realização das eleições, dentro dessa taxonomia, os nós podem ser classificados como interativos, pois há uma aproximação entre as organizações para o atendimento de um interesse comum, que é a realização das eleições, com a consequente manutenção do regime democrático e do estado de direito. Há ainda laços com característica transferencial, pois há uma transferência de serviços e informações. São prestados, por exemplo, serviços de segurança e transporte. De posse desse posicionamento dentro da taxonomia proposta, pode-se enumerar os nodos que constroem essas redes.

Como outro delimitador, usamos ainda, para nortear a análise das parcerias estabelecidas na realização do processo eleitoral, a classificação utilizada por Storper e Harrison (1991), onde se podem verificar vários níveis de rigidez formal, hierarquização, relação entre os atores e importância de cada um, entre outras:

Rede simétrica, na qual existe configuração igualitária da relação entre os atores secundários, sem qualquer espécie de hierarquia entre os agentes, ou seja, a relação é de natureza heterárquica.

Rede levemente assimétrica com empresa coordenadora, que tem uma estrutura com leve grau de hierarquia, o que caracteriza leve assimetria entre os participantes do sistema, com influência maior de uma das empresas, mas limitada e não determinante da sobrevivência das empresas participantes do sistema. O poder de governança da empresa coordenadora é limitado por sua incapacidade de realizar as atividades realizadas pelos demais participantes do sistema. As atividades exercidas são complementares.

Rede assimétrica com empresa líder apresenta forte hierarquização, com assimetrias entre a empresa líder e os demais agentes. Nessa estrutura, as ações das outras empresas do sistema dependem das estratégias da líder, tendo sua sobrevivência a ela condicionada (TÁLAMO, 2008, p. 40).

Nesta classificação, a rede denominada “levemente assimétrica com empresa coordenadora” encontra consonância com os laços encontrados na associação em estudo, visto que:

- a. Tem uma estrutura com leve grau de hierarquia onde o TRE define as necessidades a serem supridas, mas cada instituição escolhe o melhor modo de atender à demanda. Há, portanto, leve assimetria entre os participantes do sistema.
- b. O poder de governança da empresa coordenadora é limitado por sua incapacidade de realizar as atividades realizadas pelos demais participantes do sistema. Nesse caso, o TRE tem especialista em sua atividade-fim, que é fazer eleições, mas não possui expertise em transporte, ou segurança. Além disso, há atividades que são legalmente atribuições de cada entidade participante, não podendo ser exercida por outro.

Deste modo, os nós, embora obedecendo a determinações das administrações superiores de cada Órgão, e se constituam, em princípio, a partir das tarefas realizadas pelos membros de cada organização constituinte da rede em estudo e, portanto, pela transferência de serviços, são formados, no que diz respeito à efetiva atuação de seus agentes, pelas interações comunicacionais estabelecidas ao longo dos contatos entre eles.

Como exemplo, um soldado designado para garantir a segurança de um local de votação, embora responda diretamente ao seu superior hierárquico, mesmo em questões diretamente ligadas a atividades do dia do pleito, e tenha um manual de procedimento a seguir, vai exercer suas atividades mantendo contato, ainda que breve, com o responsável por aquele local de votação, normalmente alguém designado pela justiça eleitoral, assim como poderá manter contato, ainda que curto, com membros das mesas receptoras de voto. Um Policial Federal, ao acompanhar a equipe responsável por fiscalizar a propaganda irregular, vai interagir com os servidores do TRE e receberá instruções do Juiz responsável pela operação em curso, combinando estratégias específicas e interagindo, à medida que forem sendo executadas essas ações, com policiais de outras forças de segurança e com agentes da Semmas, Detran, ou outros órgãos que porventura participem dessas operações.

Assim, embora haja uma hierarquia rígida nas organizações, há a formação de nodos que definem uma rede que não aquela interna à organização de que faz parte o soldado ou o policial dos exemplos descritos. A descrição das redes formadas depende mais, portanto, do exame dos laços surgidos das interações comunicacionais travadas ao longo do processo eleitoral, do que das estruturas hierárquicas preexistentes.

O mesmo exame pode ser feito para definir as redes sociais formadas dentro de cada organização, já que, para determinar como o tangenciamento entre estas e a rede formada pelo encontro delas vai formar um novo ecossistema, há que se estudar o ecossistema existente em cada uma. Contudo, o exame das redes sociais existentes dentro de cada entidade depende da análise de estruturas bem mais complexas, que demandariam tempo e, especificamente para esta pesquisa, não trariam resultados realmente relevantes, visto que o escopo da pesquisa não são as estruturas das redes existentes nessas organizações, mas as modificações que a interação entre diferentes redes causa no ecossistema comunicacional de cada uma, a partir não das estruturas

das redes, mas de mudanças perceptíveis nas representações sociais presentes em cada grupamento, representado pelos indivíduos tomados como amostra.

A tabela a seguir demonstra as interações, com base nas classificações propostas, entre os participantes da rede, descritas a partir das organizações às quais pertencem, a partir das tarefas para as quais tais interações se fazem necessárias, ou seja, tomando como base a transferência de serviços, mas evidenciando os processos comunicacionais que acontecem para que essas transferências se concretizem. Os dados exibidos não contemplam a complexidade dessas relações de forma exaustiva, já que não descreve os processos comunicacionais realizados, que acontecem ao longo da consecução das tarefas, nem abarca todas as ações executadas, o que demandaria uma descrição muito mais longa. Em vez disso, enumera uma parte das tarefas ao longo das quais as interações acontecem. Constitui, portanto, um apanhado, uma amostragem do universo abordado no estudo, suficiente para a abordagem que queremos fazer do fenômeno em observação.

Participante	Instituição	Tarefa	Participante	Instituição
Mesário	TRE	Montagem das urnas no ponto de votação	Técnico	IFAM
Mesário	TRE	Controle da fila	Soldado	PM
Mesário	TRE	Treinamento	Servidor	TRE
Supervisor de Local de votação	TRE	Treinamento	Servidor	TRE
Chefe de Cartório	TRE	Organização da Eleição na jurisdição da Zona	Servidor	TRE
Chefe de Cartório	TRE	Planejamento do Treinamento	Servidor	TRE
Chefe de Cartório	TRE	Solicitação de local de votação	Gestor de escola	SEDUC
Servidor	TRE	Planejamento do transporte	Oficial	Exército
Servidor	TRE	Planejamento do transporte	Oficial	Aeronáutica

Servidor	TRE	Planejamento do transporte	Responsável	Empresa contratada
Servidor	TRE	Transporte de Urnas	Piloto	Empresa contratada
Servidor	TRE	Transporte de Urnas	Motorista	Empresa contratada
Piloto	Empresa contratada	Transporte de pessoas	Servidor	TRE
Piloto	Empresa contratada	Transporte de pessoas	Técnico	IFAM
Presidente	TRE	Planejamento da segurança	Comandante	Marinha
Presidente	TRE	Planejamento da segurança	Comandante	Exército
Presidente	TRE	Planejamento da segurança	Comandante	Aeronáutica
Presidente	TRE	Planejamento da segurança	Comandante	PM
Presidente	TRE	Planejamento da segurança	Delegado-Geral	Polícia Federal
Presidente	TRE	Acordo de cooperação Com FB e IG	Representant e legal do FB	Facebook
Comandante	Marinha	Planejamento da segurança	Comandante	Exército
Comandante	Marinha	Planejamento da segurança	Comandante	Aeronáutica
Comandante	Exército	Planejamento da segurança	Comandante	Aeronáutica
Piloto	Exército	Transporte de efetivos	Soldado	Exército
Piloto	Exército	Transporte de efetivos	Soldado	Marinha
Piloto	Exército	Transporte de efetivos	Soldado	Polícia Militar
Comandante	Marinha	Planejamento do Transporte de efetivos	Comandante	Exército
Comandante	Marinha	Planejamento do Transporte de efetivos	Comandante	Aeronáutica
Comandante	Marinha	Planejamento do Transporte de efetivos	Delegado-Geral	Polícia Federal

Comandante	Aeronáutica	Planejamento do Transporte de efetivos	Delegado-Geral	Polícia Federal
Comandante	Aeronáutica	Planejamento do Transporte de efetivos	Comandante	Exército
Juiz da propaganda	TRE	Definição das Blitzes de Fiscalização da Propaganda	Delegado	Polícia Federal
Juiz da propaganda	TRE	Definição das Blitzes de Fiscalização da Propaganda	Oficial	PM
Soldado	PM	Escolta da Comissão de Fiscalização da propaganda	Servidor	TRE
Policial	Polícia Federal	Escolta da Comissão de Fiscalização da propaganda	Servidor	TRE
Agente	Detran	Lavratura de auto de infração por carros adesivados	Servidor	TRE
Técnico de Transmissão	Ifam	Treinamento	Servidor	TRE
Técnico de Transmissão	Ifam	Transmissão de dados da eleição	Supervisor de local de votação	TRE
Fiscal	SEMMAS	Lavratura de auto de infração para carro de som em situação irregular	Servidor	TRE
Promotor de Justiça	MPAM	Denúncia de propaganda irregular	Juiz da propaganda	TRE
Promotor de Justiça	MPAM	Denúncia de propaganda irregular	Procurador Eleitoral	PRF
Técnico	Empresa contratada	Carga e lacre das urnas eletrônicas	Servidor	TRE
Juiz da Zona Eleitoral	Empresa contratada	Carga e lacre das urnas eletrônicas	Servidor	TRE
Assessor de Comunicação	TRE	Planejamento da comunicação	Assessor de comunicação	PM

Assessor de Comunicação	TRE	Planejamento da comunicação	Assessor de comunicação	Marinha
Assessor de Comunicação	TRE	Planejamento da comunicação	Assessor de comunicação	Exército
Assessor de Comunicação	TRE	Planejamento da comunicação	Assessor de comunicação	Aeronáutica
Assessor de comunicação	PM	Planejamento da comunicação	Assessor de comunicação	Marinha
Assessor de comunicação	PM	Planejamento da comunicação	Assessor de comunicação	Exército
Assessor de comunicação	PM	Planejamento da comunicação	Assessor de comunicação	Aeronáutica
Assessor de comunicação	PM	Planejamento da comunicação	Assessor de comunicação	Polícia Federal
Assessor de Comunicação	TRE	Confecção de boletins	Assessor de comunicação	PM
Assessor de Comunicação	TRE	Confecção de boletins	Assessor de comunicação	Marinha
Assessor de Comunicação	TRE	Confecção de boletins	Assessor de comunicação	Exército
Assessor de Comunicação	TRE	Confecção de boletins	Assessor de comunicação	Aeronáutica

Tabela 2: Tarefas nas quais acontecem interações entre membros de organizações diferentes, nas eleições (amostra)

A partir desses exemplos, define-se o diagrama abaixo, onde podem ser vistas, de modo parcial e sintético, mas suficiente para o propósito dessa parte do estudo, as relações que definem transferências de serviço e/ou conhecimento entre as entidades que atuam nas eleições, bem como demonstram a ausência de hierarquia entre instituições:

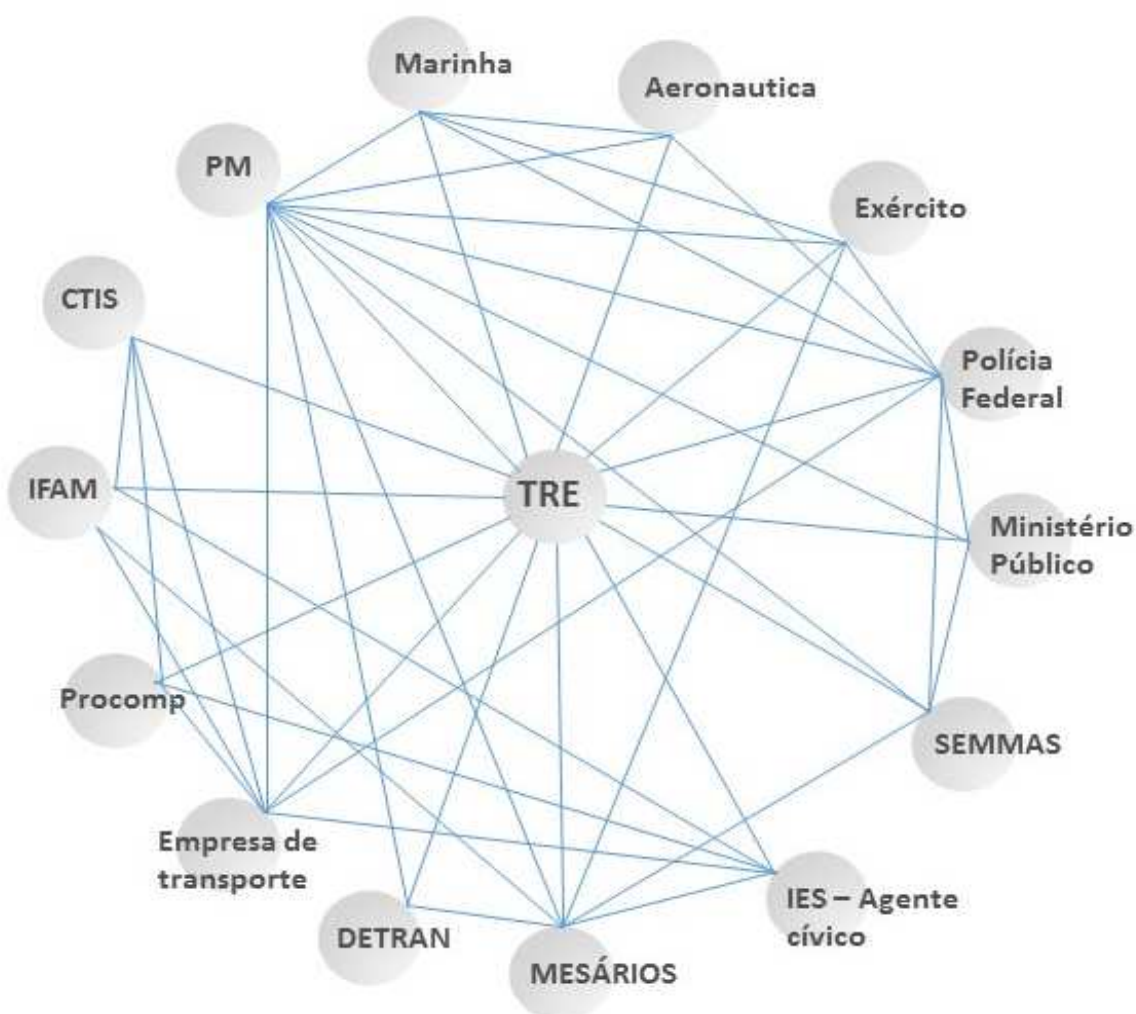


Figura 8: rede de cooperação atuante na eleição (diagrama parcial).

Observa-se que a figura, embora demonstre os laços surgidos entre as instituições, com base na transferência de serviços/conhecimento, não contempla os nodos que surgem entre os membros destas que atuam no processo eleitoral. Serve, em princípio, para o entendimento acerca da forma como se processam essas relações entre as entidades, de como essas redes se formam, mas não constituem uma representação das redes sociais formadas.

Os laços, embora institucionalmente se constituam entre as organizações, são efetivamente construídos entre pessoas, de forma que devem ser levados em conta, quando se realiza um estudo acerca de redes, os indivíduos, entre os quais os nodos de fato se constituem. Contudo, necessita-se de uma representação mais próxima à realidade, onde sejam demonstrados os laços existentes entre os indivíduos, que, para

- b. Redes de cooperação constituem redes sociais, e a formação dessas redes se dá pelos nodos originados dos processos comunicacionais estabelecidos entre os membros delas;
- c. Os papéis desempenhados pelos indivíduos dentro dessas redes faz com que tragam elementos de outras redes que participa, de onde se infere que as redes sociais formadas dentro das empresas sofrem influência constante do meio externo, trazida por seus membros, que também ao interagir com membros de outras organizações pertencentes à rede de cooperação, influenciam e são influenciados pelos indivíduos com quem interagem;
- d. O processo eleitoral depende de parcerias entre a Justiça Eleitoral e outras instituições e a atuação conjunta dos membros dessas instituições se dá através de redes sociais formadas por eles.



Figura 10: Treinamento dos Chefes de Cartório. Fonte: TRE-AM.

A partir desses pontos, desenvolvidos com base nos constructos teóricos vistos até aqui, que serviram como base para a descrição do objeto de estudo, poderemos passar a uma análise dos ecossistemas comunicacionais que dão forma a essas redes, bem como os ambientes culturais nos quais esses ecossistemas estão imersos, a partir da análise de algumas das representações sociais constituintes desses ambientes. A partir desse levantamento, também, pode-se definir quem são os indivíduos que constituem a amostra que foi objeto das entrevistas a partir das quais, em conjunto com a revisão bibliográfica ora exposta foram obtidas as conclusões demonstradas neste trabalho.

CAPÍTULO 2

REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo é dedicado às teorias que formam o arcabouço que é utilizado para o exame do objeto deste trabalho. São duas as teorias que estão aqui expostas, não de forma exaustiva, mas de maneira, aos olhos deste pesquisador, suficiente para que se utilize delas para o exame do objeto proposto. Se o constructo acerca das redes de cooperação e destas como redes sociais foram ferramentas para o recorte do objeto de pesquisa, agora a Teoria dos Ecossistemas Comunicacionais e a Teoria das representações sociais são utilizadas como as lentes sob as quais a discussão do objeto, a partir dos dados coletados, é realizada no capítulo 4.

A teoria dos ecossistemas comunicacionais mostra como a comunicação é realizada dentro de um ecossistema que, embora surgido com a formação de uma rede para o cumprimento de uma tarefa específica, é uma intercessão entre os ecossistemas já existentes em cada organização. Essas estruturas são influenciadas também pelo meio em que elas estão imersas, de forma que não há como criar um sistema artificial, onde novas normas norteiem as relações dentro da rede formada. Há, na verdade, uma interpenetração de sistemas, onde cada ecossistema que compõe influencia e é influenciado pelos demais, à medida que interagem. Ao mesmo tempo, apresentam um comportamento autopoietico, visto que se constroem e reconstroem a partir do capital simbólico que já possuem. Assim, toda comunicação em seu interior é realizada a partir desse capital, e a comunicação com o meio também é uma reconstrução a partir desse cabedal já adquirido.

A Teoria das Representações Sociais demonstra que os indivíduos pertencentes a um grupo social lidam com os elementos da realidade a partir de um sistema simbólico construído pelo grupo social em que estão imersos. A construção da realidade em sua

volta é, portanto, autopoietica, já que busca em um capital simbólico já amalhado os elementos para a reconstrução da informação que recebe. Demonstra-se aqui que há relação entre as duas teorias, na medida que, para se comunicar, o homem utiliza símbolos definidos por seu meio social, de forma que o grupo engendra um ecossistema no qual são definidos os significados atribuídos aos objetos do conhecimento de cada membro, sendo a comunicação feita a partir da construção da mensagem, a partir dessas atribuições. A comunicação existe porque há esse arbítrio, que faz com que o participante do ato de comunicar esteja apto a fazê-lo, na medida que detém o capital simbólico do grupo ao qual pertence.

2.1. A comunicação

2.1.1. Do mundo fragmentado à visão ecossistêmica

2.1.1.1. A fragmentação do conhecimento

Desde que se narra a história humana, o saber-para-fazer é fragmentado. A existência do especialista, do detentor do ofício, se deve ao fato de que o fazer, mais do que o aprendizado, depende do desenvolvimento de habilidades, assim como há a limitação da estrutura disponível para a realização do trabalho. Contudo, a divisão do conhecimento como apreensão da realidade se dá, ao longo da história, de forma paulatina.

Essa diferença entre o conhecimento para produzir e aquele que busca a descrição do universo circundante é tratada por Aristóteles, que diferencia a razão pela causa final a que ela se destina. A razão teórica tem como finalidade saber a conclusão a que se quer chegar, enquanto a razão prática destina-se a resolução de um problema. A conclusão da razão teórica é uma verdade. A conclusão da razão prática é uma indicação do melhor caminho para o bem, nosso e dos outros. Tanto para a produção como para a administração da casa, dos negócios e da polis, o conhecimento requerido é diferente da racionalidade pura (CHERQUES, 2003, p. 3).

Feita essa divisão, Aristóteles elaborou uma classificação que cobriu diversas áreas do conhecimento humano. O sistema aristotélico de classificação surgiu pela necessidade de abarcar e expressar a realidade de modo organizado e preciso. Para isto, buscou a identificação e o estabelecimento de conceitos básicos que orientassem os agrupamentos e as partições do real operado pelo pensamento humano, ou seja, a

partir da percepção que o homem tem da realidade, de partições que podem ser percebidas no *cosmos* que o circunda. No sistema aristotélico, as categorias servem de fundamento ao conhecimento das coisas. Elas são os princípios básicos que tornam o conhecimento possível, partindo de uma perspectiva que concebe o mundo como um todo integrado de causas e efeitos, em que as coisas e as suas propriedades essenciais, seus estados, processos e relações podem e devem ser reveladas pelo trabalho intelectual. (ARANALDE, 2009, p. 91).

Embora tenha realizado essa taxonomia do conhecimento, com uma finalidade que contempla o método, mais que o objeto, Aristóteles versa sobre todas essas categorias, não estabelecendo para si, como observador e pensador do meio em que está imerso, quaisquer limites ligados a essa categorização. Esta forma de lidar com o conhecimento acompanha os pensadores posteriores a Aristóteles, que embora propondo ou se utilizando dessas categorizações, também não estabeleceram limites além daqueles que o tempo impõe, para as parcelas da realidade da qual tratavam. Vê-se que os filósofos da escolástica, os cientistas e pensadores do período renascentista e até os posteriores não se limitaram a apenas uma parte do conhecimento humano, visto que as categorias estabelecidas eram reconhecidamente apoios ao método, mas nunca uma fragmentação da realidade.

A partir de Descartes e Newton, teve início uma abordagem do universo na qual a natureza funcionava de acordo com leis mecânicas, e tudo no mundo material podia ser explicado em função da organização e do movimento de suas partes. Esse quadro mecânico da natureza tornou-se o paradigma dominante da ciência no período que se seguiu a Descartes. Passou a orientar a observação científica e a formulação de todas as teorias dos fenômenos naturais. Se a natureza é feita de engrenagens, basta que entendamos suas partes e o funcionamento delas em conjunto. Não há qualquer inter-relação entre estas “partes” além de sua participação no todo. Essa concepção mecanicista viria perdurar na ciência e definir a forma da concepção do mundo e o método científico (CAPRA, 2002, p. 46).

Entretanto, mesmo Newton e Descartes não impuseram nem enfrentaram fronteiras no que diz respeito aos diversos objetos do conhecimento sobre os quais teorizaram. Se havia compartimentalização do conhecimento em sua visão de mundo, era, como também para seus predecessores, uma forma de auxílio ao método, de

estabelecer parâmetros para o exame ao objeto do conhecimento. Newton, por exemplo, notabilizou-se não só como físico e matemático, mas também, em várias fases de sua vida, como jurista, historiador e teólogo.

A partir da revolução industrial, a divisão do trabalho se intensificou cada vez mais com o surgimento da indústria, das máquinas e do aumento progressivo da tecnologia. Até chegar à situação atual, onde prevalece a superespecialização não apenas da economia, mas também da ciência, das funções políticas, administrativas, judiciárias e até mesmo artísticas. A própria filosofia, que outrora era única, fragmentou-se numa multidão de disciplinas, cada um das quais com seu objeto, seu método, seu espírito (DURKHEIM, 1999, p. 02).

Essa forma de lidar com o conhecimento tem influência direta na emancipação intelectual, na medida em que a divisão do trabalho proporciona a especialização e divisão do conhecimento em áreas distintas. Deste modo, cada indivíduo membro de uma sociedade deve dedicar-se a pensar e a conhecer apenas determinado ramo do saber, o qual lhe compete dominar para que possa exercer a parte que lhe cabe na divisão do trabalho total. É a subordinação do conhecimento teórico ao saber-para-fazer. Com isso, perde-se a capacidade de observar e conhecer o mundo por conta própria. Cada área de conhecimento possui seus especialistas, os quais detêm autoridade para tratar dos seus assuntos pertinentes, mas não tem permissão social, nem mesmo de seus pares, para investigar as áreas para além das fronteiras estabelecidas. Desta forma, cada qual sendo autoridade em determinada fração do conhecimento, precisa aceitar a autoridade dos demais no que tange às demais frações do saber, inclusive nas áreas de interesse comum, o que leva a um empobrecimento da existência, impossibilitando o diálogo e troca de experiências entre os membros de uma sociedade (ZARDO, 2017, p. 103).

2.1.1.2. Um cosmos indissociável

Einstein acreditava profundamente na harmonia inerente à natureza, ao ter como maior preocupação descobrir um fundamento unificado para a física, construiu uma estrutura comum para a eletrodinâmica e a mecânica, duas teorias isoladas dentro da física clássica. A teoria especial da relatividade unificou e completou a estrutura da física

clássica, mas, mudanças nos conceitos tradicionais de espaço e tempo abalaram os alicerces da visão de mundo newtoniana (CAPRA, 2002, p.40).

Com a formulação matemática da teoria quântica, que estabelece uma nova estrutura conceitual para a descrição dos fenômenos subatômicos, vê-se que o efeito sobre a concepção de realidade dos físicos estabelece novos conceitos de espaço, tempo, matéria, objeto e causa e efeito. Esses conceitos são fundamentais para o nosso modo de vivenciar o mundo, modificando as bases da ciência de então, modificando, por conseguinte, muitos dos conceitos de realidade. Essa mudança estabelece, em contraste com a concepção mecanicista cartesiana, uma visão de mundo orgânica, holística e ecológica. Enfim, uma visão sistemática, onde os componentes da realidade interferem um no outro. O universo deixa de ser visto como uma máquina, composta de uma infinidade de objetos, para ser descrito como um todo dinâmico, indivisível, cujas partes estão essencialmente inter-relacionadas e só podem ser entendidas como modelos de um processo cósmico (CAPRA, 2002,p.44).

Antes da década de 40, os termos "sistema" e "pensamento sistêmico" tinham sido utilizados por vários cientistas, mas foi Ludwig Bertalanffy, a partir da concepção de um sistema aberto e de uma teoria geral dos sistemas que estabeleceram o pensamento sistêmico como um movimento científico. O biólogo acreditava que os fenômenos biológicos exigiam novas maneiras de pensar, transcendendo os métodos tradicionais das ciências físicas (CAPRA, 2010, pp.43-45). Bertalanffy Dedicou-se a substituir os fundamentos mecanicistas da ciência pela visão holística. A primeira formulação dessa nova ciência foi a termodinâmica clássica, com sua célebre segunda lei, a lei da dissipação da energia, que define que há uma tendência nos fenômenos físicos da ordem para a desordem.

Qualquer sistema físico isolado, ou "fechado", se encaminhará espontaneamente em direção a uma desordem sempre crescente, tendência chamada "entropia". O biólogo demonstrou que organismos vivos são sistemas abertos que não podem ser descritos pela termodinâmica clássica, pois se alimentam de um contínuo fluxo de matéria e de energia extraídas do seu meio ambiente para permanecer vivos. Diferentemente dos sistemas fechados, que se estabelecem num estado de equilíbrio térmico, os sistemas abertos se mantêm afastados do equilíbrio, caracterizados por fluxo e mudança contínuos. Em "sistemas abertos" a entropia (ou desordem) pode decrescer, ou pelo

menos entrar em equilíbrio, e a segunda lei da termodinâmica pode não se aplicar. A esse processo, Bertalanffy dá o nome de “anti-entropia”. Essa concepção de interação do organismo com o meio levou a uma percepção da necessidade de uma “ciência da totalidade”, que abarcasse o objeto de estudo e suas interações com o meio no qual se encontra imerso. Mais ainda, da necessidade de ver esse objeto como parte indissociável desse meio (BERTALANFFY, 1968, p. 39-41).

2.2 Ecossistemas comunicacionais

Entende-se, a partir do conceito de Bertalanffy sobre a natureza anti-entrópica dos organismos vivos, e da Leitura de Maturana e Varela sobre a relação do acoplamento estrutural entre os organismos com os fenômenos sociais, que comunicação é resposta da cultura ao processo entrópico imposto pela natureza (PEREIRA, 2011). Explicando, Maturana e Varela definem que o organismo, ao ter contato com o meio em que está imerso, ou com outros organismos, só consegue desse meio obter os elementos necessários à sua existência, bem como reagir a características porventura hostis do meio porque estabelecem um processo no qual obtêm informação desse meio. A primeira estrutura com esse nível de sofisticação foi a membrana celular, que possui organelas que, a partir de processos enzimáticos, fazem, ou não, o transporte de substâncias necessárias à célula, mas só os fazem quando o meio no qual a célula está imersa propicia a isso. Esse é apenas um dos vários processos ocorridos na membrana, que, mediante o estado do meio exterior, desencadeia processos internos na célula, sendo, para os autores, o princípio do que chamamos de apreensão do objeto, e, portanto, da comunicação. (MATURANA e VARELA, 2001, p. 59).

Esses processos vão se complexificando, à medida que os organismos vão se tornando mais complexos. No homem, há o surgimento da linguagem e do grupo social (em sentido estrito, visto que outras espécies também formam grupamentos). O ser humano, tal qual a célula ou qualquer organismo vivo, evita, a partir dos processos antientróticos (neguentróticos), dentre eles a comunicação, seu próprio fim. Comunicar, então, é uma tentativa de manter a própria existência. Comunicação, é, portanto, essencial à vida.

A partir daí se dá que, desde o primeiro homínídeo, parece que a formação de grupamentos e a comunicação entre seus membros é essencial à existência humana, na

medida em que desde a obtenção de alimento as atividades tendem a funcionar melhor em grupo, frente aos vários desafios que a natureza oferece.

Ao oferecer um contraponto à dialética marxista, na qual a linha que amarra as interações humanas é o trabalho, Habermas (1993) mostra que a comunicação tem esse papel de construtor das interações humanas, de fio condutor da formação da sociedade, ao mostrar que o agir comunicativo é um elemento de um processo circular no qual o agente não aparece mais como iniciador, mas como produto de tradições nas quais ele está inserido, de grupos solidários ao qual ele pertence e de processos de socialização e de aprendizagem, aos quais ele está submetido. Após esse primeiro passo, objetivador, a rede de ações comunicativas forma o meio através do qual o mundo da vida se reproduz. Assim, o indivíduo é produtor e produto da cultura em que está imerso, a partir de suas interações comunicacionais, que são dirigidas por essa própria cultura. É uma visão nitidamente sistêmica, onde o sujeito retira do meio o que precisa para manter-se operante, e o que precisa para se relacionar com esse meio. É nesse mundo que o sujeito está imerso que ocorre a comunicação, é dele que se retira todos os subsídios para a construção do ato de comunicar. O meio possibilita e interpenetra a comunicação.

Ao se entenderem frontalmente acerca de algo num mundo, eles se movem dentro de horizontes do seu mundo de vida comum. O mundo onde a comunicação ocorre tanto constitui o contexto como fornece os recursos para o processo de compreensão, forma um horizonte e ao mesmo tempo oferece uma quantidade de evidências culturais das quais os participantes no ato de comunicar, nos seus esforços de interpretações retiram padrões de interpretações consentidas. (HABERMAS, 1990).

O homem, ao se comunicar, está replicando o seu meio, e essa comunicação atravessa o meio no qual está inserido o sujeito, de forma que sempre o ambiente forma um sistema no qual todo ato comunicacional é embebido com elementos desse meio, e do qual não pode se destituir. É um ecossistema onde todos os componentes interagem e se interinfluenciam. O entendimento daquilo que lemos, que dizemos, que vestimos, que vemos na televisão, que o entendimento da figura, depende da relação que cada uma destas mensagens estabelece com aquilo que a envolve. Diversos elementos adquirem significado e dão significado dentro da rede que se forma, constituindo um

ecossistema. A roupa, para se dar um exemplo menos óbvio, é elemento distintivo. Pela roupa, muitas vezes identifica-se que signos o interlocutor está apto a interpretar, sendo parte obviamente integrante deste ecossistema, pois é uma forma de o homem demonstrar que pertence a determinada classe social ou grupo (MONTEIRO, 1997). Na discussão, no capítulo 4, demonstraremos a importância que a indumentária possui no contexto das redes sociais, a partir da demonstração disso no caso em estudo.

Essa interação e interdependência entre as partes, tanto os atores quanto os elementos do meio nos quais estão inseridos é característica dos ecossistemas, onde cada parte interfere em todas as outras e sofre interferência delas. O pressuposto da existência do ecossistema é, então, o contato entre as partes, onde, para que, através de um processo retroalimentativo, interajam e se adaptem umas às outras, estão em constante comunicação. Um ecossistema é, então, um conjunto de elementos, postos no mesmo ambiente que, para se constituírem como sistema, precisam estar em contato, o que pressupõe comunicação. Então falar em ecossistema comunicacional é dizer o mesmo duas vezes (COLFERAI, 2014, p. 19).

A comunicação, dentro das redes não é mero componente, mas o elemento que a tece, que estabelece os nós, que constrói e reconstrói as redes, que reproduz processos e interações, dentro de padrões estabelecidos através dos próprios processos comunicacionais. Esses processos interacionais podem ser reproduzidos quando se coloca à parte o elemento de limitação geográfica porque mesmo quando há a proximidade física, não é este o limite imposto para o estabelecimento e manutenção do sistema de crenças, explicações e valores e das condições impostas para a aceitação de um membro no grupo. Os sistemas sociais usam a comunicação como seu modo particular de reprodução autopoietica. Seus elementos são comunicações produzidas e reproduzidas de modo recorrente por uma rede de comunicações, e que não podem existir fora de tal rede, já que a comunicação só se dá dentro de significados arbitrados, a partir de signos que os indivíduos tem em comum.

Essas redes de comunicação, portanto, geram a si mesmas. Cada comunicação cria pensamentos e um significado que dão origem a outras comunicações, e assim a rede inteira se regenera. É uma reformulação constante, e ao mesmo tempo uma manutenção do mesmo, em uma tentativa cíclica de perpetuação da existência do indivíduo e do grupo. Como as comunicações se dão de modo recorrente em múltiplos

anéis de realimentação, produzem, a cada interação entre os membros do grupo, um sistema comum de crenças, explicações e valores um contexto comum de significado - que é continuamente sustentado por novas comunicações. Através desse contexto comum de significado, cada indivíduo adquire a sua identidade como membro da rede social, e assim a rede gera o seu próprio limite externo.

O ecossistema comunicacional tem como um dos pressupostos o conceito de ecologia profunda que não separa seres humanos — ou qualquer outra coisa — do meio ambiente natural. Ele vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. Não se trata de uma relação dialética ou compartimentadora, mas de uma abordagem que compreende o mundo como um todo integrado. “Pode também ser denominado visão ecológica, se o termo ‘ecológica’ for empregado num sentido muito mais amplo e mais profundo que o usual”, (CAPRA, 2006, p. 25). Assim, o grupamento social bebe continuamente na natureza em que está imerso, como resposta a essa própria natureza. Mas não o faz como uma tábua rasa, mas a partir dos elementos simbólicos já engendrados no grupo, a partir de elementos preexistentes nesse mesmo grupo.

Sociedade, natureza e as tecnologias da comunicação e informação seriam elementos componentes do ecossistema comunicacional ao se pensar a vida cotidiana. As vivências ultrapassam as relações entre homem e natureza para alcançar uma inseparabilidade em que não se pode fazer exclusões na rede estabelecida. Cada elemento é não somente unidade, uma vez que contribui para a sustentabilidade do todo, mas composto por este componente e outros elementos. (MONTEIRO, COLFERAI, 2011, p. 43). Assim, os elos da rede podem mudar de posição — e mudam, com o passar do tempo — e, independente da força de cada um, todos os elos são importantes, porque desempenham uma função que garante a sustentabilidade da rede. Há que se compreender que no ecossistema comunicacional não há separações entre as organizações sociais e os significados nelas postos em circulação, o ambiente físico-natural e as novas percepções e sensibilidades acionadas pela ampliação da comunicação e circulação de informações proporcionada pelas novas tecnologias. Aí está implicada a ideia de unidade múltipla, tal como apresenta Morin, em que não só o todo é superior à soma das partes, mas também a parte é, no e pelo todo, superior à parte (MORIN, 1987, p. 105). Assim, mais que ser mera ferramenta do grupo para o

suprimento de suas necessidades, o ecossistema comunicacional é formador constante desse grupo, na medida que estabelece os elos de união entre seus atores. O ecossistema comunicacional define, então, a existência do grupo e ao mesmo tempo tem seus pressupostos de existência e seus elementos constantemente alterados pelos membros do grupo. Os elos definem os atores em suas posições, mas os atores, ao se comunicar, vão mudando a posição dos elos e redefinindo as forças com que cada elo liga os atores.

Os elementos de um ecossistema comunicacional afetam as interpretações surgidas dos processos comunicacionais levados a cabo dentro dele. Em um contexto de comunicação, organismos são qualquer tipo de mensagem escrita, vocal ou visual que normalmente, forçadamente ou devido a um evento específico se transforma em uma “mensagem de massa”. Em cada sociedade, as mensagens semelhantes a organismos interagem com os materiais (meios de comunicação antigos e modernos) e energias (normas escritas e não escritas) nessa sociedade. Um ecossistema de comunicação é um contexto no qual ficam imersos todos os outros tipos de contextos de comunicação.

O resultado das interações entre organismos, materiais e energias nas formas definidas acima, fazem surgir liberdades e não-liberdades, igualdades e desigualdades, pluralismos e não-pluralismos sociedade. Cada ecossistema de comunicação geralmente tem seus próprios tipos específicos de organismos, materiais e energia. Nesse sentido, a percepção e interpretação de determinadas mensagens por quem vive em um contexto de ecossistema de comunicação pode ser afetada por esse contexto particular de ecossistema de comunicação (RAD, 2015, p.11).

O contexto do ecossistema de comunicação pode influenciar a percepção seletiva e a interpretação seletiva das mensagens. Exemplificando, Rad (2015, p. 14) demonstra um estudo de caso que foi realizado no Irã e em alguns países ocidentais sobre uma caricatura sobre o problema social da migração rural-urbana. De acordo com o experimento, parece que, devido à ampla visão negativa da migração rural para urbana no contexto do ecossistema da comunicação iraniana, há vários anos, 50% dos entrevistados iranianos perceberam a caricatura como o planejado pelo caricaturista. No entanto, entre os entrevistados ocidentais que residem nos países sem esse contexto de

ecossistema de comunicação com visão negativa sobre a migração, a parte da percepção correta foi significativamente menor.

Pode-se conceituar, portanto, como ecossistema comunicacional de um grupo, todos os componentes que de alguma forma interfere nos processos comunicacionais que possam acontecer. Nisso se inclui os meios disponíveis e o capital simbólico compartilhado pelos membros desse grupo social, assim como aqueles que venham ameadados ao longo do contato com o meio. Há que se lembrar que o grupo social é formado por pessoas, que integram esse grupo social e estão imersas em um grupo mais abrangente, que possui um capital simbólico que influencia no capital daquele grupo menor.

Outro ponto a levar em consideração é que cada indivíduo cumpre uma série de papéis na sociedade em que está imerso, participando de vários subgrupos dentro desse tecido social. Cada subgrupo vai ter também um capital simbólico próprio, mais ou menos coincidente com o cabedal de significações estabelecidas no meio englobante, de modo que o indivíduo, ainda que dentro de um processo comunicacional posto a cabo dentro de um grupo, acaba por realizá-lo em função de um conjunto de significados ameadados ao longo de sua convivência dentro do grupo social a que pertence, e também dentro dos subgrupos nos quais desempenha vários papéis.

A comunicação do indivíduo, dessa forma, é de si para si, pois a mensagem que emite, não o faz para o outro, mas para a construção simbólica que tem do outro. Do mesmo modo, o objeto da mensagem e a própria construção do que se vai emitir, são produto de construções simbólicas.

2.3. Representações sociais

A concepção de que os pressupostos sobre os quais psicologia social tradicional se assenta não parecem válidos, visto que tanto não se pode afirmar que há uma apreensão apriorística do objeto pelo indivíduo, de forma que nem há a percepção imediata das informações, que são distorcidas pelos nossos sentidos e pelo modo como lidamos com eles, nem mesmo há um processamento inteiramente consciente do que é percebido, e sequer há uma consciência integral das respostas aos estímulos aos quais somos expostos.

Há portanto, em sociedade, não percepções comuns, mas convenções estabelecidas para o significado do percebido, que têm um caráter pragmático, já que são estabelecidas, ainda que de forma inconsciente, como balizas para o fazer. Embora sejam convencionadas, são percepções sobre as quais não temos domínio, Podemos, através de um esforço, tornar-nos conscientes do aspecto convencional da realidade e então escapar de algumas exigências que ela impõe em nossas percepções e pensamentos. Mas nós não podemos imaginar que podemos libertar -nos sempre de todas as convenções, ou que possamos eliminar todos os preconceitos (MOSCOVICI, 2003).

Moscovici (2003, p. 40) afirma que “todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõe representações”. Contudo, há que se entender como o homem constrói o significado para cada componente do mundo circundante. Como se dá a apreensão de cada coisa ou fenômeno? O processo de ancoragem, preconizado pelo autor, fornece uma explicação:

A ancoragem é um processo que transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em nosso sistema particular de categorias, e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada. No momento em que determinado objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquire características dessa categoria e é reajustado para que se enquadre nela. Se a classificação, assim obtida, é geralmente aceita, então qualquer opinião que se relacione com a categoria irá se relacionar também com o objeto ou com a ideia. Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras (...) categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele.

Observe-se aqui que esse processo de categorização é a criação de um capital simbólico, que, ao nortear as interpretações do indivíduo a partir dos elementos retirados da cultura onde se encontra imerso, estabelece um processo de autopoiese nas relações comunicacionais que constroem e reconstroem os laços da rede em que o indivíduo se encontra, definindo, portanto, uma característica obrigatória do ecossistema comunicacional.

O conceito de objetivação, como mecanismo de atribuição de imagem, para que o não-familiar se torne familiar, completa a compreensão desse processo, pois o autor define objetivação como o conceito unificador da ideia de não-familiaridade com a de realidade, torna-se a verdadeira essência da realidade. Percebida primeiramente como um universo puramente intelectual e remoto, a objetivação aparece, então, diante de nossos olhos, física e acessível (MOSCOVICI, 2003).

Enfim, a objetivação é a transformação de um conceito abstrato em palpável. Através da objetivação, nasce um modelo figurativo da atividade psíquica dos sujeitos, baseado em uma série de informações parciais e selecionadas, que são convertidas em supostos reflexos do real. Há uma ligação dialética com a ancoragem, que enraíza na sociedade a representação pela integração cognitiva do objeto representado. Ela é a mediadora e um critério nas relações entre os grupos, facilitando as interpretações das relações interpessoais e das condutas. A ancoragem orienta comportamentos e promove formas distintas de interação do individual no coletivo. Ela é o processo de assimilação de novas informações a um conjunto cognitivo emocional preexistente (COSTA, 2007).

A representação, contudo, não é mera réplica da realidade, não é mera reconstrução representar uma coisa, um estado, não é com efeito, duplica-lo, repeti-lo ou reproduzi-lo, é reconstituí-lo, recoloca-lo, mudar-lhe o texto. A comunicação que se estabelece entre conceito e percepção, um penetrando o outro, transformando a substância concreta comum, cria a impressão de “realismo”, de materialidade das abstrações, visto que podemos agir com elas, e de abstração das materialidades, visto que exprimem uma ordem prévia. Note-se que, ainda que o grupo defina uma categoria para o objeto, no lidar com a realidade, o homem, e o grupo social, estão em um constante processo de retroalimentação, interagindo com o meio e ressignificando os objetos da realidade em que está imerso (MOSCOVICI, 1976).

Isso faz com que se coloque em questão a característica paradoxalmente dupla das representações sociais: elas tanto são pouco mutáveis, estabelecendo imagens que perduram para o grupo social que as adota, como estão em constante mudança, refletindo o contato com o meio, evidenciando o ecossistema que permeia o grupo social, bem como aquele no qual está inserido. Para resolver esse paradoxo, Abric (2001) propõe o conceito de núcleo central. O núcleo central é determinado, de um lado, pela natureza do objeto representado, de outro, pelo tipo de relações que o grupo mantém

com este objeto e, enfim, pelo sistema de normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo (...).

Esse núcleo é que define a adoção dessa representação pelo grupo. Já os elementos periféricos possuem, segundo Flament (1989), três funções:

Concretização: os elementos periféricos funcionam como mediadores entre o núcleo central e a situação concreta na qual a representação é elaborada ou acionada em termos concretos e compreensíveis;

Regulação: ao contrário do núcleo central, os elementos periféricos são maleáveis, adaptando a representação às mudanças do contexto, de modo que as informações novas possam ser integradas à periferia da representação;

Defesa: para manter intacto o núcleo central, cuja mudança operaria uma transformação na representação, os elementos periféricos permitem contradições.

Abric (1994) também teorizou sobre esse tema, propondo um sistema interno duplo, onde as partes se complementariam. Haveria assim, em primeiro lugar, um sistema central, constituído pelo núcleo central da representação, ao qual são atribuídas as seguintes características: 1. é marcado pela memória coletiva, refletindo as condições sócio-históricas e os valores do grupo; 2. constitui a base comum, consensual, coletivamente partilhada das representações, definindo a homogeneidade do grupo social; 3. É estável, coerente, resistente à mudança, assegurando assim a continuidade e a permanência da representação; 4. é relativamente pouco sensível ao contexto social e material imediato no qual a representação se manifesta. Suas funções são gerar o significado básico da representação e determinar a organização global de todos os elementos. Em segundo lugar, haveria um sistema periférico, constituído pelos demais elementos da representação, que, provendo a “interface entre a realidade concreta e o sistema central”, atualiza e contextualiza as determinações normativas e consensuais deste último, daí resultando a mobilidade, a flexibilidade e a expressão individualizada das representações sociais (ABRIC, 1994, p. 31).

O sistema periférico apresenta, portanto, as seguintes características: 1. permite a integração das experiências e histórias individuais; 2. suporta a heterogeneidade do grupo e as contradições; 3. é evolutivo e sensível ao contexto imediato. Sintetizando,

suas funções consistem, em termos atuais e cotidianos, na adaptação à realidade concreta e na diferenciação do conteúdo da representação e, em termos históricos, na proteção do sistema central. (ABRIC, 1994, p. 32)

Desta forma, o homem, ao se comunicar, está replicando o seu meio, e essa comunicação atravessa o meio no qual está inserido o sujeito, de forma que sempre o ambiente forma um sistema no qual todo ato comunicacional é embebido com elementos desse meio, e do qual não pode se destituir. É um ecossistema onde todos os componentes interagem e se interinfluenciam.

A relação entre os ecossistemas comunicacionais e as representações sociais se dá a partir do entendimento do papel da comunicação, dentro dos grupos sociais, como mostrado por Jodelet (2001,p.12) ao expor os três níveis em que Moscovici define esse papel:1) Ao nível da emergência das representações cujas condições afetam os aspectos cognitivos. Dentre essas condições encontram-se a dispersão e a defasagem das informações relativas ao objeto representado e que são desigualmente acessíveis de acordo com os grupos; o foco sobre certos aspectos do objeto, em funções dos interesses e da implicação dos sujeitos; a pressão à inferência referente à necessidade de agir, de tomar posição ou de obter o reconhecimento e a adesão dos outros (...); 2) Ao nível dos processos de formação das representações, a objetivação e a ancoragem que explicam a interdependência entre a atividade cognitiva e suas condições sociais de exercício, nos planos da organização dos conteúdos, das significações e da utilidade que lhe são conferidas; 3) Ao nível das dimensões das representações relacionadas à edificação da conduta: opinião, atitude e estereótipo sobre os quais intervêm os sistemas de comunicação (...).

Essa intersecção entre as teorias tem ainda uma ponte teórica que define ainda mais pontos comuns: a semiótica. Para que se verifique essa comunicação entre os dois constructos através deste último, há que se demonstrar a relação da TRS com a semiótica.

Trazendo a lume a relação do ato de representar com o legi-signo peirceano, que é o signo instituído socialmente na condição de universalidade, pode-se afirmar que representar é classificar alguém, é justificar seu comportamento em relação a si mesmo, isto é, o signo como representamen, o quali-signo icônico, de acordo com a definição de Peirce. Afinal, as representações sociais 'são ideias primárias que vêm instruir e motivar

regimes sociais de discurso o que significa que cada vez nós devemos adotar ideias comuns, ou ao menos dar conta delas. Além do mais, sejam naturais ou sociais, as representações possuem duas funções, a convenção e a prescrição. Logo, também atuam como legi-signo simbólico, pois é uma lei que vale, criada em torno de uma legitimação, um preceito que é um signo. Para Moscovici (2005), as representações sociais são sempre complexas e necessariamente inscritas dentro de um referencial de um pensamento preexistente (COSTA, 2007).

Essa “nuvem” de significados que compõe o entorno de qualquer processo de comunicação, nele interferindo leva ao conceito de semiosfera, proposto por Lotman (1996), citado e explicado por Pereira (2012) Quando propôs o conceito de semiosfera, em 1984, Lotman encaminhou seu pensamento para compreender o que ele denominou *continuum semiótico*. Com essa expressão, ele argumentou que os sistemas de signos da cultura não existem por si sós, de modo isolado, preciso, nem funcionam de maneira unívoca. Segundo ele, a separação dos sistemas só seria válida se estivesse condicionada a uma necessidade heurística, uma vez que, de modo separado, nenhum sistema é capaz de trabalhar. Por isso, para ele, os sistemas de signos “sólo funcionam estando sumergidos en un continuum semiótico, completamente ocupado por formaciones semióticas de diversos tipos y que se hallan en diversos niveles de organización” (LOTMAN, 1996, p. 22).

Assim, a semiosfera é, por assim dizer, uma nuvem de representações que nos cerca, que vai interferir a cada representação que construímos. Não se pode esquecer que a cada aquisição de uma representação, há um processo de comunicação com o meio e que essa aquisição pressupõe a formação de um novo símbolo, a partir do enquadramento desta realidade percebida, às que já compõem o nosso cabedal de memórias simbólicas. Assim, a formação de um símbolo, que formará um segundo e um terceiro, e assim por diante, a partir do contato dessas construções simbólicas com aquelas que já havíamos amalhado.

Desta feita, o cabedal de símbolos contidos nas representações sociais de um grupo, vai compor, conjuntamente com as experiências pessoais (esta última categoria não tratada neste trabalho), o arcabouço que vai influenciar no modo como é percebido cada objeto apreendido pelo sujeito, incluindo o comunicado, de forma que a

comunicação se torna possível e é mais eficiente na medida que o sujeito está imerso no grupo que partilha de suas representações sociais.

As representações sociais constituem um corpo teórico que demonstram como o grupo social estabelece significações para as coisas, pessoas e fenômenos que permitem que haja interação entre seus membros, que fazem com que o fazer seja possível, dentro desses grupos. Não são, de acordo com Moscovici (2003), percepções comuns, mas convenções estabelecidas para o significado do percebido, que têm um caráter pragmático, já que são estabelecidas, ainda que de forma inconsciente, como balizas para o fazer.

O processo de ancoragem transforma algo estranho e perturbador, que nos intriga, em algo familiar, pertencente a nosso sistema particular de categorias, e o compara com um paradigma de uma categoria que nós pensamos ser apropriada, ou seja, torna o não-familiar em familiar. Estabelece uma relação de familiaridade entre o homem e o objeto presente no seu meio.

Por outro lado, como demonstrado por Jodelet (2001), a comunicação define a formação das representações sociais, e estas definem as relações dentro do grupo e deste com o meio, de modo que a comunicação acaba por ser, ainda que mediado pelas representações sociais o elemento que tece a rede social, que estabelece os nós, que reproduz processos e interações. Na semiótica de Peirce, Isso estabelece uma interação entre o corpo teórico das representações sociais e o dos ecossistemas comunicacionais, pois ambos definem uma relação simbólica do indivíduo com o meio que o circunda, e de como as teias que amarram os grupos sociais são formadas, observando-se convergências e complementariedades entre as teorias.

2.4 Representações sociais, ecossistemas comunicacionais e redes

Esses conceitos se fundem, em certa medida, com o de rede, visto que a existência da rede pressupõe exatamente os atores e os nós. Os nós, como pôde ser visto anteriormente, são criados a partir da interação humana, a partir da comunicação entre os indivíduos, de modo que, embora se construa a comunicação a partir dos símbolos consensuais engendrados no grupo social, esse grupo social se cria e se amarra a partir da criação dos laços criados pela comunicação.

Portanto, visto que cada um de nós, e a sociedade na qual estamos imersos, bem como todo registro que temos das sociedades humanas, somos de existência posterior ao processo de criação dos grupamentos, só podemos supor que o processo de criação dos símbolos que norteiam a comunicação dentro dos grupos, foi desenvolvido ao mesmo tempo em que essa própria atividade comunicativa ia compondo os nós entre os atores.

O grupo social, portanto é construtor do processo comunicacional e ao mesmo tempo construído por ele, de forma que é criador desse ecossistema comunicacional, não como através de ato consciente, mas como imerso nesse ecossistema, criando e sendo criado por ele. Dessa forma, não há como discernir começo e fim do processo, que é autopoietico e constante. Contudo, a análise das redes de cooperação sob a ótica dessa teoria lança luz sobre algumas situações, já que vislumbra a formação de um grupo em seu nascedouro, com atores que trazem consigo as representações sociais de seus grupos originários.

Pode-se fazer uma analogia entre esses grupos e todo grupo social em seu processo de formação, como são as instituições ao serem fundadas, ou cidades recém-criadas em áreas férteis entrepostos logísticos ou comerciais (como a Mesopotâmia, as feiras europeias e os portos em geral), a partir da atração de pessoas de diversas nacionalidades e grupos sociais, embora guarde-se o cuidado necessário pelo fato de que essas redes de cooperação possuem finalidades específicas e caráter efêmero.

Pode-se, ainda, vislumbrar, a partir das representações sociais, constructo científico com métodos de pesquisa já bem definidos, a parte invisível ao exame inicial do ecossistema comunicacional, e que compõe parte relevante e indissociável deste, a saber, o capital simbólico do grupo, atuando nas interações comunicativas entre os indivíduos. Nesse caso, o capital simbólico dos grupos dos quais os indivíduos originariamente fazem parte.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

PERCURSO DO TRABALHO DE PESQUISA

3.1. Local

A pesquisa relatada nesta dissertação foi realizada nas instalações da sede do Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas, situadas em Manaus, capital do Estado do Amazonas.

3.2. Abordagem

A pesquisa teve abordagem qualitativa. Os pressupostos teóricos observados, a saber as representações sociais trazidas e criadas, dentro do ecossistema comunicacional existente nas redes de cooperação formadas para o trabalho das eleições, não foram quantificados, mas inferidos a partir da observação de categorias específicas, implícitas no discurso dos entrevistados, bem como em outros comportamentos observados ao longo das tomadas de nota pelo pesquisador.

A abordagem quantitativa não se mostra eficaz nesses casos, em que a mensuração de repetições e/ou padrões dentro do fenômeno não extrai deste as conclusões necessárias, sendo a observação e posterior análise do conteúdo (ainda que do implícito) da fala dos atores inseridos nas redes, ora objeto deste estudo, muito mais profícuas no sentido de se granjear informações importantes para a produção do conhecimento que se deseja. Esse foi um pressuposto norteador não só dessa pesquisa. Ele tem sido uma observação recorrente nos trabalhos em ciências humanas, já que a obtenção, quantificação e tratamento de dados é, pela própria natureza das ciências

humanas, uma simplificação que não atende às muitas variáveis implicadas nos estudos dos fenômenos sociais (CHIZZOTTI, 2001, p. 79).

Foi realizada observação participante com a finalidade de se coletar informações acerca de como os servidores do TRE-AM e de outras instituições envolvidas na realização das eleições do ano de 2018, bem como voluntários que colaboraram como mesários, manifestam suas percepções desse processo eleitoral, no que diz respeito a categorias preestabelecidas pelo pesquisador.

3.3. Universo

O locus de investigação foi a sede do TRE-AM, localizado na Av. André Araújo, No bairro do Aleixo, em Manaus, Capital do Estado do Amazonas. O universo proposto foram os servidores do TRE-AM, os Policiais Militares participantes da Eleição 2018, os mesários que atuaram nestas eleições, à época ainda em treinamento, os técnicos de urna que foram responsáveis pelos cuidados com as urnas e os equipamentos de transmissão, assim como os policiais federais responsáveis pela escolha dos juízes eleitorais. A escolha desses grupos como universo foi entrevistar pessoas de diferentes instituições que tivessem trabalhado nas eleições, justamente para obter informações que pudessem fornecer diferentes referenciais simbólicos sobre temas específicos.

A pesquisa partiu da perspectiva de que, embora constituindo redes de cooperação, trabalhando em conjunto para a realização de tarefas em prol das eleições, sendo originárias de diferentes organizações, abordariam temas comuns a partir de diferentes referenciais simbólicos, advindos das representações sociais de seus grupos originários.

3.4. Amostra

Para as amostras, foram escolhidos indivíduos adultos, que dispusessem de tempo para a entrevista e práticas dos moradores em relação ao patrimônio em meio ao qual residem. O critério de inclusão foi de ser participante de um dos grupos específicos que compõem o universo amostral. Como não houve um pinçamento aleatório (randômico) da população geral, mas a definição a partir de que grupo dentro do universo cada indivíduo pertence, pode-se dizer que esta constitui uma amostra estratificada, que

seleciona “a partir de estratos definidos de uma população, segundo algumas características privilegiadas na escolha” (CHIZZOTTI, 2001, p. 64).

3.5. Instrumentos e Técnicas

Quanto aos instrumentos e técnicas para a coleta de dados utilizou-se i) entrevistas semiestruturadas, ii) observação participante, iii) registros fotográficos, iv) gravações de depoimentos e v) diário de campo.

A entrevista semiestruturada é uma técnica que parte de questionamentos simples e básicos, os quais são referendados em teorias reconhecidas e norteiam as inquisições feitas. A partir daí, de perguntas primordiais o pesquisador passou a fazer questionamentos que buscaram ampliar o nível interativo em relação aos entrevistados. A meta foi estimular o informante a seguir seu pensamento dentro do foco principal colocado (SELLTIZ, 1987).

O roteiro da entrevista constou de duas partes distintas. Na primeira, a meta foi caracterizar a amostra, procurando-se verificar: idade, estado civil, escolaridade, função ocupada na organização de origem e função desempenhada dentro da rede de cooperação, bem como suas tarefas dentro do processo eleitoral. A segunda parte constou de questões norteadoras e direcionadas às categorias de representações sociais previamente definidas.

O diário de campo serviu como instrumento de registros das observações participantes em campo, complementados com fichas de leitura. O diário de campo, segundo Alberti (2005), auxilia na posterior reflexão sobre documentos conjuntos de pesquisa, constituindo-se em instrumento de crítica e reflexão.

3.6. Procedimentos de coleta

A investigação foi formatada a partir de pressupostos teóricos e metodológicos da Teoria dos Ecosistemas Comunicacionais e Teoria das Representações Sociais (TRS), os quais, enquanto formas de conhecimento, são ancorados na esfera cognitiva e, sendo o conhecimento um produto social, não tendem a ser desvinculados do contexto social no qual emergem, circulam e são modificados (ABRIC, 1994). Jodelet (2001, P.10), por exemplo, quando adota a perspectiva de que a representação é decorrente do saber comum, prático, remete-se à ligação entre pessoa e objeto, donde importa saber “quem

sabe e de onde sabe?” (condições de produção e circulação da RS); “O que e como sabe?” (processos e estados das RS); e “Sobre o que sabe e com que efeito” (estatuto epistemológico das RS).

O embasamento teve como suporte duas dimensões. A primeira referente às condições culturais que favorecem a emergência das representações (mormente a desenvolvida no contexto das organizações das quais os participantes são membros permanentes, sem deixar de levar em conta o tecido social maior no qual estão imersos); a segunda contextualizada mediante as descrições dos conteúdos das representações. Assim, representação é vista como resultado da apreensão do objeto e como mediador entre a percepção e a apreensão pelo sujeito. A TEC dá um tratamento muito parecido a esse fenômeno, já que o processo comunicativo nada mais é do que uma apreensão da mensagem. Não a mensagem do conceito emissor-receptor, mas a mensagem contida no meio, sendo esse meio a nuvem de significados que estão imersos na cultura onde os sujeitos-objetos da comunicação se encontram, a própria percepção do outro e do que o conteúdo emitido significa para o outro.

O procedimento de coleta versou em função dos seguintes passos: (1) o pesquisador se apresentou (nos casos de pessoas com quem o pesquisador não trabalha) e explicou à pessoa o objetivo da pesquisa; (2) houve breve conversação sobre assuntos próprios do processo eleitoral (*rapport*) (3) o pesquisador verificou se o participante podia ser enquadrado na amostra delineada e, em caso positivo, perguntou se ele aceitava ser entrevistado. Foi entregue aos participantes da pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com o intuito de que todos tomassem conhecimento sobre os objetivos da pesquisa, evitando posterior constrangimento para o colaborador/sujeito da pesquisa bem como para o pesquisador.

A pesquisa teve um enfoque de contexto social, facilitado pela vivência do pesquisador no meio envolvente. No lócus da pesquisa, Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas, foi efetivada a observação participante, com a utilização do diário de campo, entrevista semiestruturada, com o intuito de elucidar as práticas dos entrevistados nos grupos de trabalho dos quais faziam parte, as percepções destes quanto suas representações nas categorias trabalho e cooperação, dentro da realidade análise da entrevista semiestruturada foi realizada a partir da separação das unidades temáticas das falas gravadas dos participantes. No caso da observação participante e exploração

de campo, com composição de diários, foram usadas técnicas descritivas na tentativa de contextualizar a fala dos(as) participantes. A sustentação foi por meio da proposta do modelo de análise de contexto qualitativa.

3.7. Procedimentos de análise

Essa etapa consistiu na audição das entrevistas, com a tomada de notas, que possibilitaram a análise das entrevistas realizadas com os diferentes sujeitos da pesquisa, no sentido de ponderar falas concernentes à relação dos mesmos com o grupo do qual fazem parte originalmente, bem como do grupo de trabalho relativo às eleições do qual fizeram parte, considerando observações registradas no diário de campo e aportes teóricos que embasam o estudo.

Levando em consideração a necessidade de coesão no que concerne à metodologia qualitativa e a maneira mais indicada de avaliar e descrever as informações que foram obtidas por meio da coleta dos dados, a opção escolhida foi a técnica de análise de conteúdo. A meta foi compreender e inferir novos conhecimentos a partir dos relatos dos sujeitos. A análise de conteúdo almeja a compreensão crítica do sentido das comunicações observadas e capturadas, seu conteúdo manifesto ou latente, bem como as significações explícitas ou ocultas.

3.8. Análise crítica dos riscos e benefícios:

3.8.1. Riscos

Tomou-se a contento que possíveis riscos decorrentes da participação de pessoas na pesquisa podiam surgir, mas seriam mínimos e altamente subjetivos de serem considerados. Mesmo assim, houve comprometimento ante a questão para que não ocorressem problemáticas psicofísicas aos participantes.

Por exemplo, ao se explorar opiniões pessoais (percepções/representação sociais), tais atividades poderiam trazer à memória experiências ou situações vividas que depreendessem instabilidades emocionais, já que ligadas a um histórico de trabalho. Mas, como a perspectiva foi confrontar marcos teóricos estabelecidos em razão de um contexto de trabalho vivido e compartilhado, o pesquisador se comprometeu em minimizar tais riscos, caso surgissem, e se for o caso propor atendimentos psicossociais sem ônus aos participantes.

Além disso, o pesquisador fez leitura e entrega do TCLE para conhecimento dos participantes e respeitou o posicionamento dos entrevistados.

3.8.2. Benefícios

A participação dos entrevistados pode trazer benefícios significativos tanto ao processo eleitoral, visto que detectou características do ecossistema comunicativo que podem servir de subsídios importantes no planejamento das próximas eleições. Além disso, a interação entre a instituição e a academia traz importantes trocas que podem gerar um ambiente mais propício a futuras pesquisas.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente capítulo, estão expostas partes significativas de depoimentos coletados em campo, em função de conceitos trabalhados nos Capítulos 1 e 2. A partir desses depoimentos, infere-se aqui os sentidos construídos pelos entrevistados, acerca do seu trabalho nas eleições, seu papel e da organização da qual originalmente faz parte, no processo eleitoral, associados a interpretações e afeitos a percepções relacionadas a cooperação e trabalho. Discutem-se questões relacionadas às práticas dentro do processo, representações sociais acerca dos objetos estipulados, dentro desse contexto específico de trabalho e das categorias predefinidas por conta da delimitação epistemológica proposta. Também há excertos do diário de campo, no qual há impressões tomadas dos fatos vivenciados ao longo das eleições 2018 e ao longo das entrevistas.

4.1. Redes de cooperação e redes sociais nas eleições: adendos à descrição do processo

A partir da descrição do capítulo 1, e de posse da fundamentação teórica, durante as eleições, fiz anotações no diário de campo que puderam nortear as entrevistas, assim como anotações a partir das entrevistas, que, longe de analisar o conteúdo, coisa feita posteriormente, foram adendos à descrição do processo eleitoral. Partes do processo ganharam novas formas. Não comprometendo, no entanto, a descrição cuidadosa feita no primeiro capítulo, mas acrescentando elementos úteis à análise, como poderá ser visto ainda nesse capítulo.

As bases da existência das redes de cooperação, que constituem também a sua definição, como já mostrado no Capítulo 1, são o interesse mútuo das entidades envolvidas, o aproveitamento de habilidades/conhecimentos, que cada participante possui, e que falta aos demais e a transferência desses conhecimentos. Contudo, embora a relação entre as diferentes organizações que compõem a rede de cooperação defina como tal a rede formada para a realização das eleições, a rede social formada só se dá a partir de nós comunicacionais estabelecidos ao longo das atividades nas quais os atores estão envolvidos.

Há que se observar, portanto, a formação de diferentes núcleos, nos quais ocorrem os trabalhos da eleição. Portanto, embora a rede social se forme a partir de atividades comunicativas entre os atores, há uma determinação prévia de onde mais provavelmente vai ocorrer cada nó, a partir da divisão do trabalho. Exemplificando, um mesário é treinado por vários multiplicadores, com os quais estabelecem laços mais ou menos tênues, e vai exercer sua atividade, ao longo da preparação do local de votação, em contato com o motorista que o levará ao local, com os demais componentes da mesa, com técnicos de urna que montarão o equipamento, com militares que fazem a segurança, entre outros profissionais.

A efemeridade do trabalho das eleições faz com que a rede formada para a execução deste tenha curta duração, o que provoca efeitos que podem ser notados ao se examinar o objeto de estudo desta pesquisa. Há que se observar a formação (ou não) das redes sociais dentro da rede de cooperação criada para a realização das eleições. Como visto no capítulo 1, “o ‘ator’ não produzido pela estrutura social, isto é, pela rede. É importante referir que os indivíduos não são atores se não interagirem; e quando interagem já são rede”. (FIALHO, 2015, p. 74). Assim, existem casos em que a única interação humana existente entre as organizações participantes são reuniões entre seus dirigentes e a assinatura de convênios. Cito, por exemplo, as Polícias civil e militar, organizações cujos membros executam comandos partidos diretamente de seus dirigentes, a partir de convênio assinado entre o presidente do TRE-AM e o Secretário de Segurança pública. Há termos a se cumprir, que são acertados em reuniões entre os dirigentes. Após isso, cada dirigente repassa o teor do acordo a seus subordinados, que tem elo apenas com as instâncias superiores de sua própria instituição.

Acessando a notícia sobre o termo de cooperação entre TRE-AM e SSP, tive conversas com meu colega de Assessoria de Comunicação, Andretti Barbosa, que cobre as assinaturas de acordos, pude perceber alguns fatos que foram somados aos conhecimentos que já tinha a respeito, narrados aqui em meu diário de campo:

Foi firmado, na tarde de hoje, o Termo de cooperação entre TRE-AM e SSP-AM, que define o envio de efetivos das Polícias Militar e Civil, para garantir a segurança do pleito nos municípios do interior do Estado. De acordo com o Termo, serão enviados 1.307 policiais militares e 57 policiais civis, que se somarão aos efetivos já lotados nos municípios. Embora com as restrições orçamentárias que afetam hoje toda a Administração Pública, o Desembargador João Simões, Presidente do TRE-AM, tem realizado esforços para que o pleito ocorra em condições plenas de segurança. Esse esforço foi ao encontro da intenção do Secretário de Segurança, Cel. Anézio de Brito Paiva, que atendeu ao TRE, destinando, através deste acordo, um efetivo que proporcionará maior tranquilidade ao processo eleitoral, no interior do Amazonas. (Site do TRE-AM, em “TRE-AM e Secretaria de Segurança Pública assinam termo de cooperação” 11.09.2018)

No caso dos policiais militares, ainda dentro do exemplo ora demonstrado, o acordo entre TRE e PM define tão somente o aumento do efetivo nas ruas, na véspera e dia das eleições, bem como o deslocamento de efetivos para os municípios do interior, de modo o trabalho feito é o rotineiro, de rondas nas vias públicas, se que haja contato entre os policiais com qualquer participante das redes sociais formadas - a exceção são aqueles designados para a escolta de equipes de fiscalização da propaganda eleitoral ou de magistrados. Nesses casos, embora haja a formação da rede de cooperação, há atividade comunicacional apenas entre os dirigentes, de forma que a execução de tarefas em prol das eleições se dá, em sua maioria, a partir dos nodos comunicacionais já existentes dentro das instituições. São, portanto, redes já previamente formadas, que colaboram com o trabalho do pleito, mas a partir de suas estruturas sociais já constituídas. (Diário de Campo, 11 e 12. 09.2018)

Forma-se uma rede de cooperação, mas nem toda ela constitui uma rede social, já que parte dessa rede de cooperação envolve grupos que, embora cooperem, o fazem apartados. Não se está negando, portanto, a existência das redes sociais, nesse âmbito, mas demonstrando que, nesses casos específicos, a comunicação ocorre dentro de grupos já compostos, cuja formação e funcionamento não tem relação com a rede de cooperação ora em estudo. Não se pode esquecer que os formadores dessas redes são pessoas, e que o tangenciamento e intercessão entre as organizações se dá na medida

em que as pessoas interagem, de modo que os ecossistemas comunicacionais dos quais as pessoas participam em suas organizações originais se formam a partir das redes às quais elas pertencem, cujos nós são formados por essas mesmas ações comunicativas.

Outro fato que se pode observar a partir do exame do objeto é a formação de vários núcleos dentro da rede social formada a partir desse trabalho conjunto. São grupos que, apesar de efêmeros, encerram em seus bojos atividades onde a interação entre pessoas são levadas a cabo a partir de processos comunicacionais. O servidor do TRE responsável pelas ocorrências dos locais de votação na zona centro-sul de Manaus, em trecho de sua entrevista, descreveu um desses núcleos, que é formado pelos mesários, que organizam e identificam os eleitores em cada seção de votação, o supervisor de local, que se responsabiliza pelo andamento da eleição naquele local onde se realiza o pleito (normalmente um colégio), o administrador de prédio, que é um funcionário da escola, normalmente indicado pelo gestor, que conhece o prédio e vai ajudar com informações sobre as instalações.

Esses atores estão ligados ao responsável pelos locais de votação, que é, via de regra, um, servidor do TRE com experiência em eleições, apto a resolver situações mais complexas:

Há os mesários, os supervisores que cuidam do local de votação, os administradores de prédios, que são funcionários do próprio colégio, que sabem onde tem uma tomada, um disjuntor, onde liga a luz, que são pessoas indicadas pelo gestor da escola. Tem os chefes dos supervisores e depois deles vem eu, que fico apagando incêndio, resolvendo exceções que os supervisores normalmente não conseguem resolver, muitas vezes por inexperiência ou por medo de quebrar o equipamento. É a urna que não liga, que eu chego e é, por exemplo uma tomada desconectada, mas as pessoas ficam com medo de quebrar o equipamento (ENTREVISTA. Thiago Marques, servidor do TRE-AM, nov/2018).

O supervisor responde ao Chefe de cartório, que é quem organiza as eleições na zona eleitoral que está sob a jurisdição do cartório que chefia. Esse gestor é responsável desde o processo eleitoral propriamente dito, delegando as tarefas e organizando a divisão do trabalho, como também por tarefas acessórias, como a verificação da correta distribuição de marmitas naquela região do município, pela empresa contratada pelo TRE para tanto.

Há, ainda, o responsável pelo treinamento dos mesários, que mantém, com todos

eles, contato direto pelo período do treinamento, além de outros componentes, em um núcleo no qual, ao longo do processo eleitoral, vai formando uma rede crescente em número de atores e nodos comunicacionais, formando, portanto, um ecossistema comunicacional crescente, ao longo do tempo.

Como são definidos esses papéis? Nesse caso específico, e por isso, interessante para a pesquisa, não há instrumento oficial designando servidores para tarefas. Há listas formadas a partir de reuniões entre o chefe de cartório e os demais servidores da Zona Eleitoral. Isso foi registrado no diário de campo, a partir de observações sobre o processo de designação.

Nas Zonas Eleitorais, há papeis que parecem estar mais bem definidos para as eleições. Com algumas exceções, a maioria dos servidores das Zonas Eleitorais trabalham diretamente nas atividades-fim, que culminam no dia do pleito. Há comissões de apoio com servidores designados por Portaria, que ainda assim pode ser considerada um instrumento de comunicação, embora formal, mas mesmo para confecção das portarias, há conversas prévias, para que cada servidor possa exercer tarefas nas quais já possua certa habilidade, já que o quadro do TRE-AM é pequeno. Na maioria das vezes, um servidor exerce várias funções (DIÁRIO DE CAMPO, 22.11.2018).

Essa nota foi feita a partir da declaração da servidora Mitzi Braule, que, assim como a maioria dos servidores do TRE, acumula várias tarefas nas eleições:

A minha parte da eleição é acompanhar lacre, carga, geração de mídia e fazer os relatórios [...] esse ano eu fiz o mapeamento e o croqui das escolas. A gente tem que entrar em cada escola pra ver se estão em condições de funcionamento, a gente faz os testes de rede com o pessoal da TI, verifica as manutenções que precisam fazer e o Frank (Ruiz, Chefe de Cartório) envia os ofícios com muita antecedência, de acordo com o que eu repasso sobre as escolas [...] Eu faço também convocação de mesário junto com o pessoal aqui. Eu sempre dou preferência pros voluntários. Quem vem contra a vontade às vezes dá problema [...] Eu também dou o treinamento pra eles [...] (ENTREVISTA, Mitzi Braule, servidora do TRE-AM, nov/2018).

Longe de criar um entrave para o desenho da rede formada, define-se que cada membro da rede, ao desempenhar duas ou mais tarefas, vai assumir, via de regra, os

Observe-se que no diagrama estão simbolizadas as funções exercidas pelos atores, e não estes próprios. A limitação imposta para que se represente a rede que realmente é formada se dá pelo número de atores. Nesse caso, em que se retrata a ponta do processo, são cerca de 30 mil mesários, que impossibilitaria uma representação gráfica mais próxima ao objeto de estudo.

Contudo, para o estudo em questão, a figura atende ao que desejamos demonstrar.

Na formação das redes de cooperação, o fundamento é a capacidade de colaboração de cada organização envolvida e “ocorre quando um grupo de *stakeholders* com domínio de um problema ou parte dele, se envolvem em um processo interativo, usando divisão de papéis, normas e estruturas, para agir ou decidir questões relacionados ao problema” (OLAVE e AMATO, 2001, p. 290). Note-se que esses pressupostos, embora valham para a formação da rede de cooperação, não bastam para descrever as redes sociais formadas, nem a influência dos grupos originários de cada ator, para suas percepções dos trabalhos realizados ao longo do processo eleitoral.

O diagrama acima consegue, portanto, mostrar de forma sucinta a rede de cooperação formada, a partir dos atores e seus vínculos às suas instituições de origem. Contudo, só uma análise mais profunda consegue levantar os nodos comunicacionais formados, e descrever as redes sociais efetivamente formadas. Mas isso não impede de analisar os ecossistemas comunicacionais de parcela da rede, a partir de seus elementos mais visíveis, que são os processos comunicativos, e dos elementos invisíveis, que são os cabedais simbólicos dos atores.

4.2. Análise das falas

A partir da descrição do objeto acima realizada, conforme a construção teórica proposta, podemos perceber que o conjunto de interações comunicacionais são formadores das redes e engendrados por elas, em um processo contínuo do qual depende a própria existência do grupo social, bem como seu funcionamento. Dessa forma, as representações sociais que dão significado à realidade vivida nas organizações, e portanto, nas redes das quais esses atores originalmente participam,

serão utilizadas para construir os significados com os quais interpretam a realidade que os circunda na rede de cooperação formada.

Desse fato se pode admitir que o ecossistema comunicativo formado dentro dessas redes não é autopoietico, a princípio, já que a efemeridade delas não permite que se crie um conjunto de representações sociais próprias daquele sistema. Já os atores que os formam processam as mensagens circulantes a partir das representações sociais que trazem consigo, obtidas nas suas organizações de origem, ou em outros núcleos sociais aos quais pertençam. Isso revela que a autopoiese do ecossistema comunicacional do indivíduo depende de uma convivência dentro de um grupo social que permita a aquisição de um capital simbólico. Revela, ainda, que para que haja um processo autopoietico, e portanto, um ecossistema comunicacional com todas as características de um sistema, no grupo, é necessário que o tempo de convivência, e, portanto, as interações comunicacionais entre os membros, produzam o capital simbólico próprio do grupo.

Concernente à Teoria das Representações Sociais (TRS), utilizou-se tal pressuposto teórico em razão de se identificar caminhos para se compreender a relação entre a formação de nós, ainda que efêmeros, para a realização do trabalho, e a relação entre as representações sociais trazidas da organização de onde se originam os atores, bem como a rede da qual passam a fazer parte, e como essa nova pertinência se relaciona com essas representações sociais. Com base nesse pressuposto teórico, e identificado o posicionamento e papel de cada ator na rede pesquisada, pôde-se descrever, ainda que parcialmente, o ecossistema comunicacional existente na rede, e como ele tangencia os ecossistemas de origem de cada ator, absorvendo elementos desses ecossistemas. Demonstra-se, ainda, que cada ator, embora participe desse novo ecossistema, traz consigo o capital simbólico adquirido no seu ecossistema originário, interpretando os elementos do novo ecossistema através de um processo autopoietico.

Cabe salientar aqui que mesmo sem nunca ter trabalhado em eleição, o brasileiro médio tem uma boa noção do processo eleitoral, embora veja com descrédito os

políticos, como se pode ver nas falas a seguir, retiradas da Pesquisa Qualitativa e Quantitativa encomendada pelo TSE³:

Em termos de processo, o processo eleitoral não é ruim. O problema realmente está na corrupção, está na intenção das pessoas (Eleitor de Belém, 45 a 59 anos, classe A).

[...] eles comandam a distribuição das urnas, a segurança, isso tudo funciona. Quem não está prestando são os candidatos (Eleitor de Recife, 25 a 45 anos, classe C).

É uma coisa que funciona muito bem. Não tem do que reclamar, porque funciona. Quando eu fui votar uma urna quebrou, já tinha outra para substituir (Eleitor de Goiânia, 18 a 24 anos, classe B).

Esse descrédito faz com que tanto o mesário convocado como o voluntário, adotem comportamentos muito parecidos, com relação ao trabalho exercido nas eleições, e com relação à cooperação para com o processo. A servidora responsável pelo treinamento dos mesários que atuam na zona centro-sul de Manaus, conta:

Os mesários, em geral, comparecem aos treinamentos sem muita vontade, pois vêm só por causa das folgas. O que interessa para quem trabalha são as folgas, e para os universitários, as horas complementares [...] mas depois que passam pelo treinamento e entendem a importância do seu papel para a democracia, se tornam defensores do sistema eleitoral (ENTREVISTA. MITZI BRAULE, servidora do TRE-AM, novembro de 2018).

O mesário entrevistado, que participou das eleições de 2018, deixa bem claro isso em sua fala. mesma desesperança, em outro lugar cede à noção de que o voto é esperança de melhora:

[...] a gente chega achando que vai trabalhar pra enxugar gelo, faz o negócio todo direitinho e coloca esses corruptos pra governar a gente. Eu dei o meu melhor, mas não vejo esperança nisso, não. Eu vou te dizer a verdade, eu só fui porque queria as folgas pra - cita o nome do órgão que ele trabalha. [...] não tem outro jeito. A gente vai escolhendo e vai errando

³ Os dados relacionados dizem respeito a declarações tomadas a partir de pesquisa de levantamento (de Mercado) qualitativa encomendada pelo TSE para coletar impressões de eleitores (as) brasileiros(as), prévia às eleições 2016. Não houve pesquisa prévia às eleições de 2018, devido os cortes orçamentários feitos pelo governo federal.

e acertando, até conseguir chegar onde chegaram os países desenvolvidos. Lá tem roubalheira também, mas é muito menos do que aqui (M.A., trabalhou como mesário nas eleições, 2018).

Há, nesse ponto, a partir dos relatos aqui apresentados, que se proceder a identificação das categorias de representações sociais que se pode destacar nesses discursos. A categoria **trabalho**, com que se classifica aqui as tarefas a se desempenhar ao longo da eleição. O trabalho, na cultura ocidental é associado a sofrimento, a castigo, sendo esta associação presente em várias cosmogonias conhecidas, como o castigo do pecado original, na narrativa bíblica, ou a sustentação da terra, por atlas, ou ainda Sísifo, rolando a esfera monte acima.

Contudo, o trabalho pode se realizar a partir das classes cooperação ou competição. Na cooperação, trabalha-se em prol do bem comum. Na competição, trabalha-se para, em detrimento do benefício alheio, obter um benefício para si. Nas duas classes, trabalha-se, portanto, para obter-se uma recompensa, que é outra categoria de representação. A recompensa, ou pelo menos a antevisão dela é, portanto, o sublimador da dor causada pelo trabalho.

Definidas essas categorias de representações sociais delineadas nos conteúdos das falas, observam-se aqui dois aspectos a se discutir: a autopoiese, característica típica de um ecossistema, que apresentaria pouca permeabilidade, já que a representação social, que em tese faria com que o indivíduo permanecesse ancorando o processo eleitoral às representações que traz consigo, na verdade muda sua forma de representar ao longo do tempo. Há que se levar em conta, para que se tire conclusões acerca dessa observação, a característica paradoxalmente dupla das representações sociais, que se apresentam pouco mutáveis, estabelecendo imagens que perduram para o grupo social que as adota, mas também estão em constante mudança, refletindo o contato com o meio, evidenciando o ecossistema que permeia o grupo social, bem como aquele no qual está inserido.

Para resolver esse paradoxo, Abric (2001) propõe o conceito de **núcleo central**. O núcleo central é determinado, de um lado, pela natureza do objeto representado, de outro, pelo tipo de relações que o grupo mantém com este objeto e, enfim, pelo sistema de normas sociais que constituem o meio ambiente ideológico do momento e do grupo

(...) Esse núcleo é que define a adoção dessa representação pelo grupo. Já os elementos periféricos possuem, segundo Flament (1989, p.209), três funções, que aqui serão utilizadas para analisar o fenômeno, tomando como núcleo central a categoria de trabalho, com suas classes cooperação, competição e recompensa:

Concretização: os elementos periféricos funcionam como mediadores entre o núcleo central e a situação concreta na qual a representação é elaborada ou acionada em termos concretos e compreensíveis. No caso ora explorado, o núcleo que colocamos em evidência é a noção de cooperação, que parece não alterar, já que se presume que o sujeito, no caso, o mesário, vê a cooperação como algo bom, e situações onde é bom para ele cooperar. Ainda, o trabalho é visto, dentro da cultura ocidental como um mal necessário, como algo que deve ser feito pelo que se pode obter dele. O que ocorre é que a tarefa a cumprir, nesse primeiro momento, esses além da representação social do trabalho, que, nesse caso, é avaliada com relação ao fato de que o participante nada vai receber em troca, a convocação para trabalhar nas eleições é ancorada junto a símbolos que remetem a obrigações para com o estado, um compartimento onde se encontram impostos, multas, entre outras coisas negativas.

Regulação: ao contrário do núcleo central, os elementos periféricos são maleáveis, adaptando a representação às mudanças do contexto, de modo que as informações novas possam ser integradas à periferia da representação. Dessa forma, embora o conceito de trabalho permaneça o mesmo, vinculado a uma representação que remete a um sofrimento com um fim utilitário, há elementos periféricos como o prazer da convivência e o bem maior, que são associados à recompensa (ainda que, no segundo caso, não uma recompensa pessoal, mas uma recompensa para o grupo do qual faz parte), que trazem uma razão para que o sofrimento do trabalho exista e trazem à tona o fato de que o indivíduo está empreendendo uma ação de cooperação para com o seu grupo.

Defesa: para manter intacto o núcleo central, cuja mudança operaria uma transformação na representação, os elementos periféricos permitem contradições. Assim, o sujeito laça mão da nuvem de elementos dos quais dispõe, compara com o fato concreto ao qual está exposto, e acaba por transformar o mesmo fato em algo satisfatório, que dá sentido àquele momento que ele vive. Nesse caso, a representação

social que o mesário tem do trabalho se mantém. O que muda é que, frente ao fato concreto, a interpretação quanto à recompensa obtida passa a existir.

Sobre os presidentes de mesa, mesários e supervisores, a servidora lembrou ainda que existe uma competição entre as zonas eleitorais de quem termina primeiro de transmitir os votos. Essa prática, embora levada a cabo pelos servidores do Tribunal, não é realizada, na maioria das vezes pelos mesários e supervisores, “que estão mais preocupados em não errar, em fazer tudo certinho e não precisar refazer o serviço” (Mitzi Braule). Realizando o mesmo tipo de análise, a partir das três funções propostas por Flament (1989, p.209), tem-se:

Concretização: O núcleo central é a noção de competição, que é definida como algo bom, a princípio, já que oferece a recompensa da vitória, no final. O trabalho, sob a classe da competição, quando o ator se depara com a situação concreta, avalia que a recompensa não vale a pena diante dos possíveis prejuízos, avaliando o fato concreto sob o prisma de outra representação social, a de prejuízo, em contrapartida à de recompensa. Na verdade, o que o mesário vai receber em troca pelo sucesso não vale a pena o risco do prejuízo.

Regulação: o conceito de competição permanece o mesmo, mas muda de valor ao ser vinculado a um possível prejuízo. Portanto, a representação que remete a um sofrimento com um fim utilitário (o trabalho redobrado para o alcance da vitória), é contraposto a elemento periférico que é a possibilidade do prejuízo, com o prazer associado a não correr o risco de tê-lo. Nesse caso, entra em jogo a categoria medo, que sempre aciona o impulso do não fazer, sempre associa a aversão à prática.

Defesa: Nesse caso, a representação social que o mesário tem da competição se mantém. Contudo, frente ao fato concreto, a interpretação quanto à recompensa obtida passa por uma avaliação, e vence, no final, a necessidade de segurança. Ao final, a recompensa de terminar primeiro não vale o risco do erro.

Essa autopoiese demonstra uma característica de sistema fechado, com baixa permeabilidade, no qual a comunicação é realizada a partir do capital simbólico do indivíduo, em função do grupo a que pertence. Mas não parece ser a mera pertinência ao grupo que determina o cabedal de representações sociais que o indivíduo utiliza no

processo comunicacional. Não é um processo imediato. A convivência com o grupo através do tempo causa mudanças nessas representações sociais, de forma que a mera participação em uma rede de cooperação não traz mudanças relevantes. A seguir, demonstro informações que corroboram para com essa afirmação.

Nos relatos dos servidores do TRE entrevistados, há uma noção muito bem sedimentada de que as eleições são um processo cooperativo e que o trabalho desenvolvido só é feito a partir da disposição de todos em fazer sua parte. Na fala do Chefe de cartório entrevistado isso é percebido de modo claro:

‘[...] o chefe de cartório é responsável por requisitar os locais de votação, convocar e selecionar mesários, supervisores [...] pelo treinamento dos mesários, por verificar se a estrutura de cada local de votação supre as necessidades. A gente lida com fornecedor de marmita. Não somos nós que fazemos a licitação e o contrato, mas a Secretaria de Administração do tribunal, mas quem confere se as refeições são entregues e acondicionadas direitinho em cada colégio somos nós, da Zona. Verificamos a carga e o lacre das urnas, fazemos a distribuição, tanto na cidade, como na zona rural, no caso das zonas eleitorais que tem locais de votação em zona rural, verificamos se os pedidos de manutenção feitos ao estado e município foram atendidos e, caso não, fazemos a mudança das seções pra outra escola. Pra isso, temos que avisar os eleitores da mudança. Também fazemos todo o resto do serviço lá no local de votação, com os mesários, os técnicos de urna, e outras pessoas envolvidas na eleição. Em tudo isso eu sou um gestor, mas o trabalho é feito por uma equipe muito grande (ENTREVISTA, Frank Ruiz, Chefe de Cartório, TRE-AM, nov/2018).

A percepção acerca da cooperação como elemento que leva a um benefício para o grupo parece ser maior quanto mais tempo o ator se expõe aos valores do grupo. O Chefe de cartório responsável pela gestão de vários grupos de trabalho formados para as eleições, dá um exemplo de como a duração do envolvimento com a rede tende a modificar o capital simbólico. Segundo o relato,

[...] as convocações dos mesários muitas vezes são devolvidas pelos correios, pois os carteiros, não compreendem a importância dessa entrega para o processo democrático. Por outro lado, servidores da própria Zona Eleitoral, quando realizam a mesma entrega, tendem a ter um índice de alto. O correio devolve a correspondência, nunca acha esse endereço. Diz que a pessoa não mora naquele endereço., mas quando vai um servidor lá, encontra a pessoa rapidinho. (ENTREVISTA, Frank Ruiz, servidor do TRE-AM)

A estrutura de **núcleo central** e elementos periféricos aqui é menos evidente mas cabe uma análise a partir de elementos propostos por Flament (1989), com as três funções tomando ainda como núcleo central a categoria de trabalho, com suas classes cooperação, competição e recompensa:

Regulação: o conceito de trabalho, com seu valor intrínseco de sofrimento, mas que vale a pena ser exercido mediante um fim utilitário, não tem validade para o carteiro, que vê, diante de um endereço difícil de encontrar, ou da negativa de alguém que não quer ser encontrado, um obstáculo a transpor que não está ligado a nenhum tipo de recompensa, para o funcionário da justiça eleitoral, a tarefa é a mesma, talvez facilitada pelo que o judiciário representa. Aqui, vemos duas situações distintas. Uma, na qual não há, a princípio, elemento periférico cuja mudança de valor forneça recompensa. Na segunda, embora haja uma situação penosa a enfrentar com a entrega das convocações, há um elemento de recompensa, pois o servidor sabe que sua tarefa é importante para o sucesso do todo e isso lhe traz satisfação pessoal, bem como o reconhecimento por ter feito o que o carteiro não conseguiu, que traz o elemento competição. O vínculo da situação a representações periféricas que remetem a recompensa faz com que, também nesse caso, haja uma sublimação da dor.

Defesa: Nesse caso, a representação social que o carteiro tem permanece, e a do servidor do TRE também, mas a introdução de novos significados para os elementos periféricos, fato que não acontece com o funcionário dos correios, acontece para o do TRE, que mantém a representação de trabalho, mas experimenta uma ressignificação, a partir dos elementos da recompensa e da competição.

O funcionário que já convive dentro de um Cartório Eleitoral há algum tempo, parece ter uma visão da necessidade da cooperação e da importância de seu trabalho diferente da do carteiro, que embora saiba que é um documento importante, não o interpreta a partir do mesmo capital simbólico. Embora ambos representem o trabalho de forma similar, só o segundo grupo tem, em seu capital simbólico, representações que façam com que os elementos periféricos mudem substancialmente o núcleo central.

Pode-se verificar o quanto se adquire um capital simbólico quando se tem um período maior de contato com um grupo, no depoimento a seguir, da Servidora do

Tribunal de Justiça que já trabalhou durante um tempo na justiça eleitoral, e continua, de forma voluntária, trabalhando no pleito:

Foi muito gratificante. Nossa equipe já se dedica às atividades da mesma zona eleitoral há alguns anos. Tentamos fazer o melhor pro cidadão que sai da sua casa para exercer o voto: montamos os equipamentos, colocamos cartazes, orientamos, coordenamos os mesários, transmitimos os dados com a maior celeridade possível. Exercemos nossa cidadania em plenitude nesses dias com uma equipe coesa e muito competente (ENTREVISTA, NABIHA MONASSA, Ex-servidora Do TRE-AM, nov/2018).

Observa-se aqui que o trabalho é visto como algo recompensador, não só pela noção do bem comum como resultado, mas também pela satisfação de trabalhar junto a uma “equipe coesa e muito competente”, que demonstra um senso de pertinência positivo. O ato de cooperar, aqui, como nas outras situações já vistas, é definido a partir de um conjunto de representações que fazem o trabalho valer a pena.

Observa-se aqui, a exemplo de outras situações vistas, que a confiança depositada no processo tem um papel fundamental na construção dessas representações sociais, de modo que conhecer o processo por dentro faz com que o ator desenvolva essa relação de confiança.

4.3. Uma outra análise das falas

As representações sociais são, de acordo com Moscovici (2003), convenções estabelecidas para o significado do percebido, que têm um caráter pragmático, já que são engendradas, ainda que de forma inconsciente, como balizas para o fazer. Assim, o ator tem que realizar as tarefas concernentes às eleições, e para lidar com essa série de novos elementos, com os quais não está acostumado, usa as representações que já carrega, oriundas do grupo social de onde vem.

Algumas dessas representações e suas relações foram mostradas a partir da análise dos depoimentos dos atores. Viu-se que o processo de representar é ao mesmo tempo estático e dinâmico, um processo de apreensão do desconhecido, para um mundo já conhecido pelo indivíduo, a partir de significações já estabelecidas, que vão conversar entre si, para que se mantenham, o máximo possível, imutáveis.

As falas dos entrevistados, a partir da análise feita, com base, principalmente, na teoria de Abric (2001), que define o conceito de núcleo central e elementos periféricos, a natureza dual dos ecossistemas comunicacionais, bem como a classificação de Flament (1989) quanto a esse processo, demonstraram que o indivíduo acessa o seu cabedal de símbolos para interpretar o mundo exterior. Contudo, a análise realizada se limitou a determinadas categorias que podem fazer parecer que só essas categorias são acessadas nessas interpretações específicas.

Retomamos, a partir deste ponto, as falas anteriormente analisadas, com a finalidade de demonstrar que o capital simbólico forma, na verdade, uma nuvem de símbolos, que é acessada em vários pontos, para que se forme uma conclusão e se enquadre o fato em determinada categoria, e destaco os pontos onde se pode observar a mudança das categorias periféricas para que as categorias propostas, como a do trabalho, intrinsecamente ligada a sofrimento e recompensa, permaneça inalterada.

“os mesários, em geral, **comparecem aos treinamentos sem muita vontade, pois vêm só por causa das folgas**. O que interessa para quem trabalha são as folgas, e para os universitários, as horas complementares” [...] “mas depois que passam pelo treinamento e entendem **a importância do seu papel para a democracia**, se tornam defensores do sistema eleitoral” (ENTREVISTA. MITZI BRAULE, servidora do TRE-AM, novembro de 2018).

Nesse caso, a servidora analisa o comportamento dos mesários a partir da representação comum de trabalho em nossa sociedade, que envolve sempre uma recompensa que faz o sacrifício valer a pena, e verifica uma mudança de comportamento naqueles com quem lida, definindo essa mudança a partir de conversas que tem com os mesários.

Note-se aqui uma observação que, ao que nos parece:

- a) interpreta o próprio ato de se voluntariar dentro de uma representação social;
- b) a volição como elemento primário da escolha,
- c) a democracia, como um regime desejável,
- d) a confiança no sistema eleitoral.

Alertamos que não se pretende fazer juízo de valor, mas tão somente se demonstra as representações acessadas, para, mais uma vez, demonstrar a nuvem de representações que cada indivíduo lança mão para interpretar os objetos que apreende.

Mesma análise faz-se aqui da fala do mesário, que, como já demonstrado, ao longo de sua fala, demonstra uma adaptação de sua relação com o trabalho, embora o núcleo central da representação permaneça intacto.

[...] a gente chega achando que vai trabalhar pra enxugar gelo, faz o negócio todo direitinho e coloca esses corruptos pra governar a gente. Eu dei o meu melhor, mas não vejo esperança nisso, não. **Eu vou te dizer a verdade, eu só fui porque queria as folgas pra - cita o nome do órgão que ele trabalha. [...] não tem outro jeito. A gente vai escolhendo e vai errando e acertando, até conseguir chegar onde chegaram os países desenvolvidos. Lá tem roubalheira também, mas é muito menos do que aqui** (ENTREVISTA. M.A., trabalhou como mesário nas eleições, novembro de 2018).

Observo, aqui, que são expressas no discurso representações outras que estão ligadas às conclusões que o entrevistado tira a respeito do fato:

- a) A representação social da figura do político, como alguém invariavelmente corrupto;
- b) A representação social da política, que, em geral é confundida com as eleições, mas na verdade constitui apenas parte dela;
- c) A representação social dos países “desenvolvidos”, que aparecem sem mazelas, ou com poucas, em detrimento a países latino-americanos e/ou similares;
- d) A representação social do “desenvolvimento” dos povos, a partir da qual cada povo vê o outro como se estivesse em uma fase de uma história linear, e que cada um vai chegar aos pontos posteriores que outras nações já alcançaram.

Esses são apenas alguns pontos dos muitos que se podem detectar na nuvem de significados acessadas pelo mesário para que tire suas conclusões.

[...] as convocações dos mesários muitas vezes são devolvidas pelos correios, pois os carteiros, que não compreendem a importância dessa entrega para o processo eleitoral. Por outro lado, servidores da própria Zona Eleitoral, quando realizam a mesma entrega, tendem a ter um índice de alto. O correio devolve a correspondência, nunca acha esse endereço.

Diz que a pessoa não mora naquele endereço, mas quando vai um servidor lá, encontra a pessoa rapidinho (ENTREVISTA. FRANK RUIZ, servidor do TRE-AM).

Nessa fala, embora a tenhamos utilizado para demonstrar uma comparação entre duas representações periféricas de recompensa, que definem uma diferença na reação diante do trabalho, sem que necessariamente mude a representação de trabalho, há muitos outros elementos que devem ser levados em conta:

- a) A representação do carteiro, como alguém que vai realizar o seu trabalho de forma mecânica, talvez amalhada por experiências negativas com correspondência;
- b) A representação acerca dos servidores que entregam as convocações;
- c) Novamente, a representação da volição como causa primária da escolha;

Demonstra-se, a partir deste segundo grupo de análises, que, ainda que a mudança ocorra a partir de uma negociação entre a relação de representações periféricas, com a finalidade de manter intacto o núcleo central da representação, o indivíduo aciona uma série de outras representações. A construção de significado não é um processo estanque, menos ainda a atribuição do significado ao fato concreto. A interpretação do fato concreto para que se estabeleça a ligação entre ele e o núcleo central, seja ele a representação de trabalho, recompensa, competição, cooperação, dentre os analisados, depende do posicionamento dos elementos desse fato concreto dentro dos diversos significados que o sujeito aciona a partir do cabedal que possui, tanto a respeito do fato, como do momento histórico, dos atores envolvidos, entre vários outros fatores.

Assim, o processo de interpretação requer o acionamento de uma série de símbolos, que vão construindo uma representação específica para cada sujeito, paradoxalmente singular, no sentido de que os elementos adquiridos para a construção da representação dependem do grupo social a que pertence o sujeito, mas também de todos os grupos sociais aos quais pertenceu. As representações sociais compartilhadas na família, na escola, no trabalho, entre outros grupos, constroem uma nuvem ao mesmo tempo representativa do individual e do coletivo, que não só é reflexo da história de vida

do ator junto aos grupamentos dos quais fez parte, mas dos grupamentos diversos nos quais ele desempenha seus papéis. Assim, cada emissão e interpretação da mensagem, do outro e do meio, como define Habermas, é um reflexo da teia histórico-cultural na qual os indivíduos estão imersos.

Ao se entenderem frontalmente acerca de algo num mundo, eles se movem dentro de horizontes do seu mundo de vida comum. O mundo onde a comunicação ocorre tanto constitui o contexto como fornece os recursos para o processo de compreensão, forma um horizonte e ao mesmo tempo oferece uma quantidade de evidências culturais das quais os participantes no ato de comunicar, nos seus esforços de interpretações retiram padrões de interpretações consentidas. (HABERMAS, 1990, pp. 278-279).

4.4. TRS, ecossistemas comunicacionais e redes nas eleições: uma conversa entre teorias à luz dos resultados

Representações sociais, como se pode ver, são compartimentos, escaninhos, nos quais indivíduos, ao serem apresentados ao objeto, colocam-nas, estabelecendo sua posição dentro da realidade percebida e a partir daquilo que já é familiar ao observador. Assim, a comunicação (e chama-se aqui de comunicação não só a interação entre sujeitos, mas também aquela entre o indivíduo e a realidade circundante) é um processo mediado não só pelos meios observáveis, mas também pelos meios não visíveis, a saber, o capital simbólico, as classificações das quais o sujeito dispõe para interpretar o objeto ao qual é exposto.

O ecossistema comunicacional presente em uma rede parece, de acordo com o observado, tanto mais denso quanto mais frequentes forem as interações. Isso faz com que a densidade, no sentido da frequência das interações comunicacionais e da diversidade de meios utilizados, em atendimento a essa frequência, esteja intimamente ligada com a densidade da rede, já que são essas mesmas interações e meios que formam o ecossistema, bem como a nuvem de representações que formam o capital simbólico do indivíduo.

Falo aqui de indivíduo, não de grupo, que é na verdade o escopo teórico das representações sociais, porque no fenômeno ora examinado o indivíduo sai de seu grupo originário e vai fazer parte de um grupo de trabalho temporário, carregando consigo a nuvem de representações adquiridas naquele primeiro. Falo, ainda, em indivíduos, porque há que se levar em conta que cada ser humano pertence a mais de um grupo.

Um mesmo indivíduo tem seu ambiente de trabalho, seu grupo religioso, seu ambiente acadêmico, e, hoje, grupos formados em mídias sociais.

Retomo aqui a fala do Chefe de Cartório, que, profundamente descritiva, revela a construção do ecossistema comunicacional externo, como também do interno.

[...] o chefe de cartório é responsável por requisitar os locais de votação, convocar e selecionar **mesários**, supervisores [...] pelo treinamento dos mesários, por verificar se a estrutura de cada local de votação supre as necessidades. A gente lida com **fornecedor de marmitta**. Não somos nós que fazemos a licitação e o contrato, mas a **Secretaria de Administração** do tribunal, mas quem confere se as refeições são entregues e acondicionadas direitinho em cada colégio somos **nós, da Zona**. Verificamos a **carga e o lacre** das urnas, fazemos a distribuição, tanto na cidade, como na zona rural, no caso das zonas eleitorais que tem locais de votação em zona rural, verificamos se os pedidos de manutenção feitos ao **estado e município** foram atendidos e, caso não, fazemos a mudança das seções pra outra escola. Pra isso, temos que avisar os eleitores da mudança. Também fazemos todo o resto do serviço lá no local de votação, com os mesários, os técnicos de urna, e outras pessoas envolvidas na eleição. Em tudo isso eu sou um gestor, mas o trabalho é feito por uma equipe muito grande (ENTREVISTA, Frank Ruiz, Chefe de Cartório, TRE-AM, nov/2018, *grifo nosso*).

A narrativa em destaque nos remete a uma descrição do processo eleitoral no âmbito do cartório. Essa descrição, em uma avaliação aprofundada, aponta para situações referentes a diversos meios de comunicação utilizados dentro deste núcleo específico, bem como naquelas entidades com as quais o Chefe de Cartório toma contato. Outrossim, para maior elucidação do que tentamos demonstrar, junto minhas anotações a respeito do depoimento do Chafe do Cartório, que incluem o conhecimento que tenho do processo eleitoral amalhava ao longo dos anos em que trabalhei na Justiça Eleitoral. Penso que, ao disponibilizar trechos de meu diário de campo, possam ser trazidas elucidações pertinentes acerca do estudo.

Segue, desta feita, trecho em que eu exponho detalhes latentes na descrição feita pelo Chefe de Cartório, acerca do processo eleitoral.

Nesse trecho, o Chefe de cartório fala de vários grupos diferentes de pessoas, que demandam diferentes interações com os membros desse núcleo gerido pelo entrevistado, mas também com outros membros do tribunal. Um mesário, por exemplo, foi convocado através de uma carta, redigida por um servidor do tribunal. Ou se inscreveu em um site, acessando informações preparadas por outro servidor do Tribunal e colocando seus dados pessoais, que foram lidos por outro servidor. Esse mesário fez um pequeno curso EAD, que foi elaborado pela TI do

Tribunal, com dados fornecidos por pessoas da própria TI, com a parte didática coordenada pelo pessoal da Coordenadoria de Desenvolvimento. Passou, ainda, por um treinamento mais longo, no caso dos presidentes de mesa, e um mais longo ainda, se trabalhou como supervisor de local de votação. Um técnico de urna se inscreveu no FAEPI (entidade ligada ao IFAM) e foi treinado por servidores da TI do Tribunal, atuando no local de votação, normalmente resolvendo situações em contato com o supervisor. Muitos desses, ao ir atuar em locais mais distantes, tiveram a escolta dos PMs que foram ao local de votação no mesmo veículo ou embarcação. A carga e o lacre das urnas é realizada por esses mesmos técnicos de urna, supervisionados por servidores do tribunal, designados por uma portaria da presidência, para fazer parte de uma comissão. Nesse processo, se fazem presentes o Juiz da Zona Eleitoral, o Promotor de Justiça, fiscais dos partidos, e, no caso do primeiro processo, que é a solenidade inaugural, de servidor da Assessoria de Comunicação e de diversos jornalistas. O estado e município a que ele se refere são funcionários que vão receber e ler as solicitações, decidindo ou não pela viabilidade dessa manutenção e redigindo uma resposta, que vai assinada pela autoridade competente. Provavelmente há, nesse processo, uma análise do setor financeiro da Secretaria de Educação, e uma análise técnica do setor de manutenção (DIÁRIO DE CAMPO, novembro de 2018).

Ao explicar de forma bruta ou crua, sem tratamento analítico, o trecho em meu diário de campo, procuro realizar adendos à descrição feita na entrevista, com intuito de mostrar entrelinhas que, para o entrevistado, estão subentendidas. Porém, a leitores, podem oferecer lacunas. Nesses exemplos retirados da fala do chefe de cartório, nota-se a grande quantidade de interações comunicacionais e dos meios utilizados pelos atores citados. Cada interação diferente, ou conjunto delas, formam um elo na rede, ligando atores e estabelecendo possibilidade de novas interações, caso necessárias.

Há que se levar em conta, ainda, que em todas essas interações ocorridas há interpretações realizadas pelos atores entre os quais as interações ocorrem. Essas interpretações são realizadas exatamente pelas representações sociais que povoam o mundo interno de cada ator. O conjunto dessas interações comunicacionais, seus meios, bem como as representações sociais das quais indivíduos lançam mão para interpretar as interações e se interpretarem mutuamente, bem como ao meio no qual esses atos comunicativos acontecem, constituem parte do ecossistema comunicacional formado nas eleições. Há, ainda, embutido na fala, atos comunicacionais isolados, como a solicitação de manutenção que é mandada para a escola, que foi, ao que nos parece, introduzida em um ecossistema comunicacional próprio de outro grupo.

É, então, um contato com o meio, no qual a mensagem é feita a partir do capital simbólico do grupo ao qual pertence o servidor do TRE, e lida a partir dos referenciais que possui o servidor da Secretaria de educação que fez a análise. Contudo, o meio em que os dois sistemas se encontram imersos é um grupo social comum, de pessoas do mesmo país, mesma língua, ambos servidores públicos, e, portanto, compartilhantes de certas representações que permitem essa interpretação com certeza não uniforme, mas também não díspar.

A análise feita permitiu vislumbrar esse processo de apreensão e classificação do objeto, tornando-o algo familiar. Essa análise, embora abarque uma parcela muito pequena do universo de representações envolvidas em um processo como o ora estudado, não deixa de fornecer uma amostra de como o processo é realizado, a partir de representações importantes dentro de qualquer ação que envolva trabalho.

Observa-se, portanto, nos casos analisados, que a pretensa permeabilidade do ecossistema na verdade se dá a partir de um processo onde representações que já fazem parte do sistema são utilizadas como sublimadores da dor causada pelo inicialmente inusitado. Não há, na verdade, acréscimo do capital simbólico do outro grupo, mas o uso das representações que o grupo originário do indivíduo adota. Não há, entretanto, como dizer que essa característica de sistema fechado perdura, em casos de interação mais duradoura. Mesmo com servidores antigos do TRE, não há como mensurar o quanto a imersão dentro deste ecossistema alterou suas percepções originárias, já que não há como aferir representações que estes mantinham ao entrar para a instituição.

Interação e interdependência entre as partes, tanto os atores quanto os elementos do meio nos quais estão inseridos, são características dos ecossistemas, onde cada parte interfere em todas as outras e sofre interferência delas. O pressuposto da existência do ecossistema é, então, o contato entre as partes, onde, para que, através de um processo retroalimentativo, interajam e se adaptem umas às outras, estão em constante comunicação.

Um ecossistema é, então, um conjunto de elementos, postos no mesmo ambiente que, para se constituírem como sistema, precisam estar em contato, o que pressupõe comunicação. Então falar em ecossistema comunicacional é dizer o mesmo duas vezes (COLFERAI, 2014, p.19). Nesse sentido, a rede de cooperação formada constitui

ecossistema comunicacional na medida que os atores interagem, e constitui rede social a partir dos nós formados por essas interações.

Por conta das características próprias dos ecossistemas, que são compostos pelos elementos externos e visíveis, a saber, as interações comunicativas, e pelos elementos que constituem os capitais simbólicos dos atores, que são parte integrante e fundamental na construção do ato comunicativo, podemos dizer que o ecossistema comunicacional é um sistema aberto, no que diz respeito às interações, já que o indivíduo está imerso em um meio composto de várias redes das quais participa. Por outro lado, o ecossistema comunicacional, a partir do capital simbólico do qual os indivíduos lançam mão, com base nas representações sociais que compartilham com seu grupamento, é um sistema fechado.

O sentido que pretendemos sugerir com a ideia de sistema fechado é que a comunicação com o outro parece ser, em ampla medida, uma comunicação de si para si, dado que não se comunica exatamente para o outro, mas para um conjunto de representações no qual o outro, objeto que é, é enquadrado.

Por outro lado, como demonstrado por Jodelet (2001, p.12), a comunicação define a formação das representações sociais, e estas definem, a partir da construção dos nodos entre os atores da rede, as relações dentro do grupo e deste com o meio, de modo que a comunicação acaba por ser, ainda que mediada pelas representações sociais, o elemento que tece a rede social.

Assim, representações sociais, embora estabeleçam, por meio da autopoiese, um fechamento do sistema, são, ao longo do tempo, engendradas a partir de processos comunicacionais, de forma que são esses processos, no final das contas, que formam a parte não imediatamente detectável do ecossistema comunicacional. Assim, os processos comunicativos são formadores e formados pelas representações sociais, assim como são formadores e formados nas e pelas redes sociais onde acontecem, sendo, portanto, formadores e formados dos ecossistemas comunicacionais.

A comunicação é, portanto, um processo externo ao indivíduo, na medida que estabelece o elo através da mensagem, mas também interno, pois ao interpretar o objeto, utiliza de representações já ameadadas, e mesmo quando consciente da necessidade de comunicar no código do outro, esse outro não é o outro em sua integralidade, mas o que foi apreendido do outro e interpretado através de suas representações. Há, então,

uma série de enquadramentos simbólicos que classificam o objeto da mensagem, assim como enquadramentos onde se define, na mente do indivíduo, quem é o outro, quem é o destinatário da mensagem.

A interação social é um discurso identitário, uma afirmação do “eu”, assim como uma construção da alteridade, uma construção contínua da narração da vida, dos elementos de formação do indivíduo. O sujeito, portanto, constrói, ao longo de suas interações, sua trajetória e sua visão de mundo (CASAQUI, 2015). Isso ocorre toda vez que o fazer demanda processos interativos, como os que ocorrem durante as eleições. Dessa forma, ainda que efêmera, pode-se dizer que a participação do indivíduo na rede de cooperação traz, para ele, elementos para sua construção como pessoa, que vão alterar, de alguma forma, sua relação com o meio e com o outro.

É fundamental compreender esse processo para que se entenda a dinâmica dos ecossistemas comunicacionais, dos quais não se pode obter, como em todos os sistemas dinâmicos, mais que um instantâneo, uma fotografia do momento. Assim, a cada eleição, e para cada diferente núcleo da rede de cooperação formada, existe uma estrutura formal, e uma subjacente, que sobrepuja as regras estabelecidas, formadas por pessoas e com a sua própria dinâmica, definida exatamente pelo capital simbólico, pelas representações sociais trazidas por cada uma dessas pessoas, assim como também pelas interações entre essas pessoas, que vão influenciar nessas representações, tanto mais quanto mais abundantes forem as interações.

Há que se observar, ainda, que cada ator cumpre diferentes papéis em diferentes redes, trazendo seu capital simbólico e contribuindo consigo para a formação da gama de símbolos que constitui o capital de cada rede da qual participa. Qualquer agrupamento que se forme, então, é, em determinada medida, mais que a soma dos indivíduos, com suas representações, mas o reflexo dessas representações e das interações sociais que acontecem nesse grupo.

Partindo do senso de trabalho versus compensação percebido nas falas, e da forma como os entes participantes passam a fazer parte da rede de cooperação, a partir de interesses que tem mais a ver com o cumprimento da missão de cada instituição, percebe-se um comensalismo nos atos das instituições e indivíduos. Mas esse comensalismo não é monopólio dos participantes das redes de cooperação. Ele está na

origem da espécie humana, provavelmente desde que dois indivíduos perceberam que juntos poderiam abater uma presa maior que um sozinho.

É um artifício necessário, portanto, e o senso que norteou e norteia a formação dos grupos sociais. E parece ser esse senso que faz com que o indivíduo negocie suas representações, adaptando-as, desde que seja mais vantajoso permanecer no grupo do que apartar-se dele. Mesmo, nas falas analisadas, aquelas mais sofisticadas, que envolvem o senso de participação no processo democrático, percebe-se um conteúdo de cunho comensal, visto que o bem da população é, por consequência, o bem para o indivíduo, que faz essa escolha muitas vezes abrindo mão de benefícios próprios para garantir, entre outras coisas, a paz social. Desse comensalismo necessário, que forjou os grupamentos humanos que viriam a ser os povos que hoje vemos, teorizou Rousseau (2003) ao abordar o pacto social.

Eu imagino os homens chegados ao ponto em que os obstáculos prejudiciais à sua conservação no estado natural, os arrastam, por sua resistência, sobre as forças que podem ser empregadas indivíduo a fim de se manter em tal estado. Então esse estado primitivo não tem mais condições de subsistir, e o gênero humano pereceria se não mudasse a sua maneira de ser.

Ora, como é impossível aos homens engendrar novas forças, mas apenas unir e dirigir as existentes, não lhes resta outro meio, para se conservarem, senão formando, por agregação, uma soma de forças que possa arrastá-los sobre a resistência, pô-los em movimento por um único móbil e fazê-los agir de comum acordo (p. 23).

Retornando aqui à análise das falas nota-se a noção de cada indivíduo desse pacto social, pois a escolha por manter o significado inicial do núcleo central da representação social através da negociação de seus elementos periféricos vem, na nossa percepção, de uma escolha, consciente ou não, que assume ser mais vantajoso se adaptar do que abandonar o grupo.

No bojo desta decisão parece estar a tendência instintiva do homem de manter sua própria existência. É, então, uma ação sofisticada para uma necessidade básica, primitiva, um aperfeiçoamento do que motiva e organiza a maioria das colônias, das de bactérias às matilhas de mamíferos superiores.

Retomo aqui também Habermas (1993), que ao fazer uma digressão sobre a formação dos grupamentos humanos em seu início, define que a construção da

compreensão do homem acerca do mundo em volta foi erigida ao mesmo tempo em que se formaram laços sociais. Assim, a fundação de significados e a constituição de redes compostas a partir de elos vinculados segundo interações mediadas por significados são concomitantes, e portanto, a formação da sociedade englobante parte dos mesmos mecanismos e pressupostos que a formação de qualquer rede.

Ao se entenderem frontalmente acerca de algo num mundo, eles se movem dentro de horizontes do seu mundo de vida comum. O mundo onde a comunicação ocorre tanto constitui o contexto como fornece os recursos para o processo de compreensão, forma um horizonte e ao mesmo tempo oferece uma quantidade de evidências culturais das quais os participantes no ato de comunicar, nos seus esforços de interpretações retiram padrões de interpretações consentidas. (HABERMAS, 1990, p. 278-279).

Novamente, o alerta aqui vai para o fato de que o sujeito é resultado do grupo social em que está imerso, portanto mesmo essa escolha, ainda que consciente, é norteadada por suas representações sociais, compartilhadas com seu grupo originário ou ainda, e muitas vezes concomitantemente, com o grupo social maior englobante.

Desses pressupostos, bem como daqueles expostos anteriormente, e da observação e análise do fenômeno e das falas coletadas, pode-se inferir algumas observações importantes:

- a. Redes de cooperação surgem a partir de acordos entre instituições, mas se materializam a partir do trabalho conjunto de membros delas. No objeto de estudo, os contratos e convênios realizados entre a justiça eleitoral e diversas entidades se materializam no trabalho dos membros dessas instituições.
- b. Embora produzam em conjunto, nem todas as partes da rede formada podem ser tomadas como redes sociais. Pode-se realizar trabalho em prol de interesses comuns, sem necessariamente haver trabalho mútuo. Todos os atores são participantes de redes sociais, mas nem todos da rede social formada a partir da constituição da rede de cooperação. Alguns grupos atuam em suas próprias organizações, a partir de acordos realizados com a instituição que coordena o trabalho. O exemplo dado foi o das polícias, que atuam na segurança pública durante as eleições, sem que os policiais tenham contato, a princípio, com os demais participantes da rede.

- c. O indivíduo, ao ingressar em um grupo de trabalho comum, traz consigo suas formas de representar os elementos dessa nova realidade com a qual deve lidar, definindo a partir delas as interações sociais que vai realizar nesse grupo. Os casos relatados nas entrevistas, tais como o da entrega das convocações dos mesários, ou ainda, a diferença de visão acerca do trabalho nas eleições entre estes e os funcionários do TRE demonstram que um mesmo objeto é apreendido de diferentes maneiras, dependendo das representações acessadas pelo sujeito.
- d. As representações que o sujeito usa ao interagir com o outro e com o meio circundante detém uma certa rigidez, que é compensada pelas representações periféricas, que são utilizadas para que o sujeito não precise alterar o núcleo central da representação. As representações acionadas são retiradas do capital simbólico que o indivíduo carrega, que constitui uma nuvem de representações. Embora se tenha analisado essa compensação apenas para a categoria trabalho, com suas classes cooperação, competição, e recompensa, atuando normalmente como representações periféricas, demonstramos que o indivíduo acessa um grande número de representações ao classificar os elementos envolvidos na própria classificação, já que todo objeto não existe de *per si*, mas existe dentro de um sistema percebido pelo sujeito, e as relações do objeto com os demais elementos do sistema são avaliadas também a partir de representações sociais.
- e. O ecossistema comunicacional é construído ao mesmo tempo como um sistema fechado, no que diz respeito ao mundo interno do indivíduo, com as representações sociais que compartilha com seu grupo, que constituem seu capital simbólico, e como um sistema aberto, por conta das interações mútuas. Entretanto, como se pôde perceber, a comunicação é um processo de si pra si, já que o indivíduo não comunica para o outro, mas para a interpretação que faz do outro. Mesmo o sistema aberto só possibilita a comunicação por conta do fato dos indivíduos estarem imersos em um grupo social onde as representações constituem significados consentidos.
- f. Embora imersos em uma mesma sociedade, o que lhes possibilita o compartilhamento de capital simbólico, os indivíduos desempenham diferentes papéis em diferentes grupos, para os quais levam seu capital simbólico e dos

quais retiram significados para a construção permanente do seu conjunto de representações.

- g. No caso estudado, verificou-se que, embora a participação em um grupo por um período pequeno não possa causar ressignificações perceptíveis, há um processo de acomodação onde as representações periféricas são instrumentos de um processo de compensação, onde a finalidade é exatamente a manutenção do núcleo central da representação. A reação prévia e posterior dos mesários ante o trabalho nas eleições é um exemplo disso.
- h. A formação das redes, dos ecossistemas comunicacionais, e por conseguinte o processo dinâmico de autopoiese segue um caráter comensal, que não é monopólio das redes de cooperação ou das redes sociais, mas uma das molas do mecanismo de construção dos grupamentos humanos.
- i. Mesmo o processo de manutenção do núcleo central através da negociação dos elementos periféricos das representações sociais surge através desse comensalismo, pois existe porque o indivíduo sente ser mais vantajoso se adaptar à realidade imposta a se afastar do grupo.

A compreensão desses pontos assinalados, que resumem o diálogo entre os constructos teóricos propostos, as anotações e os excertos das entrevistas, com suas respectivas análises, pode nortear as considerações feitas a seguir, em caráter de conclusão.

CONCLUSÕES

Neste trabalho, a partir da observação e análise da rede de cooperação formada pelas instituições participantes da execução das eleições, mediante anotações e entrevistas, em conjunto com o referencial teórico definido pelo escopo da pesquisa, com ênfase nas redes sociais, nos ecossistemas comunicacionais e na teoria das representações sociais, buscou-se encontrar resultados que trazem a lume informações relevantes sobre a formação e funcionamento do ecossistema comunicacional atuante nessa rede, com a descrição e análise daquilo que, a nosso ver, são suas principais características.

As hipótese iniciais de que a interação humana ocorria por meio de processos comunicacionais inseridos em um ecossistema, com características próprias de um sistema, e de que redes de cooperação constituem redes sociais onde se desenvolve um ecossistema comunicacional cujas características peculiares podem ser detectadas a partir da descrição e análise dessas redes, encontrou apoio nas teorias visitadas na revisão bibliográfica. O suposto gerou conclusões que puderam, mesmo quando não corresponderam da maneira esperada ao inicialmente assumido, demonstrar que interações comunicativas dentro da rede formada constituem um ecossistema com as características necessárias para que se defina esta estrutura como tal.

Dentre as percepções que pudemos ter, uma das primeiras foi que as teorias escolhidas para compor a pesquisa cumpriram de forma satisfatória a tarefa de arcabouço sobre o qual se construíram descrições e análises feitas neste trabalho. O constructo teórico acerca das redes de cooperação mostrou que a rede formada pelas diversas instituições atuantes nas eleições é, efetivamente, uma rede de cooperação, pois são utilizados os conhecimentos e habilidades que cada organização detém, para a

realização de partes específicas do processo, por meio de um trabalho comum, ou do trabalho de uma das organizações em uma dessas partes.

“As configurações que definem esse tipo de entrelaçamento são, essencialmente, estruturais e relacionais, facilitando a realização de ações conjuntas e a transação de recursos para alcançar objetivos organizacionais” (BALESTRIN e VERSCHOORE, 2008, p. 462). O objetivo comum é a realização do pleito, mas há uma comensalidade às vezes clara, às vezes implícita, como por exemplo o trabalho da Secretaria de Segurança pública, que tem como missão organizacional a manutenção da segurança no Estado, tendo seus interesses atendidos no dia da eleição, ao cumprir o acordo realizado com o TRE-AM.

Puderam ser observadas duas realidades diferentes, com relação à formação de redes sociais, no caso das eleições. Alguns dos indivíduos que atuam nessa rede de cooperação formam, efetivamente, uma rede social, que é dividida em núcleos onde as interações são mais frequentes. É o caso descrito pelos entrevistados que trabalham em Zona Eleitoral, que trabalham diretamente no processo da eleição. Em outra situação, atores são participantes das redes atuantes em suas próprias organizações. Aqui, cabe a situação dos policiais responsáveis pela segurança nas ruas, no dia do pleito.

O ecossistema comunicacional existente dentro dessa rede tem composição dual, detectada a partir do confronto entre entrevistas, anotações e referencial teórico. Consiste em uma parte visível, que são as interações comunicacionais entre os atores, que vão desde as portarias, ofícios e memorandos, comunicações eletrônicas, palestras e diálogos, entre outros meios e mensagens. Consiste também em uma parte invisível, que é o capital simbólico compartilhado pelo grupo formado e trazido por cada indivíduo que faz parte da rede em questão.

O capital simbólico em questão é o conjunto de representações sociais que cada indivíduo lança mão ao interpretar a mensagem de seu interlocutor e a realidade em volta. Nas anotações e entrevistas, deu-se prioridade às representações da categoria trabalho e suas espécies, competição, cooperação e recompensa. Essa limitação de caráter epistemológico permitiu fazer uma análise dos conteúdos das falas, nos quais pudemos verificar não só o mecanismo de interpretação e apreensão do objeto — a partir do modelo proposto por Flament (1989, p.209), que preconiza que para a manutenção do núcleo central da representação, o sujeito faz concessões nos elementos periféricos

— mas também, ao que nos parece, que cada ator traz de seu grupo de origem um conjunto distinto de representações sociais. A constatação aponta para o fato de que, independente de que grupo pertença o indivíduo, há, na sociedade em que todos os participantes estão inseridos, representações sociais que são compartilhadas, que permitem, portanto, que a comunicação se efetive, já que há interpretações que tendem a ser comuns.

Em uma segunda análise das falas, pudemos observar as diversas representações acessadas ao se realizar uma interpretação, pois o sujeito não apreende apenas o objeto, mas todo o contexto em que está inserido. Assim também é com a mensagem, onde se interpreta não só a mensagem, mas o meio e o próprio emissor, de forma que a comunicação é, a nosso ver, um ato de si para si, pois o sujeito não se comunica com o outro mas com a interpretação que faz do outro.

Fica, portanto, em nosso entendimento, a partir dos depoimentos e análises, estimada uma das mais importantes características de um ecossistema, que é a autopoiese, processo no qual o sujeito, ou o ecossistema, interage com o mundo exterior a partir de seus próprios elementos internos, reconstruindo a si mesmos continuamente. Nesse processo, o ecossistema vai sendo construído a partir das interações, que vão formando nodos cada vez mais consistentes na rede, dando, assim, mais elementos e oportunidades para que a comunicação aconteça. Em meio a isto, são acionadas representações sociais de cada indivíduo, que vai assimilando a nova realidade a partir delas.

Essa dinâmica pareceu a nós ter sido clara na análise das falas, na medida em que percebemos a maior e mais fácil interação dos atores que há mais tempo lidam com o processo eleitoral, assim como uma interpretação, por esses, dos trabalhos inerentes à eleição, como benéficos à sociedade. Essa última observação pode se dever a dois motivos, não excludentes e provavelmente concomitantes, que são i) o tempo de convívio com os processos, possibilitando uma apreensão mais consistente deles, e ii) a participação mais duradoura em um grupo que compartilha representações sociais nesse sentido.

Os atos comunicativos são, portanto, realizados a partir da rede que o indivíduo faz parte, através dos significados mutuamente consentidos das representações. Ao mesmo tempo, são formadores da rede, na medida que são essas interações que

formam os elos dessas redes. É um processo dinâmico e retroalimentativo, que reconstrói o ecossistema continuamente. A autopoiese atuante é visível, nesse sentido, nas falas e nas anotações, a partir das análises feitas.

Há, contudo, uma questão que não pôde ser observada nas falas. Não parece haver mudança consistente e comprovável nas representações sociais dos que participaram das eleições apenas durante a formação da rede de cooperação. Pelo menos não nas categorias analisadas por meio da proposta núcleo central versus elementos periféricos, preconizada por Flament (1989). No caso dos servidores do Tribunal, cujas representações, infere-se, sofreram mudanças por conta do convívio duradouro, pudemos tão somente supor a mudança ocorrida, como acima dito, mas não há como aferir, já que não há registro de como essas representações se configuravam antes das posses dos entrevistados em seus respectivos cargos, na instituição.

Pensamos que o trabalho oferece contribuições para vários campos do conhecimento, que podem advir do estudo e da posterior aplicação dele no desenvolvimento de outras pesquisas. As mais sugestivas são as contribuições para as próprias teorias aqui apresentadas, no que diz respeito, principalmente, na utilização conjunta delas, já que buscamos nessa pesquisa um caráter multidisciplinar, em que o apoio de cada teoria da qual se lançou mão se deveu a uma escolha onde a necessidade dela foi previamente detectada.

Longe de buscar a análise do objeto através de cada teoria, separadamente, procuramos a interpenetração entre os constructos, e constatamos, ao final, que não exaurido o aprofundamento nesses cabedais teóricos, também há muito o que ser compartilhado entre as teorias.

Tanto para campo teórico acerca das redes de cooperação, como para a Teoria das Representações Sociais e a Teoria dos ecossistemas comunicacionais, contribui-se, através deste trabalho, mais do que a exposição que fizemos aqui — que julgamos ser bastante para a finalidade proposta — com a observação, *in loco*, dos fenômenos descritos e analisados por estas teorias, que cria a possibilidade de novas interações entre esses constructos.

Finalizamos com o desejo de que esta breve passagem sobre o fenômeno estudado e sobre as teorias abordadas sejam fruto de observação por teóricos mais

experientes e profundos, no que diz respeito a esses cabedais, para que se possa avançar mais nesse caminho proposto.

REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. **A abordagem estrutural das representações sociais**. In: MOREIRA, A.S.P., OLIVEIRA, D. C. (Org.). Estudos interdisciplinares de representação social. 2. ed. Goiânia: AB Editora, 2.000. p. 27-38.
- ABRIC, J.C. (Org.) (1994a) **Pratiques Sociales et Representations**. Paris: Presses Universitaires de France. In: SA, C.P. **Representações sociais: teoria e pesquisa do núcleo central**. Temas psicol. Ribeirão Preto , v. 4, n. 3, p. 19-33, dez. 1996
- ALBERTI, V. **Manual de História Oral**.3.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- ALMEIDA, A.M.; SANTOS, M. F. Santos e TRINDADE, Z. A. (Orgs.). **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Rio de Janeiro: Techno Politik, 2011.
- ARANALDE. M.M. **Reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Ranganathan** Ci. Inf., Brasília, v. 38, n. 1, jan./abr. 2009
- BALESTRIN, A.; VERSCHOORE, J.R. **Redes de cooperação empresarial – Estratégias de gestão na nova economia**. São Paulo: Bookman, 2008
- BERTALANFFY, L.V. **General System Theory**. New York: George Braziller 1968
- BOTELHO, F. R. **As urnas vão à Selva**. Revista Voto Amazonas - Tribunal Regional Eleitoral do Amazonas. Manaus - Amazonas, p.10 - 15, 2014.
- Brasil. Tribunal Superior Eleitoral. **Urna eletrônica: 20 anos a favor da democracia**. – Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2016. em
- CAPRA, F. **Conexões Ocultas**. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002.
- CAPRA, F. **Ponto de mutação: a ciência, a sociedade e a cultura emergente**. São Paulo: Cultrix; 2006
- CASQUI, V. **Empreendedorismo Social: narrativas de vida, presença midiática e processos de transformação**. In ROCHA, Rose de Melo e PERES-NETO, Luiz (orgs). Memória, Comunicação e Consumo: vestígios e prospecções. Porto Alegre, Sulina, 2015
- CHERQUES, H.R.T. **O Racional e o Razoável: Aristóteles e o Trabalho Hoje** Cadernos EBAPE.BR - Volume I – Número 1 – Agosto 2003
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

COLFERAI, S.A. **Um jeito amazônida de ser mundo – a Amazônia como metáfora do ecossistema comunicacional**: uma leitura do conceito a partir da região. Tese (doutorado). Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2014.

COSTA, V. **Representações Sociais e Semiótica: um território comum?**. Caligrama (ECA/USP. Online), v. 03, p. 01-11, 2007.

DURKHEIM, E. **Da Divisão do Trabalho Social**. Editora Martins Fontes. 2ª ed. São Paulo, 1999.

FIALHO, J. **Pressupostos para a construção de uma sociologia das redes sociais**. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXIX, 2015, pág. 59-79

FLAMENT, C. **Estrutura e dinâmica das representações sociais**. In: MOREIRA, A.S.P., OLIVEIRA, D. C. (Org.). Estudos interdisciplinares de representação social. 2. ed. Goiânia: AB Editora, 1989.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Editora UERJ, 2001.

LUHMANN, N. **The Autopoiesis of Social Systems**. Nova York: Columbia University Press, em CAPRA, Fritjof. As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2002.

MARTELETO, R. M. **Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ciência da Informação, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.

MARTELETO, R. M. **Informação, redes e redes sociais: fundamentos e transversalidade**. Informação & Informação, Londrina (PR), v.12, n. esp., 2007.

MATHIS, A. **O conceito de sociedade na teoria dos sistemas de N. Luhmann**. In: ANPOCS, 1998, Caxambu, 1998.

MONTEIRO, G. **A metalinguagem das roupas**. Artigo publicado na Biblioteca online de Ciências da Comunicação. 1997. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=32. Acesso em: 30 de jan. 2017.

MONTEIRO, G.V.; COLFERAI, S.A. **Por uma pesquisa amazônida em comunicação: provocações para novos olhares**. In: MALCHER, M.A.; SEIXAS, N.S.A.; LIMA, R.L.A.; AMARAL FILHO, O. (orgs.). Comunicação Midiatizada na e da Amazônia. Belém-PA: Fadesp, 2011. p. 33-48.

MORIN, E.. **O método 1 – A natureza da natureza**. Trad.: Maria Gabriela de Bragança. 2. ed. Mem Martins-Portugal: Publicações Europa-América, 1987.

MOSCOVICI, S. **La Psychanalyse, son image et son public**, Paris: PUF, 1976, in: A.M. Almeida; M. F. Santos & Z. A. Trindade (Orgs.). **Teoria das representações sociais: 50 anos**. Rio de Janeiro: Techno Politik, 2011.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Rio de Janeiro, Vozes, 2003.

OLAVE, M.E.L.; AMATO, N.J. **Redes de cooperação produtiva: uma estratégia de competitividade e sobrevivência para pequenas e médias empresas**. Gestão & Produção, v. 8, n. 3, p. 289-318, dez. 2001.

PEREIRA, M.F. **Ecossistemas comunicacionais: uma proposição conceitual, em Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011.

PEREIRA, M.F. **Fundamentos de uma visão ecossistêmica da comunicação: uma compreensão semiótica**. In Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação. Manaus: Ufam, 2012

RAD, M.M. **Communication Ecosystem Contexts: From Mass Audiences to Mass Messages**. In GSTF Journal on Media & Communications(JMC) Vol.2 No.2, September 2015

ROUSSEAU, J. **Do Contrato Social**. Coleção A Obra Prima de Cada Autor. São Paulo – SP: Editora Martin Claret, 2003.

SELLTIZ, C., WRIGHTSMAN, L.S., COOK, S.W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: Editora da USP, 1987.

SOUZA, S.A.F. **As redes sociais e a liquidez na sociedade 140 bytes: sob os olhos da coruja de Minerva**, in Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação. Manaus: EDUA, 2012.

STORPER, M.; HARRISON, B. **Flexibility, hierarchy and regional developments: the changing structure of industrial production systems and their forms of governance in the 1990s**. Research Policy, North-Holland, v. 20, n. 5, 1991.

TÁLAMO, J.R. **Formação e gestão de redes de cooperação empresarial**. 2008. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) - Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

VIZZOTO, A.D.; PEREIRA, B. A. D.; KLEIN, L. L. ; MELLO, S. F. **Redes Interorganizacionais e as Organizações Individuais: Transposição da Cultura Coletiva para a Organizacional Saber Humano: Revista Científica da Faculdade Antonio Meneghetti** , v. 6, p. 106, 2016.

ZARDO, I. **As consequências da divisão do trabalho para um modo de vida social e emancipado**. Perspectiva, v. 2, p. 94-107, 2017.

APÊNDICES



Poder executivo
Ministério da educação
Universidade federal do Amazonas
Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação



Título do Projeto de pesquisa: REDES DE COOPERAÇÃO NAS ELEIÇÕES
 NO AMAZONAS: uma visão ecossistêmica comunicacional

Pesquisador Responsável: Fábio Reis Botelho

Orientador: Prof. Dr. Renan Albuquerque Rodrigues

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS A SEREM REALIZADAS COM PARTICIPANTES
 DAS ELEIÇÕES 2018**

Prezado(a) Sr(a).,

Estou realizando uma pesquisa que deverá culminar com a produção de uma dissertação de Mestrado, a ser defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas-UFAM, tendo como lugar da Pesquisa o TRE-AM, e por objetivo investigar o ecossistema comunicacional presente na rede de pessoas, vindas de diferentes organizações, que se forma para a execução das eleições, através das percepções e práticas dessas pessoas no processo eleitoral.

Para o alcance desse objetivo necessito de sua colaboração. A entrevista para coleta de dados são de caráter essencialmente da pesquisa, para a qual será usado Registro Fonográfico. Comprometo-me a manter em sigilo sua identidade, caso assim seja sua vontade.

Entrevistado (a) _____

Local _____

Data da entrevista: _____

I Parte: Caracterização dos participantes

a) Idade: _____

- b) Sexo: ()M ()F
- c) Profissão: _____
- d) Organização na qual trabalha
- e) Tarefa que desempenhou nas eleições:

Parte: sobre as práticas e percepções sobre o trabalho no processo eleitoral

- 1- Descreva o trabalho que o Sr. Realizou nas eleições.
- 2- Descreva o trabalho que o Sr. Normalmente realiza na entidade da qual o Sr. Faz parte.
- 3- Descreva o trabalho que as pessoas mais próximas ao Sr. Fizeram nas eleições.
- 4- Como o Sr. vê o seu papel nas eleições nas quais trabalhou?
- 5- O Sr. recebeu um treinamento prévio para trabalhar nas eleições?
- 6- Como foi esse treinamento?
- 7- O quanto a cooperação entre as pessoas é necessária, para o grupo em que o Sr. estava, nas eleições?
- 8- Trabalhar nas eleições mudou a forma do Sr. ver o processo eleitoral? Em que?



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Participantes das Eleições 2018

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa intitulada “REDES DE COOPERAÇÃO NAS ELEIÇÕES NO AMAZONAS: uma visão ecossistêmica comunicacional”, sob a responsabilidade do pesquisador FÁBIO REIS BOTELHO, mestrando do Programa de Pós Graduação em Ciências da Comunicação - PPGCCOM, que pretende investigar Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas –UFAM, tendo como lugar da Pesquisa o TRE-AM, e por objetivo investigar o ecossistema comunicacional presente na rede de pessoas, vindas de diferentes organizações, que se forma para a execução das eleições, através das percepções e práticas dessas pessoas no processo eleitoral.

Os riscos decorrentes de sua participação estão em torno de ter que revelar detalhes do trabalho cuja instituição não os autorize, ou sobre as quais os senhores não queiram se manifestar. Caso isso ocorra os senhores tem toda liberdade para continuar ou não com a entrevista. No entanto, afirmo serão tomadas todas as providências cabíveis para que isso não aconteça sem provocar nenhum ônus e constrangimentos aos participantes, as entrevistas serão realizadas individualmente e de forma reservada. As informações obtidas ficarão armazenadas no banco de dados de acesso restrito ao pesquisador. Reitero que as entrevistas serão gravadas e transcritas pelo pesquisador.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para a construção do conhecimento sobre as eleições e sobre os processos comunicativos nelas presentes

Se depois de consentir em sua participação e o Sr (a) desistir de continuar participando, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisadora responsável no endereço Av. General Rodrigo Octávio Jordão Ramos nº 3.000 - Campus Universitário, Bairro Coroado I, Manaus/AM, telefone (092) (092)

98121-9824, e-mail: freisb@gmail.com. Ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFAM, na Rua Teresina, 495, Adrianópolis, Manaus-AM, telefone (92) 3305-5130.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

..... Manaus,de.....de
.....

Assinatura do Participante

.....

Assinatura do Pesquisador Responsável

ANEXOS

CRONOGRAMAS DE TRANSPORTE DE URNAS

TRE-AM | ELEIÇÕES 2018

Transporte de urnas e equipamentos

FASE 1.1 (1o Turno) - Distribuição - SEUE (Manaus) para os Pólos

Alteração por: Marcelo Lira

Revisão por:

Última Atualização: 01/09/18

Status Documento: Atualizada

Origem	Destino	Urnas Eletrônicas	Outros Materiais			Medição de UEs e outros materiais		Hora	Dia	Datas Transporte		Transporte	
		TOTAL	Baterias e Cabos	Cabina Votação	Material Mesário	Peso (Kg)	Volume (M³)			Data Saída	Data Chegada	Modal	Valor R\$
MANAUS	PONTO ATAIAIA DO NORTE	40	10		-	425,00	2,04	-	qua	5-set	14-set	F	
	PÓLO SÃO PAULO DE OLIVENÇA	84	31		-	917,50	4,31	-	qua	5-set	14-set	F	
	PÓLO SANTO ANTÔNIO DO IÇÁ	83	24		-	890,00	4,31	-	qua	5-set	14-set	F	
	PÓLO BENJAMIN CONSTANT	176	50		-	1885,00	9,20	-	qua	5-set	14-set	F	
	PONTO SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA	131	45		-	1422,50	6,68	-	qua	5-set	14-set	F	
	PÓLO TEFÉ	257	29		-	2642,50	13,31	-	seg	10-set	14-set	F	
	PÓLO COARI	246	42		-	2565,00	12,57	-	seg	10-set	12-set	F	
	PÓLO PARINTINS	374	106		-	4005,00	19,27	-	ter	11-set	12-set	F	
	PÓLO EIRUNEPÉ	136	3		-	1367,50	7,02	-	qua	12-set	12-set	A	
	PÓLO MAUÉS	149	35		-	1577,50	7,64	-	qua	12-set	12-set	F	
	PÓLO MANACAPURU	352	67		-	3687,50	16,16	-	sex	14-set	15-set	R	
	PÓLO ITACOATIARA	414	109		-	4412,50	21,41	-	sex	14-set	15-set	R	
	PÓLO CAREIRO	129	55		-	1427,50	6,64	-	sex	14-set	15-set	R+F	
	PONTO PRESIDENTE FIGUEIREDO	92	24		-	980,00	4,63	-	sex	14-set	15-set	R	
14	TOTAIS	2.663	630	-	-	28.205	137						

CÁLCULO DE PESO E VOLUME		
Itens	Peso Kg	Vol. M3
Urna Eletrônica 2004	10,00	0,0536
Urna Eletrônica 2009	10,00	0,0536
Urna Eletrônica 2011	10,00	0,0536
Bateria Externa	2,50	0,0009
Cabinas de Votação	0,60	0,0085
Material de Mesário	3,90	0,0198

LEGENDA P/ TIPO DE TRANSPORTE	
A	Avião (Aéreo)
F	Fluvial
R	Rodoviário
H	Helicóptero (Aéreo)
L	Lancha (Fluvial)
A + R	Trajetos misto (aéreo e rodoviário)
F + R	Trajetos misto (fluvial e rodoviário)

Tabela 3: Cronograma do transporte de urnas de Manaus para os polos. Fonte: TRE-AM.

TRE-AM | ELEIÇÕES GERAIS 2018

Transporte de urnas e equipamentos

FASE 1.2 (1o Turno) - Distribuição - Pólos para os Municípios

*****FRETAMENTO OBRIGATORIO*****

Alteração por: Osmarino Rodrigues

Revisão por:

Última Atualização: 19/09/18

Status Documento: em atualização

TRATAMENTO OPERACIONAL										STATUS DO ITEM EM DESTINO									
		Urnas Eletrônicas				Urnas Eletrônicas	Outros Materiais			Medição de UEs e outros materiais		Datas Transporte			Transporte				
Origem	Destino	Rota	tot. ur. final	Cont. geral	Treina	TOTAL	Baterias e Cabos	Cabina Votação	Material Mesário	Peso (Kg)	Volume (M³)	Peso (Kg)	Volume (M³)	Data Saída	Hora saída	Data Chegada	Modal sugerido	SITUAÇÃO	
Osmarino Rodrigues: 10 UEs (8 de seção e 2 de cont. - LV 1449 - EE S. Antônio do Matupi) serão enviadas a Humaitá por conta da logística. +8 Baterias.	TAPAUÁ	5	45	-	-	45	5	10	-	425,00	2,04	19-set	9h	21-set			A	PREPARADO	
	BORBA	5	70	-	-	70	5	10	-	742,50	3,77	20-set	9h	21-set			A	PREPARADO	
	MANICORÉ	6	102	(10)	-	92	45	70	20	1.032,50	4,97	20-set	9h	21-set			A	PREPARADO	
	NOVO ARIPIUANÁ	6	41	-	-	41	5	10	-	425,00	2,04	20-set	9h	21-set			A	PENDENTE	
	BOCA DO ACRE	1	73	-	-	73	2	-	-	735,00	3,91	19-set	9h	24-set			A	PENDENTE	
MANAUS	PAUINI	1	37	-	-	37	5	10	-	385,00	1,99	20-set	9h	24-set			A	PENDENTE	
	APUI	1	33	-	-	33	5	10	-	352,50	1,78	23-set	9h	24-set			A	PENDENTE	
	HUMAITÁ	4	109	10	-	126	24	50	30	1.343,00	6,76	19-set	9h	24-set			A	PENDENTE	
	CANUTAMA	4	37	(10)	-	29	10	-	-	315,00	1,56	23-set	9h	24-set			A	PENDENTE	
	LÁBREA	10	93	-	-	93	21	15	-	982,50	5,00	23-set	9h	24-set			A	PENDENTE	
Osmarino Rodrigues: +10 UEs de S. Antônio do Matupi (Manicoré) + 8 baterias.	GUAJARÁ	2	41	-	-	41	5	10	-	425,00	2,04	21-set	9h	25-set			A	PENDENTE	
	IRUKUNA	2	44	-	-	44	5	10	-	462,50	2,37	21-set	9h	25-set			A	PENDENTE	
	JURUÁ	2	34	-	-	34	5	10	-	360,00	1,63	22-set	9h	25-set			A	PENDENTE	
	CARAUAÍ	7	77	-	-	77	10	-	-	795,00	4,14	23-set	9h	25-set			A	PENDENTE	
	BARCELOS	3	36	-	-	36	4	-	-	360,00	1,88	19-set	9h	26-set			A	PENDENTE	
Osmarino Rodrigues: 8 urnas de Carutama + 3 baterias serão encaminhadas para Humaitá.	SANTA ISABEL DO RIO NEGRO	3	27	-	-	27	2	10	-	275,00	1,45	19-set	9h	26-set			A	PENDENTE	
	FONTE BOA	3	50	-	-	50	5	-	-	515,00	2,69	22-set	9h	26-set			A	PENDENTE	
	JUTAI	3	39	-	-	39	-	-	-	390,00	2,09	22-set	9h	26-set			A	PENDENTE	
	NOVA OLINDA DO NORTE	9	53	-	-	53	10	-	-	555,00	2,85	20-set	9h	26-set			F	PENDENTE	
	AUTAZES	11	93	-	-	93	10	-	-	1.030,00	5,02	21-set	9h	26-set			R	PENDENTE	
Osmarino Rodrigues: Encaminhar 6 bobinas a pedido.	ANORI	8	31	-	-	31	5	10	-	317,50	1,66	21-set	9h	27-set			F	PENDENTE	
	IRANDUBA	8	147	-	-	147	10	-	-	1.640,00	7,84	22-set	9h	27-set			R	PENDENTE	
	CAREIRO DA VÁRZEA	12	76	-	-	70	10	10	25	820,00	3,80	28-set	9h	1-out			F	PENDENTE	
23	TOTAL		1.380	-	-	1.380	369	415	187	14.723	74,30								

Tabela 4: Cronograma do transporte de urnas de Manaus para os polos. Fonte: TRE-AM.

CRONOGRAMAS DE GERAÇÃO DE MÍDIA, CARGA E LACRE DAS URNAS ELETRÔNICAS

TRE-AM | ELEIÇÕES GERAIS 2018
Preparação das urnas eletrônicas

Status Documento: **Atualizada**

Atualização em: 01/09/18

Atualização por: Marcelo Lira

Cronograma de GM e Carga | Capital | 1o Turno

Revisão em:

Revisão por:

GERAÇÃO DE MÍDIAS						Urnas Eletrônicas		
ZE		Data				Seções	Contingência	Total
		GM	Dia	Hora	TOTAL UE			
31	MANAUS	24-set	seg	8:00	1.180	207	7	214
31	CAREIRO DA VÁRZEA	24-set	seg	9:00		60	10	70
65	MANAUS	24-set	seg	10:00		289	9	298
59	MANAUS	24-set	seg	14:00		257	8	265
32	MANAUS	24-set	seg	16:00		323	10	333
62	MANAUS	25-set	ter	8:00	1.385	303	9	312
70	MANAUS	25-set	ter	9:00		257	8	265
02	MANAUS	25-set	ter	10:00		221	7	228
37	MANAUS	25-set	ter	14:00		246	8	254
63	MANAUS	25-set	ter	16:00		316	10	326
40	MANAUS	26-set	qua	8:00	1.178	297	14	311
56	MANAUS	26-set	qua	9:00		287	9	296
01	MANAUS	26-set	qua	10:00		280	9	289
66	MANAUS	26-set	qua	14:00		215	10	225
68	RIO PRETO DA EVA	26-set	qua	16:00		54	3	57
TOTAIS					3.743	3.612	131	3.743

CARGA E LACRE					Urnas Eletrônicas			
ZE		Data	Dia Carga	Hora Carga	Seções	Contingência	Total	Total de UE's por dia
62	MANAUS	26-set	qua	14:00	303	9	312	312
66	MANAUS	27-set	qui	08:00	215	10	225	
68	RIO PRETO DA EVA	27-set	qui	14:00	54	3	57	282
31	MANAUS	28-set	sex	08:00	207	7	214	284
31	CAREIRO DA VÁRZEA	28-set	sex	14:00	60	10	70	
32	MANAUS	29-set	sáb	08:00	323	10	333	333
65	MANAUS	29-set	sáb	14:00	289	9	298	298
02	MANAUS	1-out	seg	08:00	221	7	228	493
70	MANAUS	1-out	seg	14:00	257	8	265	
63	MANAUS	2-out	ter	08:00	316	10	326	637
40	MANAUS	2-out	ter	14:00	297	14	311	
56	MANAUS	3-out	qua	08:00	287	9	296	585
01	MANAUS	3-out	qua	14:00	280	9	289	
59	MANAUS	4-out	qui	08:00	257	8	265	519
37	MANAUS	4-out	qui	14:00	246	8	254	
TOTAIS					3.612	131	3.743	3.743

Tabela 5: Cronograma de Geração de Mídia, carga e lacre das urnas eletrônicas. Fonte: TRE-AM.

REGISTROS FOTOGRÁFICOS DAS ELEIÇÕES⁴



Figura 12: Treinamento ministrado aos partidos políticos, sobre contas eleitorais



Figura 13: reunião da Administração do Tribunal com representantes do Facebook e do Whatsapp.

⁴ Todas as fotos foram cedidas pela Assessoria de Comunicação do TRE-AM, de cujo acervo selecionamos as mais representativas das fases da eleição.



Figura 14: Blitz da Comissão de Fiscalização da Propaganda Eleitoral



Figura 15: Efetivo da Polícia Militar que guarneceu o pleito em Lábrea



Figura 16: Servidores levando a Urna Eletrônica para local de votação, em Anori.

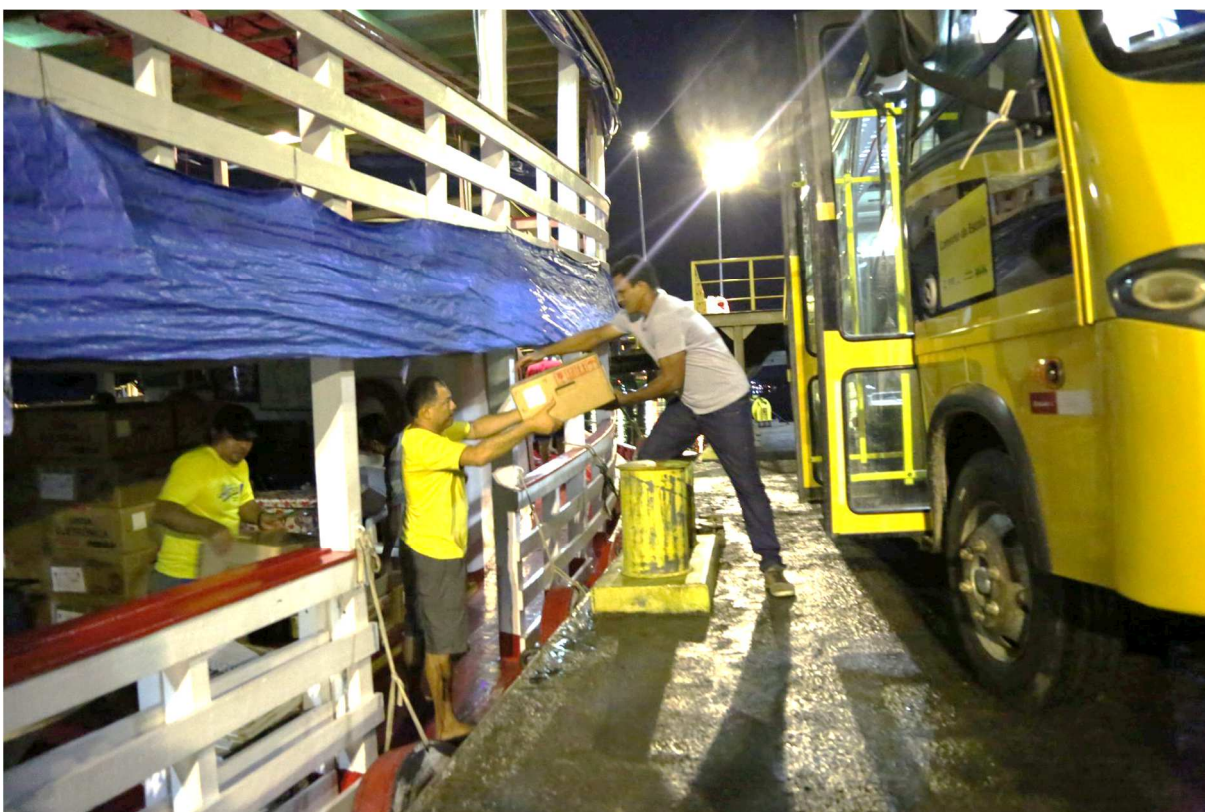


Figura 17: Carregamento de urnas em barco

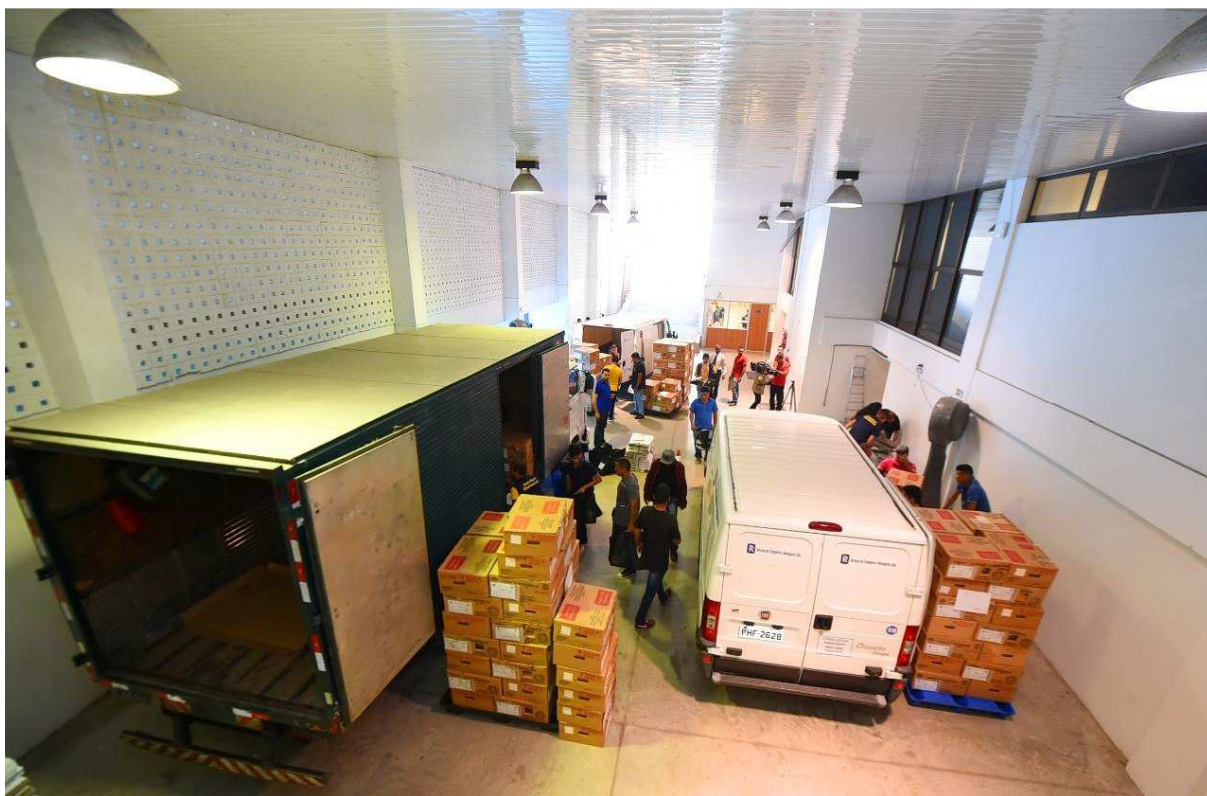


Figura 18: Carregamento de urnas em caminhões, no depósito de urnas



Figura 19: Carregamento de urnas



Figura 20: Carga e lacre das urnas



Figura 21: Treinamento dos Técnicos de Transmissão de dados de votação



Figura 22: Geração das médias de dados



Figura 23: Reunião do Gabinete de Gestão Integrada



Figura 24: Centro de Divulgação das Eleições



Figura 25: Diplomação dos Eleitos



Figura 26: Indígena da etnia Marubo votando.